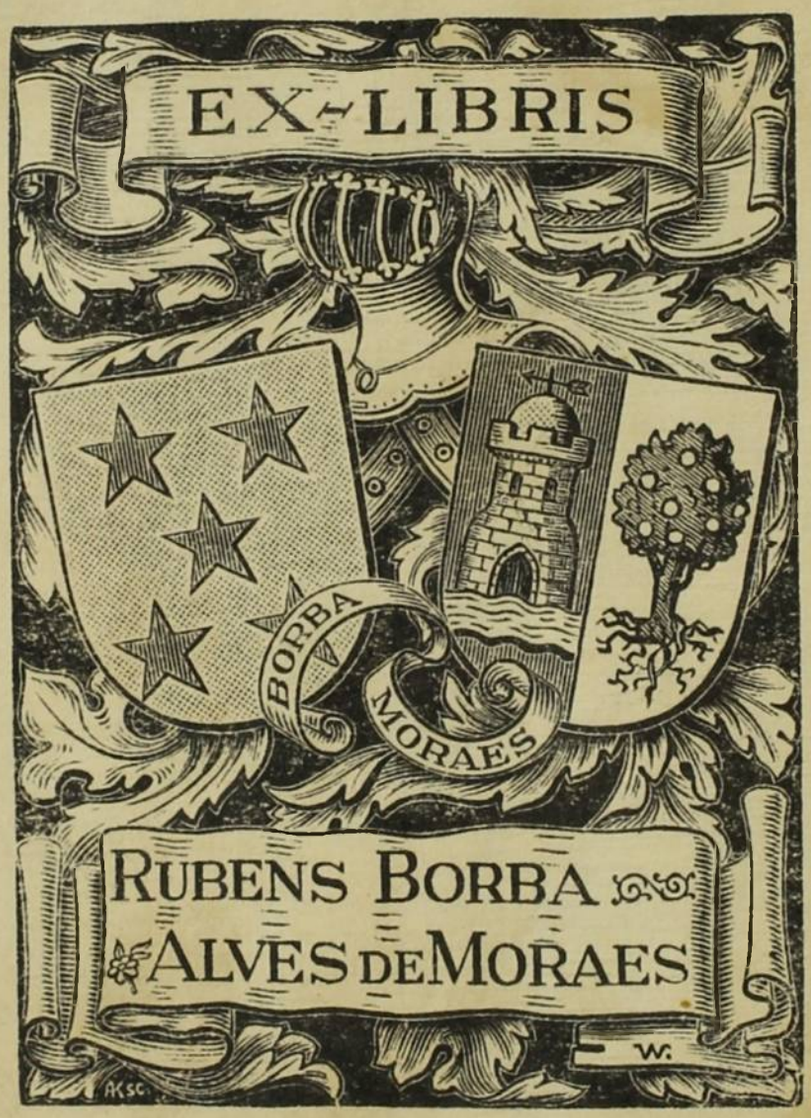
EX-LIBRIS
BORBA
MORAES
RUBENS BORBA
ALVES DE MORAES
W.
A.K.SC.

HISTORIA

DE

PORTUGAL.

COMPOSTA EM INGLEZ POR UMA SOCIEDADE DE LITTERATOS, TRASLADADA EM VULGAR COM AS NOTAS DA EDIÇAÕ FRANCEZA, E DO TRADUCTOR PORTUGUEZ, ANTONIO DE MORAES DA SILVA; E CONTINUADA ATE' OS NOSSOS TEMPOS:

EM

Nova ediçaõ:

POR

HIPPOLYTO JOSÉ DA COSTA.

TOMO II.

LONDRES:

NA OFFIC. DE F. WINGRAVE; T. BOOSEY; DULAU E CO. E LACKINGTON, ALLEN E CO.

1809.

Printed by T. C. Hansard, Peterbro' Court, Fleet Street, London.

INDICE

DOS FACTOS MAIS NOTAVEIS

DA

HISTORIA DE PORTUGAL.

TOMO II.

Contin. da Secçaõ IV. ... *pag.* 1.

[A. D. 1445 -- 1495.]

Que contém os Reynados d'ElRey D. Joaõ I. D. Duarte, D. Affonso V., D. Joaõ II.

Secçaõ V. ... *pag.* 63.

[A. D. 1495 — 1523.]

Do Reynado d'ElRey D. Manuel o Afortunado.

Secçaõ VI. ... *pag.* 138.

[A. D. 1523 — 1580.]

Historia dos Reynados d'ElRey D. Joaõ III., d'ElRey D. Sebastiaõ, e do Cardeal Rey D. Henrique.

INDICE.

Secçaõ VII. ... *pag.* 209.

[A. D. 1580 — 1640.

Sujeiçaõ de Portugal a ElRey Filipe II. de Castella; e Historia daquelle Reyno, sob o dominio dos Reys de Hespanha, até a feliz acclamaçaõ do Senhor Rey D. Joaõ IV.

CONTIN.

HISTORIA

DE

PORTUGAL.

D. AFONSO V. a quem por suas grandes acções chamárão o Africano, era então um dos mancebos mais bem principiados do Reyno. O Regente, que sabia quanto val a boa criação, e que elle a tivéra tal, cuidou muito em procurar a seu sobrinho o mesmo beneficio; dando-lhe a entender, que o orgulho não he senão capa, com que se cobre a ignorancia; que para conseguir o respeito, e acatamento pertencentes ao Soberano, devia adquirir as partes, e qualidades, que adórnão o throno; e que a modestia, e affabilidade érão indispensavelmente necessarias para dar aos Reys o lustre, e explendor, que as exterioridades da pompa, e ostentação nunca podem communicar-lhes. (*a*) 1445,

Junctas as Cortes para declararem a maioridade delRey, o Infante D. Pedro resignou o governo, deo contas da sua administração, e pedio perdão a elRei, e ao Povo dos erros que poderia haver

(*a*) Vasconcellos. Garibay. La Clede.

commettido. ElRei nesta occasião portou-se com tal dignidade, brandura, e Majestade junctamente, que encantou a todos: e concedendo ao tio tudo o que lhe pedîra, as Cortes approvárão a sua Regencia, e o casamento de sua filha D. Isabel com el Rey seu primo, que se celebrou, e em fim assentîrão á supplica, que elRey fez a seu tio, e sogro, que quizesse continuar a ajudallo com seus conselhos. Não se podia na verdade desejar cousa mais arrazoada, e o Duque, governou ainda dous annos pelo mesmo modo, e quasi com tanta authoridade, quanta tivéra sendo Regente. (*b*)

Seus inimigos, que tinhão por chefe o Duque de Bragança seu proprio irmão, e o Arcebispo de Lisboa, continuavão ainda a laborar surdamente contra elle, ridicularisando a sua seriedade, e a sizudeza das suas conversações; e suggerindo más suspeitas da estimação, que delle fazião a Camera, e Povo de Lisboa, e as Cidades grandes do Reino, reduzîrão os mais cortezãos delRei a fallarem pela mesma boca, e estilo. E chegando a alcançar, que elRey não respeitava já tanto a seu tio, dérão mais alguns passos, lisongeando-o, e louvando a sua capacidade, e lhe persuadîrão que já éra tempo de governar por si, e de mostrar ao Povo, que o Regente tinha superior no Reyno. Em fim tivérão a ousadia de affirmar, que o Duque

(*b*) Faria e Sousa La Clede. l. 12.

commettèra grandes erros na sua administração; que tinha uma ambição sem limites, e que em quanto andasse na Corte elRey não seria Rey senão no nome.

D. Afonso V. deo ouvidos a éstas calumnias, e îa esfriando na amizade com o tio á proporção, que ellas se lhe imprimião no animo. Duvida-se todavia se elRey o mandarîa sair da Corte; mas o Duque desgostoso do modo, com que o tratávão, tomou por si a resolução de se retirar, e pedio licença para o fazer a elRey, que lha concedeo com gosto. Apenas o Duque partio, tivérão seus inimigos o atrevimento de acusallo, de ter envenenado a elRey D. Duarte, a Rainha D. Leonor, e o Infante D. João, accusação, que espantou a todos sem ser crida de ninguem (c) e fez vir de Sagres o Infante D. Henrique a justificar seu irmão; mas tãobem a este lhe tapárão a boca assacando-lhe os mesmos crimes. (d)

Os principaes Senhores permanecião constantes na devoção do Duque, e D. Fernando Governador de Ceúta, filho segundo do Duque de Bragança, veio de proposito a Lisboa defender o Duque seu tio contra seu pai. Mas o que passou de mais extraordinario nesta perseguição, foi o que fez D. Alvaro de Almada Conde de Abrantes, que éra tido pelo cavalleiro mais intrepido da-

(c) Le Quien ubi supra f. 420.
(d) Faria e Sousa.

quelles tempos. Este foi ao Conselho armado de todas as armas por debaixo dos vestidos exteriores, e depois de fazer em breves razões a apologia da Regencia do Duque, levantou-se, e dice "se alguem se atrever a sustentar "que D. Pedro Duque de Coimbra não he fiel a "elRey, nem bom patriota, aqui estou prestes "para o fazer confessar pela minha espada, que "quem tal diz mente, e he um aleivoso." Os Cortezãos dicérão, que o Conde insultava elRey, mas este Soberano lhes replicou, que não só o não offendia, mas obrava como homem honrado. (*e*)

Desde então, todos os intentos, não delRey, mas dos inimigos do Duque tirárão a obrigallo a rebellar-se. Para o que fizérão com que o Soberano prohibisse por uma ley a todos qualquer communicação com seu sogro; mas não impedîrão ao Conde de Abrantes; e outros amigos do Regente, que se fossem para elle. Depois mandárão-se-lhe pedir todas as armas, que tinha, ao que o Duque respondeo, que elRey estava de paz, e elle necessitava dellas para se defender de seus inimigos. (*f*) Nisto entreveio a Raynha filha do Duque, e conseguio delRey perdão para seu pai, se elle lho mandasse pedir por uma carta, e avisou a este respeito o Duque, que escreveo a elRey, e á filha, a quem dizia, que por condescender com ella he que pedia tal perdão. Esta Prin-

(*e*) Vasconcellos. Garibay. La Clede l. c.
(*f*) Le Quien l. c. f. 423.

ceza teve a inconsideração de mostrar a carta a elRey, o qual irritado, rasgou a que o Duque lhe escrevêra, e dice, que como o fizéra por condescendencia, tãobem elle retratava a palavra, que lhe havia dado. (g)

O Conde de Abrantes aconselhou ao Duque, que fosse á Corte justificar-se acompanhado de 500 de pé, e de mil de cavallo: e quando o Duque caminhava para a Capital, foi declarado rebelde, e logo depois se vio cercado das gentes delRey, pelo que se houve de postar, como o fez, vantajosamente, fazendo trincheiras para melhor se defender. A qui mandou elRey publicar um edicto, pelo qual sopena de traição, mandava a todos os da companhia do Duque, que o deixassem: mas este edicto não fez effeito, antes mũitos do Campo delRey se fôrão para o Duque, e outros se retirárão. No dia seguinte foi D. Pedro accomettido dos delRey, e quando a briga andava mais acesa, foi morto de uma settada. (h) O Conde de Abrantes continuou a pelejar como desesperado, morreo tãobem com outras pessoas de qualidade. (i) ElRey mandou, que se não sepultasse o corpo do Infante, o qual esteve tres dias no campo sem sepultura, até que alguns camponezes o levárão a enterrar a furto na Igreja d'Alverca. (k)

(g) Faria e Sousa. La Clede ubi supra.
(h) Garibay. Vasconcellos. La Clede l. c.
(i) Faria e Sousa.
(k) Le Quien t. 1. f. 419.

ElRey voltou triunfante a Lisboa, onde os inimigos do Duque fartárão o seu odio, não só nos que tomárão armas por elle, mas até nos que mostravão ser-lhe affeiçoados. Seu filho D. Diogo, com outros muitos fôrão presos; e o Condestavel se refugiou em Castella. E dando-se tratos a varios dos seus parciaes, se lhe fizerão interrogatorios sobre a conspiração, que impozérão ao Duque; mas nem delles se tirou prova algũa, nem dos papeis do Regente, que viérão a poder delRey, e continhão excellentes projectos, que o Duque traçára em beneficio do Real serviço, e do Estado. (*l*)

Seus inimigos espalhárão uma especie de manifesto, que enviárão ao Papa Nicoláo V. do qual foi olhado como um libello infamatorio; e o Pontifice ameaçou com excomunhão aos que lhe denegárão sepultura. (*m*) O Duque de Borgonha, sobrinho de D. Pedro, mandou pedir o seu cadaver, e a elRey, que desse licença aos filhos do Regente, para se irem para seus Estados, petições de que elRey ficou pouco contente. (*n*) E mandando levar o corpo de seu tio para o Castello de Abrantes, fez sobre estar depois nos procedimentos, que se fazião, e dahi a pouco tempo declarou por bons, e fieis vassallos a todos os que seguírão o partido do Duque de Coimbra.

(*l*) Vasconcellos. Ferreras ubi supra f. 598.
(*m*) La Clede t. 1. f. 447. Faria e Sousa.
(*n*) Os mesmos autores citados.

Quando o Infante D. João, que fôra jurado successor á Coroa, falleceo, elRey mandou trasladar com grande pompa o corpo do Regente, do Castello de Abrantes para o Convento da Batalha, (*o*) onde foi sepultado no tumulo, que elle mesmo mandára fazer para si; mas alguns historiadores referem, que isto succedeo alguns annos depois.

Pelo casamento da Infanta D. Leonor com o Imperador Federico III. houve algũa mudança na Corte de Portugal. A Infanta foi levada por mar á Italia acompanhando-a mũitas pessoas illustres de ambos os sexos, e o mesmo Papa fez a ceremonia de a casar com o Imperador. (*p*)

ElRey D. Afonso desejava emprender algũa facção grande, contra os Mouros de Africa; e em quanto se aprestava para a commetter, favorecia as diligencias, com que seu tio o Infante D. Henrique mandava descobrir a costa de Guiné, donde os Portuguezes havião já trazido mũito ouro. Isto acordou o ciume dos Castelhanos; e seu Rey D. João o II. enviou embaixadores a Lisboa, que representassem as pretenções, que elle tinha sobre as Costas de Guiné, dando a entender, que havia de sustentar com as armas os seus direitos, se os Portuguezes insistissem naquella navegação.

ElRey de Portugal replicou, que, como nunca

(*o*) Zurita Annales. Garibay. Ferreras t. 7.

(*p*) Chron. delRey D. Juan II. Faria e Sousa. la Clede l. c. p. 450.

soubéra de taes direitos do de Castella, não éra de admirar, que estava prompto para discutir os interesses de ambas as Coroas, quando elRey de Castella o houvesse por bem: (q) mas como este falleceo não passárão as cousas destes termos. D. Henrique o IV. seu successor, logo no primeiro anno de seu reynado mandou a Portugal um Agente, para negociar secretamente o seu casamento (r) com a Infanta D. Joanna irmãa delRei D. Afonso; negociação, que se concluio em breve tempo, e em segredo, ainda què elRey, e sua irmãa sabîão mũito bem o que se passára a respeito da Princesa D. Branca de Navarra, primeira mulher delRey D. Henrique, e as bem fundadas suspeitas da impotencia daquelle Principe. Alguns mezes depois passou a Infanta para Castella, com a pompa pertencente ao seu nascimento; mas este consorcio foi uma desgraça para ella; e para os Castelhanos, e Portuguezes. (s)

Aos 3 de Mayo de 1455, a Rainha de Portugal deo á luz um minino, que foi baptizado na Cathedral de Lisboa com o nome de João; mũito a prazer delRey e de todos os póvos. (t)

Os Historiadores Portuguezes referem, que o Infante D. Fernando, irmão delRei D. Afonso, passou clandestinamente a Ceuta, com o intento

(q) Cron. delRey D. Juan II. La Clede l. c. f. 450.
(r) Alonso de Palencia. Cron. delRei D. Henrique IV.
(s) Ferreras ubi supra f. 6. 14. Mariana.
(t) Nunes. Ruy de Pina. Ferreras t. 7. f. 24.

de se assignalar em algũa acção contra os Mouros. Mas elRey cuidando, que sairîa da Corte descontente, lhe ordenou, que se recolhesse a ella, e o Infante obedeceo tão promptamente, que elRey lhe deo mũito boas rendas, com que se tratasse. Outros Historiadores referem, que o Infante fôra capitaneando uma frota, que elRey mandava a Africa, e que dando nella a peste em Ceuta, o Infante houve de retirar-se sem tentar nada. (*u*)

A Raynha de Portugal falleceo em Evora aos 2 de Dezembro, de uma doença abreviada; e não sem suspeitas de haver sido envenenada, pelos inimigos de seu pai, que vendo-a grangear mais, e mais cada dia a graça delRey seu marido, e receiando, que depois de conseguir a restituição da fama de seu pai, se quizesse vingar dos ultrajes, que elles lhe fizérão, concluîrão, que o modo mais expedito de se segurarem éra acabar com ella. Toda a Nação mostrou o amor, que tinha a ésta Princeza, tomando luto universal, e imprecando maldições sobre os authores da sua morte. ElRey deo provas mũito evidentes do amor, que lhe tinha, porque nunca depois de casado conservou outra mulher; e mandou enterrar seu corpo com toda a pompa juncto ao do Duque de Coimbra seu pai; e trazer ao mesmo tempo de Castella, o da Raynha D. Leonor, que mandou enterrar na Igreja do Convento da Batalha. (*x*)

(*u*) Faria. Ferreras t. 7. f. 24.
(*x*) Faria. La Clede l. 12.

Como as cousas de Castella ainda não estávão bem assentadas, a Raynha D. Joana instou mũito com elRey seu marido, que se avistasse com elRey seu irmão; e este conveio nestas vistas para se divertir do nojo, que sentia com a morte da Raynha. (*y*) Pelo que na Primavera de 1456 se vîrão os dous Reys, com os seus cortejos, nas fronteiras do Reyno, e fôrão depois a Badajoz, onde o de Castella festejou tres dias ao de Portugal, cujas despezas, assim como a das pessoas da sua Corte mandou satisfazer. Dali passárão a Elvas, onde elRey de Portugal fez igual tratamento ao de Castella: (*z*) e nesta occasião appresentou a Raynha D. Joanna a elRey seu irmão o Condestavel D. Pedro, filho do Regente, que foi recebido delRey com demonstrações de amor, e estimação, restituido em suas dignidades, e bens, e levado a Lisboa (*a*) por elRey seu primo.

Por estes tempos, promulgando o Papa Calisto III. uma Crusada contra os Mouros, mandou elRey esquipar uma boa frota, na qual îá mũita gente, que mandava em soccorro dos Christãos; mas a guerra Civil em Italia, e a morte do Papa, fizérão varar ésta empresa; (*b*) por occasião da qual se diz, que fôrão cunhados em Portugal os Cruzados de ouro de Guiné. ElRey, que fizéra

(*y*) Faria. Ferreras t. 7. f. 25. Alonso de Palencia.
(*z*) Alonso de Palencia. Ferreras l. c.
(*a*) Os mesmos autores.
(*b*) Raynald. Ferreras t. 7. p. 37.

grandes despezas para ésta guerra, e que éra activo, e fogoso, resolveo ir fazella em Africa, animado pelo Infante D. Henrique, seu tio, Mestre da Ordem de Christo, que lhe prometteo acompanhallo com uma boa esquadra dos seus navios. Seguîrão tãobem a elRey o Infante D. Fernando seu irmão com a maior parte da fidalguia, de sorte que toda a armada constava de 200 vellas, onde passárão a Africa 20.000 combatentes.

E desembarcando nas costas daquella Região, cercou elRey Alcaçar, que (*c*) tomou levemente, e lhe poz presidio subordinado a D. Duarte de Menezes. Mas pouco depois da sua partida, veio elRey de Fez cercar aquella praça, e foi tãobem resistido de D. Duarte, que se vio obrigado a levantar o cerco, que os Infieis pozerão segunda, e terceira vez; e desta terîão melhor successo, senão viesse aos cercados um bom soccorro de Portugal. ElRey ordenou então a D. Duarte, que viesse a Lisboa, onde foi recebido com as maiores distinções; e em recompensa de seus serviços o nomeou Conde de Viana. (*d*)

Todos os Portuguezes tivérão summo prazer com o prospero successo das armas nacionaes em Africa; mas este foi aguado com a morte de varios Principes da familia Real. O primeiro que falleceo foi D. Afonso Conde de Ourèm, homem

(*c*) Nunes. Vasconcellos. Ferreras t. 7. f. 62.

(*d*) Le Quien t. 1. f. 445. Faria. La Clede f. 154. t. 1. Ferreras t. 7. f. 71. e 73.

artificioso, mas de grande capacidade, e havido pelo mayor politico do Reino. Seguio-se-lhe logo o Infante D. Henrique, Duque de Vizeu; (*e*) e pouco depois o Duque de Bragança D. Af-

(*e*) Nunes. La Clede t. 1. f. 455. Mariana l. 22. Ferreras t. 7. f. 94. Mayerne Turquet. Este illustre Principe foi IV. filho de D. João o I. Rei de Portugal, e delle temos fallado assás vezes no discurso da nossa Historia. Sobre o tempo de seu nascimento ha algũas difficuldades (*) e o modo com que se escreveo o titulo de seu Ducado causou algũa confusão: mas o proprio nome he *Vizeu*, Cidade situada na Beira, posto que nos Registros da Ordem da Jarreteira se ache escrito *Vizeu*. Não he facil descobrir o quando o Infante foi recebido Cavalleiro desta Ordem: mas he provavel que o fosse no 21 anno do Reynado de Henrique VI. porque neste anno se acha, que se dérão ordens para se levarem as insignias da Ordem a *L'ynfranc De Henryche* tio delRey de Portugal, (Antis Order of the Garther t. 1. f. 180.) o que parece significar, o Infante D. Henrique, mal escrito.

Por causa da mesma má Ortographia se lê no registro da Ordem *Queneburgh* por Coimbra; o que prova quanto melhor seria, que os cathalogos se escrevèrão em Latim. (Heylin; Ashmole, Antis, e todos os que tratárão este assumto.) He certo, que Monsieur Antis: que escreveo a vida deste Principe emendou mũitos erros, em que caírão os escritores, que lhe precedèrão, mas tãobem elle incorreo nos seus, como he v. g. dizer que o Infante assentou casa no Cabo de S. Vicente, e depois foi residir em Sagres no Algarve,

(*) O P. Francisco Jozé Freire escreve na vida deste Principe, que nasceu aos 4 de Março de 1394, e falleceo aos 13 de Novembro de 1460.

onso, pai do Conde de Ourèm, que seria digno dos mayores elogios, senão devesse os principios da sua elevação ao favor do Regente D. Pedro seu

Algarve, (V. History of the thirteenth stall, on the Prince's side) sendo certo, que elle nunca mudou de residencia. He certo que elle fundou a Villa de Sagres, distante algũas milhas do Cabo de S. Vicente, e fez ahi um dos melhores portos, e praças do Reyno, a respeito do estado da Marinha daquelles tempos. (Resende. Colmenares apud Rhy, Tour through Portugal.)

Este Infante, não só foi um dos mayores homens do seu tempo em Portugal, mas um dos mais excellentes, que se tem visto em todas as Nações, e em todas as idades. E posto que isto he mũito dizer em seu louvor, todavia não exageramos nada nem affirmamos cousa, que não seja mũi somenos de seus merecimentos. E seja qual for a differença, que ha entre o estado da Europa agora, e o em que se achava nos tempos de D. Henrique, he indisputavel, que todas as vantagens procedidas do descobrimento da mayor parte da Africa, e da India Oriental, e Occidental, e todas as que dellas se derivarem até o fim dos seculos, se devem ao genio, e diligencias deste Principe, a não as querermos attribuir em parte a elRey D. João seu pai, que vendo a propensão, que elle tinha para a Mathematica, lhe deo na mocidade bons mestres, e depois foi accrescentando nas rendas do Infante, com que elle pôde aproveitarse dos seus conhecimentos.

Já vimos os descobrimentos, e Conquistas, que o Infante D. Henrique fez á sua custa; e o modo, com que se houve nos negocios internos do Reino. Agora accrescentaremos, que elle não só foi o primeiro descobridor de novas terras por seus enviados, mas inspirou o gosto dos Descobrimentos, com que depois se fizérão grandes coisas. O Infante tinha

irmão, e não subisse depois ao mayor auge da grandeza, solicitando a ruina de seu bemfeitor, quando já não tinha que esperar delle, circunstancia, que sua familia sentio depois, quando menos o cuidava. *(g)*

tinha as ideias mais exactas da Esfera, e mostrou a utilidade da Longitude, e Latitude na Navegação, e o meyo de as achar, com o soccorro das observações astronomicas: sabîa álem disto mũito bem a architetura Naval, e conhecia perfeitamente quantos fruîtos resultarcão do augmento da Navegação, das fundações das Colonias, e dos progressos do Commercio exterior.

E tão bem soube inspirar os seus sentimentos nos animos de seus discipulos, que nenhuns esforços da ignorancia e superstição bastárão a apagállos, e a Patria foi a primeira, que recolheo os frutos dos seus talentos. Não se sabe ao certo o tempo da sua morte: nós a pozemos aqui fundados em grandes autoridades, (Vasconcellos. Faria e Sousa.) que todavia não temos por infalliveis. Se o Infante falleceo de 76 annos, não podia morrer em 1460, nem em 1461, (Ferreras t. 7. 94.) porque então seria mais velho que seu irmão o Infante D. Pedro, o que elle não éra certamente. Mr. Antis acusa o Doutor Helin de referir a sua morte no anno de 1655 (In his Cosmographus,) assinando por boa razão, que Lord Duras se acha registrado na Ordem antes daquelle tempo: (Order of the Garter,) mas tãobem aqui nos faltão as luzes, porque não nos consta com certeza, quando o Lord foi feito cavalleiro da Jarreteira. Um autor celebre, (João de Barros,) diz, que o Infante passou desta vida em 1463, e se elle tinha 76 annos, quando falleceo, he provavel, que ésta data se conforme com a verdade.

(*g*) Vasconcellos. La Ciede. l. c. Le Quien t. 1. f. 447. Para a noticia da Historia de Portugal importa summamente

ElRey vendo tranquillos os seus Estados, resolveo emprender outra expedição contra Africa

mente ter uma ideia clara de toda a genealogia da Casa de Bragança, que hoje tem a Soberania deste Reino, e que descende deste Duque. Elle foi o unico filho natural delRey D. João o I., de que ha memoria nas historias, e certamente éra mais velho do que os filhos legitimos daquelle Monarcha, posto que não saibamos determinar a época do seu nascimento. ElRey seu pai o fez Conde de Barcellos, e lhe deo por mulher D. Beatriz filha do Condestavel Nuno Alves Pereira, Conde de Arroyolos, e de Ourèm, por cuja morte seu genro se achou com 3 Condados, succedendo nos dous do sogro.

Seu irmão D. Pedro, Duque de Coimbra, e Regente do Reino (contra quem elle tomou armas, e com quem só apparentemente se reconciliára) lhe deo em nome delRey seu sobrinho o senhorio de Bragança, com titulo de Ducado. Este primeiro Duque de Bragança, casou duas vezes, a primeira com D. Beatriz, de quem já dicémos; e a segunda com D. Constança de Noronha filha de D. Afonso Conde de Gijon, e de D. Isabel de Portugal. Desta mulher não teve successão, mas a primeira lhe deo dous filhos, e uma filha.

O mais velho delles, que se chamava D. Afonso Conde de Ourèm, morreo pouco antes de fallecer seu pai, e foi reputado por um dos homens mais habeis do seu tempo. Deixou de D. Beatriz de Sousa sua amiga um filho natural por nome D. Afonso, que foi Arcebispo de Evora, e deixou tãobem dous bastardos, do mais velho dos quaes chamado D. Francisco, descendem os Condes de Vimioso.

D. Fernàndo filho segundo do Duque de Bragança foi Marquez de Villareal, o Conde de Arroyolos; e elRey D.

para Conquistar Tangere, praça, que sempre foi motivo de seu resentimento, e de sua ambição; porque os Portuguezes se tinhão visto baldados na tentativa, que fizérão por tomálla; e porque custára a liberdade, e a vida do Infante D. Fernando seu tio. Pelo que se embarcou para aquelle porto acompanhado de seu irmão o Infante D. Fernando, a quem fizera Duque de Vizeu; de D. Pedro o Condestavel Duque de Coimbra, do Conde de Viana, e mũitos outros fidalgos não menos distinctos por sangue, do que por mũitos feitos valorosos. (*h*)

O primeiro commettimento não foi feliz; porque o Infante D. Fernando querendo sobresaltear

Afonso V. seu primo, o fez Duque de Guimarães, em premio do bem que o servira em Africa. D. Isabel filha do Duque de Bragança casou com D. João de Portugal seu primo, de quem teve D. Diogo, que morreo sem successão.

E tornando a D. Fernando, que por morte de seu irmão foi o segundo Duque de Bragança, e casou com D. Joana de Castro filha do Senhor de Cadaval, de quem teve 4 filhos, e 3 filhas; a saber D. Fernando, de quem fallaremos noutro lugar, D. João, Marquez de Montemór, e Condestavel de Portugal, que morreo em Castella sem successão; D. Alvaro Conde de Olivença; e D. Afonso de Faro, e de Odemira tronco dos Condes deste titulo; D. Catherina, que falleceo esposada com o Marquez de Marialva: D. Beatriz casada com o Marquez de Villa-Real, e D. Guiomar mulher do Conde de Loulé. A historia mostrará a necessidade desta larga Nota.

(*h*) Vasconcellos. La Clede t. 1. f. 455.

Tangere com pouca gente, foi inteiramente desbaratado, e salvou-se com summo trabalho. El Rey para se vingar desta desgraça entrou a estragar a terra; mas tãobem escapou de outra mayor, que éra ficar prisioneiro, da qual o livrou o Conde de Viana a custo da propria vida; porque caindo nas mãos do inimigo foi morto com toda a deshumanidade. (*i*) Ficárão prisioneiros nesta occasião o Conde de Marialva, e Gomes Freire, que fôrão caramente resgatados; assim que toda ésta expedição não teve nada de felice.

Por estes tempos foi o Condestavel D. Pedro convidado pelos Catalães para ser seu Rey, e por tal acclamado; e depois de passar infinitos perigos, e trabalhos, morreo ou de tristeza, ou de peçonha. (*k*) Entre tanto andou Castella sempre em revoltas; e elRey D. Afonso se vio por varias vezes com seu cunhado elRey D. Henrique, e sua irmãa; ajustando-se em uma destas vistas o casamento delRey de Portugal com a Infanta de Castella D. Isabel, irmãa del Rey; e em outra tal occasião, o de D. João Principe herdeiro de Portugal com D. Joanna filha del Rey de Castella. Mas estes casamentos não tivérão effeito, e só servîrão de ateiar mais as chamas, e por fim um incendio de discordias, que abrasou com trabalhos as duas Nações Portuguezas, e Castelhana. (*l*)

(*i*) Faria e Sousa. Vasconcellos. Ferreras t. 7. f. 127.
(*k*) Zurita Annales. La Clede l. 12. Le Quien.
(*l*) Alonso de Palencia. Ferreras t. 7. f. 129. e 130.

ElRey de Portugal tinha tão assentada na vontade a dilatação das Conquistas de Africa, que logo que via seus tesouros reformados da exinanição, que nellas fazia uma guerra, cuidava immediatamente em emprender outra. O principal motivo, que o movia a isto, éra o desejo de ter nas Costas d'Africa algũas praças, que protegessem o Commercio, que seus Vassallos abrîrão com a Costa de Guiné, e que já então fundia mũito. Sobre isto querîa inspirar terror, nos Principes Mouros de Africa, atalhar a que se communicassem com os Granadinos, e tirar grossas contribuições das grandes, e ricas Cidades da Costa d'Africa, que fazião avultado Commercio, e que elle não podèra subjugar de todo em todo.

Com este intento esquipou elRey uma boa frota, e embarcou nella mũita gente á ordem de D. Fernando Duque de Vizeu, a quem fizéra Condestavel por morte de D. Pedro, e que éra tãobem Mestre das Ordens de Christo, e Sant' Yago. Este Principe houve-se desta vez com mais prudencia, e tomou Anafé, (*m*) lugar do Reyno de Fez, sito na margem do Oceano Atlantico, e por este meio adquerio noticias tão certas do estado de algũas outras praças importantes, que por informações dos Officiaes, e Ingenheiros de que o Duque se servio, veio elRey a resolver-

(*m*) Ruy de Pina. Le Quien l. c. f. 454. Goes Chron. do Principe D. João Cap. 17.

se em passar á Africa pessoalmente no anno seguinte, com grande poder, e firme esperança de conseguir, o que havia tanto desejava, e requestára de balde.

As disposições, que elRey fez, em quanto seu irmão andou em Africa, poserão-no em condição de cumprir em tudo o seu desejo. O Principe D. João seu filho, unico herdeiro da Coroa; D. Fernando Duque de Guimarães; D. João Coutinho Conde de Marialva, D. Alvaro de Castro Conde de Monsanto, D. Henrique de Menezes Conde de Valença, e muitos outros senhores, o acompanhárão nesta jornada, cuja frota se compunha de mais de 300 velas, em que ião embarcados 30.000 homens. ElRei deixou o Regimento do Reyno á Infanta D. Joana sua filha, e lhe deo por principal conselheiro o Duque de Bragança. (*n*)

Feito isto partio de Lisboa aos 15 de Agosto, e na altura da Costa d'Africa teve um temporal tão forte, que a armada se desunio, e desapparecèrão muitos vasos della. Mas junctando-se depois, appareceo diante de Arzila, sita no Oceano Atlantico, em distancia de quazi 50 milhas do Estreito de Gibraltar, e que éra o alvo principal desta expedição. D. Afonso a combateo com todo o vigor, e os Mouros fizérão uma das mais porfiadas defezas; mas em fim fôrão entrados d'as-

(*n*) Faria e Sousa. Le Quien t. 1. f. 455.

salto; e dos que escapárão uns se acolhèrão ao Castello, outros a huma Mesquita, onde tinhão em guarda os seus moveis mais preciosos.

ElRey mandou dar combate a ambos estes postos; e perdeo nesta briga os Condes de Marialva, e de Monsanto. (*o*) E vendo o corpo do primeiro por terra, voltou-se ao Principe, e lhe dice "Deus te faça tão bom Cavalleiro, como aquelle "que ali jaz." (*p*) Os Portuguezes daquelle tempo perdião a vida, mas não se deixávão vencer; e a gente de guerra, posto que ficou mui sentida com a morte daquelles dous fidalgos, tãobem se deixou entrar mais da colera, e paixão de os vingar.

Na manhãa seguinte renovárão-se os ataques, e o Castello, e Mesquita fôrão ganhados á ponta d'espada. A preza, que se achou foi immensa, principalmente pelo resgate de cinco mil prisioneiros, e entre elles de duas mulheres, e dous filhos de Mulei Xeque senhor de Arzila. ElRey deo logo provas da sua Religião, reconhecimento, e generosidade, mandando purificar a Mesquita mayor, onde deo graças a Deus pela victoria, e armou Cavalleiro o Principe seu filho. Ao irmão

(*o*) Goes Cron. do Principe D. João Cap. 25, e 26.

(*p*) La Clede t. 1. f. 459. Mariana l. 39. §. 96. Goes na Chronica do Principe Cap. 28 diz, que elRey dicéra isto ao Principe, quando o armou cavalleiro estando na Mesquita o Cadaver do Conde de Marialva: e o mesmo se lê nos Elogios dos Reys por Brito, elogio. 15.

do Conde de Monsanto defuncto fez mercè deste titulo; ao filho do Conde de Marialva, ainda que muito moço, conferio todas as dignidades, que o pai tinha, em premio de seus largos, e fieis serviços: e ao Conde de Valença accrescentou o Governo de Arzila sobre o de Alcacere, que já lhe déra.

Com as duas mulheres do Xeque, e um de seus filhos, resgatou elRey o Corpo do Santo Infante seu tio, a quem os Infieis levantárão um tumulo por monumento da sua victoria; e o mandou levar ao Convento da Batalha com grande pompa. (*q*) Mas ao outro filho do Xeque nunca quiz abrir preço, e trouxe-o a Portugal, onde lhe deo educação conveniente a seu nascimento; e depois o enviou gratuitamente a seu pai: pelo que os Mouros lhe chamávão depois Mahomet o Portuguez. (*r*)

A tomada de Arzila, e a perda dos defensores da Cidade, aterrou os Mouros de sorte, que os de Tangere deixárão ésta praça, que se tinha por inconquistavel; o que sendo sabido delRey, mandou lá, um descatamento para tomar posse da terra, e depois foi elle em pessoa. (*s*) Esta Conquista importante, e não esperada satisfez a ambição delRey; e depois de prover o melhor, que pôde na segurança das novas Conquistas tornou

(*q*) Vasconcellos. Bernaldes. Mariana. Faria e Sousa.
(*r*) La Clede t. 1. f. 460. Marmol.
(*s*) Le Quien l. c. Marmol.

para o Reyno coberto de gloria; e desde então se lhe deo o appellido de *Africano*, accrescentando este Rey ao ditado de seus predecessores o titulo de *Senhor dos Algarves dáquem, e d'álem mar.* (*t*) E para perpetuar a memoria de suas Conquistas, mandou-as representar no lavor das tapeçarias, exemplo, que alguns dos mayores Principes, e dos Capitães mais famigerados imitárão depois.

Em quanto elRey andava em Africa succedeo um caso, que esteve para ser occasião de rompimento entre Portugal, e Inglaterra. O bastardo Falcombridge roubou doze navios mercantes, Portuguezes, que vinhão de Flandes ricamente carregados; por cuja acção elRey se irritou mũito; mas sabendo, que isto se fizéra durante a revolução, que obrigára elRei Duarte IV. seu alliado a retirar-se para á Corte do Duque de Borgonha, e que havia reposto por algum tempo no throno a Henrique VI., abrandou; e pouco depois se accommodárão as cousas de sorte, que se restabeleceo a boa harmonia entre as duas Nações. (*u.*)

(*t*) Faria e Sousa. Le Quien t. 1. f. 457.

(*u*) Faria e Sousa. Damião de Goes na Chronica do Principe cap. 20 refere este caso com algũa variedade, e conta, que tornando elRey de Arzilla, aos 10 de Dezembro de 1471 dera cartas de Marca aos corsarios Portuguezes para reprezarem sobre os Inglezes, no que os nossos tiverão tão boa maneria com os damnos, que fazião aos Inglezes, que elRey Duarte d'Inglaterra, mandou

sobre

A gloria delRey achava-se em seu auge, e todo o seu Reynado serîa tão feliz como glorioso se elle não se mettesse no difficil negocio da successão de Castella, que havia mũito tempo lhe levava as attenções. Mas em quanto a via ao longe, e remota, portou-se elRey sabia, e politicamente, dando respostas vagas, e ambiguas, com que sem desanimar os parciaes de sua sobrinha, não se penhorava a si absolutamente; e assim procedeo até á morte delRei Henrique IV. que declarou aquella Princeza sua filha, e herdeira, de sorte que elRey se vio obrigado a declarar-se por um, ou outro partido. (*x*)

Sobre isto consultou os do seu Conselho; e o Principe seu filho com a mayor parte dos fidalgos deslumbrados com o explendor da Coroa de Castella, e sem distinguirem a que parte elRey pendia, votárão que aceitasse as proposições, que se lhe fazião, e casasse com a Princeza de Castella D. Joana sua sobrinha, logo que obtivesse as dispensas do Papa. O unico, que a isto se oppoz foi o Duque de Bragança, dizendo que os senhores Castelhanos não mirávão se não ao seu interesse par-

sobre isso a estes Reynos seus Embaixadores, donde se seguio restituição dos bens roubados, paz, e amizade, &c. Isto mesmo refere Duarte Nunes de Leão na Chron. delRey D. Afonso V.

(*x*) Le Quien t. 1. f. 450. Palencia, Ruy de Pina, Ferreras t. 7. f. 415.

ticular, e que elRey não devia com seguridade fiar-se nelles.

Mais elRei, vendo que o Duque éra tio da Raynha D. Isabel de Castella, não fez caso das suas razões, nem das do Arcebispo de Lisboa, que falou pelo mesmo teior. Todavia, a instancia deste Prelado mandou um Agente a Castella, o qual voltando ao Reyno, dice, que mũitos dos fidalgos Castelhanos principaes, e mũitas Cidades estávão de animo disposto a defender os direitos da Princeza. Pelo que se assentou romper guerra, com que se sustentassem as pretenções daquella infeliz senhora, e arriscar todas as forças do Reino para se conquistar o de Castella. (*y*)

E resumindo os successos desta guerra desgraçada, será bom advertir aqui, que elRey D. Afonso imcumbindo-se da causa da Princeza D. Joanna sua sobrinha, contra D. Fernando e D. Isabel, que se intitulavão Reys de Castella, fez o mesmo que o Rey desta monarchia D. João II., quando tentou sustentar as pretenções de D. Beatriz contra elRey D. João o I. avô deste D. Afonso V. Disputava-se em ambos os Reynos sobre a Legitimidade do nascimento das Princezas, e havîão em ambas as Nações grandes bandos a favor, e con-

(*y*) Pulgar Chron. de los Reyes D. Fernando y D. Isabel. Palencia. Ruy de Pinã. Mariana l. 24. Ferreras t. 7.

tra, que todos fôrão desgraçados: e vîrão-se em um, e outro caso os Reys grandemente embarassados, e enganados no conceito, que formávão da vontade dos póvos. Quando elRey de Castella quiz Conquistar Portugal, e reduzillo a Provincia, os Castelhanos enfadárão-se logo da guerra, e censurárão elRey por fazer pazes: e quando D. AfonsoV. emprendeo Conquistar Castella, os Portuguezes á primeira pelejávão com ardor, mas porque os successos não respondião ás suas esperanças, enfadarão-se, e descontentárão-se, obrigando com isto principalmente a elRey a desistir das suas pretenções: e quando elle isto fez, tãobem o reprehendérão, e attribuîrão os males, que depois sobreviérão ao Estado, a uma timidez, que nascia antes do procedimento delles, que da inclinação do Soberano.

Por tanto em casos identicos, melhor será pairar mũito tempo antes de tomar qualquer resolução, do que penhorar-se acceleradamente em algũa empresa difficil, e depois de se derramar mũito sangue, e se desbaratarem grandes thesouros, vir a contentar-se com partidos inferiores aos que a principio se podèrão conseguir. E no exemplo, de que agora se trata, a perda da batalha de Toro, em que os Portuguezes dizem, que elRey D. Fernando mostrou pouco valor, e os Castelhanos, que elRey D. Afonso se houve mũito mal, a perda desta batalha (como dizia) mudou a face dos negocios; impossibilitou elRey para soster as

suas pretenções sobre Castella; e desordenou de sorte as suas cousas, que elle se resolveo em ir á França com esperanças de alcançar soccorro de um Principe igualmente incapaz de tomar uma resolução generosa, e de a declarar altamente. (z)

Esta jornada he um dos passos mais confusos da vida delRey D. Afonso, o qual nós trabalharèmos por acclarar quanto mais nos for possivel. ElRey de Portugal estava intimamente convencido da impossibilidade de conquistar Castella, sem soccorro Estrangeiro; e quando traçava os meios de o conseguir chegou da Corte de Luiz XI. de França D. Alvaro de Ataide. Aquelle Monarcha, tinha guerra com elRey de Aragão, e faltando-lhe o mais leve motivo de crer que tinha por si a D. Fernando, e D. Isabel, tanto lisongeou o Embaixador Portuguez; e exaltou o valor, e generosidade delRey de Portugal em tanto extremo, que o Embaixador veio affirmar a seu amo, que não havia cousa, que elle senão podesse prometter da amizade delRey de França. Pelo que elRey voltando a Portugal enviou sua sobrinha para á Guarda, e passou ao Porto com animo de se embarcar ali numa esquadra de 21 navios, ou galés, acompanhado de 500 Fidalgos, e um corpo de 2.200 homens. (a)

(z) Faria e Sousa, Mayerne, Turquet.

(a) Faria e Sousa. La Clede l. 13. Pulgar. Ruy de Pina, Ferreras ubi supra.

Alguns de seus Ministros tentárão dissuadillo desta viagem; mas elRey era tão sincero, e de tal candura, que teve as suspeitas dos Conselheiros por effeito de suas almas acanhadas, e as reputou indignas da attenção de um Rey. Pelo que fazendo-se á vela foi tocar Ceuta, donde navegou para Marselha, e desembarcou em Calioure, por causa dos ventos contrarios. Dali enviou a Luiz XI. D. Francisco de Almeida, a requerer-lhe, que apontasse um lugar, onde se avistassem. Depois marchou a Pariz pelo caminho de Perpinhão, onde em honra de tão illustre hospede se deo liberdade a todos os prezos.

El Rey Luiz XI. veio encontrar o de Portugal em Bruges, e recebeo-o com as maiores honras; mas na firme resolução (diz um Historiador Francez) de lhe não fazer outra cousa, (*b*) Entretanto prometteo a D. Afonso todo o seu auxilio, quando se visse desobrigado de vigiar sobre o Duque de Borgonha; aconselhou-o, que conseguidas as dispensas do Papa casasse com sua sobrinha, o que lhe darîa um direito incontestavel á Coroa de Castella: e lhe prometteo, que quando a tivesse alcançado elle nomearia Commissarios, que determinassem o soccorro de dinheiro, e gente, que lhe havia de mandar. (*c*) Em fim porpoz a elRey D. Afonso varios projectos, e meios de ganhar os

(*b*) Daniel. P. Mathieu. Du Pleix, Ferreras t. 7.
(*c*) Vasconcellos, Ruy de Pina, &c.

Governadores das Provincias, e Cidades Principaes de Castella.

ElRey satisfeito do successo de sua negociação emprendeo fazer uma paz firme entre o de França, e o Duque de Borgonha, para o que foi ter com o Duque em Nanci. Este Principe fez quanto pode pelo desenganar, e dar-lhe a entender, que elRey Luiz não tinha a menor tenção de cumprir nada do que lhe promettèra; e sendo o Duque morto pouco depois, tornou elRey D. Afonso para França, e a rogos delRey Luiz veio a Pariz, onde foi mũito bem tratado.

No em tanto chegou a dispensa de Roma, e elRey de Portugal foi buscar o de França em Arraz, para lhe instar pelos soccorros promettidos: mas não achou nelle senão dissimulações, e delongas, de sorte que veio a entender, que o trazião enganado. (*d*) Pelo que se foi dali a Ruão esperar a sua armada, e sabendo, que elRey Luiz tratava em Bayona de fazer pazes com os Reys D. Fernando, e Isabel, sentio tanto este procedimento, que tomou a resolução de ir-se a Jerusalem viver na solidão o resto de seus dias: e saîo de Ruão com dous pagens, e mais duos criados, e Estevão Martins seu Capellão.

Deixou elRey em partindo a um dos seus criados quatro cartas para as levar a Antonio de Faria, que o Principe D. João seu filho mandára ter

(*d*) Os mesmos autores.

com elRey: uma éra endereçada a elRey Luiz, a quem informava do seu intento, e pedia quizesse proteger as pessoas, que o acompanhárão á França. A segunda éra para o Principe seu filho; e nella lhe ordenava, que se acclamasse Rey, porque elle não tornarîa já mais a Portugal: a terceira dirigi-a aos Grandes, e Povo de Portugal, mandando-lhes, que reconhecessem o Principe por seu Rey: e a quarta éra para os que o acompanhárão na jornada, a quem ordenava que estivessem á obediencia do Conde de Faro até chegarem ao Reyno. (*e*)

Dadas as cartas a quem pertencîão, mandou elRey de França fazer todas as diligencias por descobrir o de Portugal, e Robinet le Beuf, Cavalleiro da Normandia o veio achar. Fôrão logo ter com elRey os Fidalgos, que o acompanhárão á França, e lhe persuadîrão que tornasse para Portugal; e elRey Luiz, que concluîra a paz com Fernando, e Isabel, lhe deo de boa vontade as embarcações necessarias para se retirar a seus Estados. (*f*)

Este anno, que elRey esteve ausente, governou o Principe D. João o Reyno com summa prudencia; dando-se com todo o cuidado possivel a remediar as desgraças, que acontecèrão, e a fazer,

(*e*) Palencia, Faria e Sousa. Goes. La Clede, Ferreras.

(*f*) Pulgar, e os mesmos autores.

quanto delle dependia, que os povos não sentissem os effeitos de guerra tão desaventurada. Esta sua actividade, e o bom successo das suas diligencias, lhe conseguîrão os agradecimentos das Cortes, que junctou em Montemór, onde se lhe concedèrão todos os subsidios, que pedio, e depois de concluir as sessões dos Estados passou a Evora para defender aquella fronteira.

Apenas chegára ali, quando Alonso de Cárdenas official Castelhano dos mais atrevidos marchou contra a Cidade, na frente de 3 mil de Cavallo, e 15 mil homens d'Infanteria. O Principe, vendose falto de tanta gente, com que podesse resistirlhe, usou de um estratagema, e mandou dizer ao Cardenas, que se queria dispor para lhe saîr ao encontro no dîa seguinte. Cardenas respondeo, que não sabia, que tinha o Principe tão perto, mas que elle mesmo o irîa buscar, por lhe poupar trabalho. O Principe vendo frustrado este artificio, mandou sair da Cidade D. Garcia de Menezes, e que fosse correr uma, e mũitas vezes todas as estradas, por onde o Castelhano havia de vir a elle. Na manhãa seguinte, quando Cardenas marchava a encontrállo, vendo tantos rastos de cavallos suspeitou que o Principe fôra soccorrido aquella noite, e tornou para donde saîra. (*g*)

O Principe, ordenadas as cousas, voltou para

(*g*) La Clede t. 1. f. 474.

Lisboa, e dahî a Santarèm, onde lhe chegárão as cartas delRey seu pai, e por conselho dos Nobres, e Prelados se fez acclamar Rey aos 10 de Novembro de 1473. Aos 15 do mesmo mez chegou D. Afonso V. a Cascaes, (*h*) e dizem, que o Principe andando a passear á borda do Téjo com o Duque de Bragança, e o Arcebispo de Lisboa, quando soube da chegada de seu pai, espantado daquella noticia perguntou aquelles senhores "*como o havia de receber?*" e que o Duque lhe respondeo "*como a vosso pai, e vosso Rey.*" (*i*) A isto calou-se o Principe por algum tempo, e levando de hum seixo o atirou com grande força contra o rio; sobre o que o Arcebispo dice em voz baixa ao Duque, *aquella pedra nunca me ha de dar a mim na cabeça*, e desde então se resolveo a sair-se de Portugal para Roma. (*k*) Depois que o Principe tornou um pouco sobre si, foi buscar el-Rei seu pai, e não só lhe mostrou todo o respeito, mas grande prazer de sua tornada. ElRey não querìa conservar senão o titulo de Rey dos Algarves, mas o Principe lhe representou, que no Reyno não podia haver mais de um Soberano, e que estando elle seu pai ali, não ficava lugar para outro Rey; (*l*) e de-

(*h*) Palencia Ruy de Pina. Goes. Ferreras t. 7. f. 510.

(*i*) Le Quien t. 1. f. 477. Faria e Sousa.

(*k*) Vasconcellos. Le Quien. La Clede.

(*l*) Ruy de Pina, Vasconcellos. Goes.

pois justificou no seu procedimento a sinceridade, com que dizia isto.

Logo que D. Afonso V. reassumio as redeas do governo, trabalhou por continuar a guerra com Castella, e grangear novos amigos naquelle Reyno, em lugar dos que havião deixado o seu partido. Durou a guerra dous annos mais, em cujo intervallo o Papa anullou a dispensa que dera a elRey, e o matrimonio contrahido por elle com sua sobrinha D. Joanna, que não foi consumado. Em fim o Estado das cousas do Reyno; a esquivança, que o Principe mostrava ao proseguimento desta guerra, obrigárão elRey a tratar de pazes, induzindo-o tãobem a isso D. Beatriz Duqueza de Vizeu: e depois de larga negociação se vierão a ajustar por um Tratado, feito no lugar das Alcaçovas, com mũitos Capitulos, e condições.

Mas o que delle importa aqui referir he, que por um artigo seu a Princeza D. Joana de Castella seria obrigada a não casar, até que o herdeiro de D. Fernando, e D. Isabel a podesse receber por mulher; e que não agradando ella ao Principe, se desobrigaria deste contracto dando á Princeza certa somma. Os Historiadores Portuguezes dizem, que ella se offendeo mũito desta estipulação, e que por isso se resolveo a entrar em Religião como entrou no Convento de S. Clara de Coimbra. (*m*)

(*m*) Pulgar. La Clede l. 13. Ferreras t. 7. 8. 545.

Antes da ratificação da paz, os Reys de Castella, que renunciávão pelo tratado ás suas pretenções sobre Guiné, mandárão lá 30 navios, que os Portuguezes aprezárão, com todas as riquezas, que trazîão: e este incidente, com alguns mais, apressárão a conclusão, e ratificação do tratado que já se demorava mũito. (*n*)

Quazi pelos tempos, em que a infeliz Princeza D. Joanna professou no Mosteiro de Santa Clara, elRey D. Afonso adoeceo gravemente, e depois de convalescido, vendo o grande estrago, que a peste fazia no Reyno deo numa extrema melancolia, e cuidou segunda vez em renunciar o regimento do Reyno no Principe seu filho, a quem dice que quando tornára a acceitar o governo do Reyno, duas cousas principalmente o movérão, e forão I. terminar a guerra com Castella; e em segundo lugar reconciliar a elle Principe com a casa de Bragança. (*o*)

Qual fosse a origem da inimizade entre o Principe, e esta familia, não se sabe ao certo. Dizem uns, que D. Filipa filha do Regente D. Pedro, e tia materna do Principe D. João, fomentava nelle os desejos de vingar a morte daquelle Infante, e lhe mostrava mũitas vezes a camisa ensanguentada, com que morrera. Outros attribuem a aversão do Principe ao Duque, ás fortes representações, que este lhe fizera sobre a conversação, que tinha

(*n*) Faria e Sousa Le Quien t. 1. f. 482.
(*o*) Faria. Le Quien t. 1. f. 482.

com D. Anna de Mendonça dama de honor da Infanta D. Joanna. Mas parece, que a verdadeira, ao menos a principal causa deste odio, éra a pretendida devoção do Duque a elRey de Castella, de quem era mui proximo alliado. (*p*)

ElRey tentou persuadir ao Principe, que as suas suspeitas erão mal fundadas, e lhe asseverou, que a amizade, que sempre tivera ao Duque assentava na fidelidade, e sinceridade, que nelle achou constantemente. Mas tudo isto demoveo pouco o animo do Principe, o qual posto que lhe não desagradava a resolução delRey seu pai, todavia se oppoz a que se recolhesse em Convento, dizendo, que lhe cumpria muito tèllo junto de si para se aproveitar de seus conselhos.

Referem alguns Historiadores, (*q*) que elRey convocou as Cortes, e que nellas entregou solemnemente o Reyno a seu filho; outros porém dizem com mais verisimilhança, que instruindo o filho dos seus sentimentos, partio occultamente da Corte com o designio de recolher-se no Varatojo, mas que em Cintra foi ferido de peste, e ahî falleceo aos 28 de Agosto de 1481 na idade de quarenta e nove annos, e no quadragesimo terceiro do seu reinado. (*r*)

(*p*) Pulgar. Ferreras, La Clede. Faria Le Quien.

(*q*) Zurita. Annales. Aray. Le Quien. t. 1. f. 483.

(*r*) Pulgar. Garibay, e todos os Historiadores Portuguezes. Este Rey foi bem feito de corpo, ainda que algum

Como elRey era geralmente bemquisto da Nação, foi o sentimento da sua morte universal em

tanto gordo: trouxe a barba comprida, e bem povoada: o cabêllo era castanho escuro, o carão rosado. Foi brando, e facil na conversação, e grangeou cada vez mais o amor de seus vassallos. Alguns Historiadores dizem delle, que teve sobeja bondade: foi mũi regrado no comer e dormir, e casto de sorte, que nunca se lhe soube falta, não obstante enviuvar na flor dos seus annos. (Vasconcellos. Faria La Clede.) Foi dado ás letras, e grande favorecedor das Sciencias, de sorte que mandou vir um sabio Italiano chamado Justo, a quem fez Bispo, com obrigação de lhe escrever em Latim a Historia de Portugal. Mas como o Prelado morreo antes de dar á luz a sua obra, perdeo-se, por negligencia o que elle composera, e as memorias, que lhe dérão para a obra que escrevia. (Os mesmos autores.)

ElRey D. Afonso V. teve a particular felicidade de ser amado igualmente das Grandes, e do Povo. As desgraças, que sofreo-nos ultimos tempos do seu Reynado, attribuîrão os supersticiosos (que são a maior parte do povo de todas as Nações) á injustiça, com que que elRey tratára a sua sobrinha D. Joanna de Castella, com quem nunca casou, a pesar de que outros tenhão por certo o contrario. (Os mesmos autores. Isto he certissimo pelo testemunho conforme de todos os Chronistas Portuguezes.) Mas os taes não advertem que elRey foi feliz em tudo, até tomar sobre si a causa da Princeza, em cuja defensão arruinou o Reyno, não a desemparando senão quando já desesperado deixou o governo delle: por onde os que assim julgão discorrem sem fundamento. Esta Princeza foi sem duvida digna de compaixão, mas porque o não seria tãobem elRey D. Afonso nas tristes circunstancias, em que se vio? Isto he o que senão póde entender; por onde o conselho

todo o Reino, cujos naturaes não vião com grande socego um Rei novo, de cujo caracter se temião. Estavão acostumados á bondade, e affibilidade, em que o Rey defunto se distinguia, e vião seu successor austero, e rigido, exigindo aquelle respeito profundo, a mesma submissão, e prompta obediencia, que sempre tivera a seu pai.

D. João II. por sobre nome o *Grande*, a quem a mayor parte dos Historiadores Portuguezes chamão o *Principe Perfeito*, (*s*) subio ao throno em idade de 27 annos. A primeira obra do seu Reynado, fôrão as exequias delRey seu pai, que fez com grande solennidade. Depois executou o seu testamento ponto por ponto, e informando-se de todos os que o servirão, e que elRey seu pai não premiára por esquecimento, ou por queixas, que delles se lhes fizérão a todos satisfez como se seu pai lho encommendára antes de fallecer. (*t*) E mandando preparar em Lisboa os materiaes necessarios para levantar uma fortaleza na Costa de Guiné, lá os enviou numa pequena frota com quinhentos soldados, e cem pedreiros, os quaes,

mais prudente em taes casos, será suspender o juizo. A verdade he, que os Escritores modernos são menos, reprehensiveis, que os antigos, os quaes muitas vezes dão ás suas Historias o geito, que lhes convêm, mais para as accommodar ás ideias, que elles tinhão á cerca da Justiça de Deus.

(*s*) Faria e Sousa. Le Quien t. 1. f. 437.

(*t*) Faria e Sousa. Le Quien t. 1. f. 488.

antes que os naturaes da terra entendessem o que era, edificárão o forte de S. Jorge da Mina, com que ficárão senhores daquella Costa. (*u*)

Logo fez elRey D. João outras cousas, de que se formárão varios juizos; como foi quando uma pessoa muito sua favorecida sendo elle Principe, lhe appresentou um alvará da sua mão, em que lhe promettia fazèllo Conde. ElRey, lido o papel, dice perturbado a quem lho mostrou "que elle "lhe responderia." E teve logo conselho sobre aquelle negocio, perguntando aos conselheiros se aquelle homem não mereceria castigo, porque em moço lhe fizéra fazer o que não devia. Em fim rompeo o alvará, e dice a Nuno Pereira, que mayor mercè lhe fazia em o castigar do que lhe fizera, se lhe cumprìra a promessa; porèm depois sempre lhe fez honra, e mercè. (*)

ElRey convocou os tres Estados para o mez de Novembro; e nestas Cortes o Duque de Bragança lhe deo juramento de fidelidade, e vassallagem pelos Nobres; Lisboa pelas mais Cidades, e Santarèm pelas outras Villas do Reyno. Aqui propoz elRey, e fez varias Leis boas; e daqui mandou por todo o Reyno corregedores, que as fizessem executar. Este Principe premiava generosamente, e castigava com severidade, depois de buscar a

(*u*) Ferreras t. VII. f. 585.

(*) Deste modo se refere o caso na Chronica de Garcia de Resende Cap. 24, e não como o traz o texto: que alterei aqui, e cita Le Quien t. 1. e La Clede no l. 13.

emenda por meios mais brandos, e passar delles a aspera reprehensão. Numa occasião dice a um Juiz cubiçoso, e descuidado, que aliàs tinha merecimento. " Olhai por vós, que eu sei que " tendes as mãos abertas, e as portas cerradas" aviso, que fez bom effeito ; porque o reprehendido se portava depois mũito bem.

ElRey ordenou aos Nobres, que exhibissem as cartas das mercès, e doações que recebèrão de seus predecessores, para se examinar o titulo de seus pivilegios, honras, coutos, e jurisdições. Determinou mais, que se prendessem os criminosos, onde quer que estivessem, e porque os Grandes se queixárão, de que assim lhes quebrava seus privilegios, e immunidades, respondeo, que privilegio contrario á justiça era desarrezoado, e que o Principe, que o concedia nunca póde ter intento de prejudicar com elle a justiça. (*x*)

Todos os Grandes do Reyno murmurárão desta reforma, e andavão traçando os meios de lhe obstarem, sendo a cabeça delles o Duque de Bragança, o qual chegou a tanto, que pedio protecção a D. Fernando Rey de Castella, e Aragão, e fez um Tratado com este Soberano. Entre tanto uma pessoa, que trabalhava no exame dos papeis, e titulos do Duque, achou no seu archivo as cartas, que elle escrevèra a elRey de Castella, e levou-as a elRey, que as mandou copiar, e repôr

(*x*) Faria e Sousa.

os originaes em seu lugar. (*y*) Algum tempo depois reprehendeo elRey o Duque, e lhe dice, que como elle mesmo seu Soberano estava resoluto a observar as leys, não achava razão, porque dispensasse ninguem da sua observancia; que elle cuidava no bem dos póvos em geral; e que os grandes ficarião ainda mais poderosos, crescendo-lhes o numero dos vassallos, e as rendas: e concluio dizendo-lhes, que sabia dos seus tratos "mas que "elle sabia perdoar, com tanto que o Duque mos-"trasse, que sabia esquecer-se."

Mas continuando o Duque as más intelligencias, que tinha com Castella, elRey o mandou prender em Evora, e processada a sua causa foi ali degolado publicamente. (*z*) A Duqueza de Bragança irmãa da Rainha, retirou-se para Castella com seus tres filhos; e o Marquez de Montemór, com o Conde de Faro irmãos do Duque forão declarados traidores, e confiscados os seus bens. (*a*). O mais extraordinario he, que elRey de Castella não fez de si movimento algum neste caso, talvez porque elRey, (como alguns dizem) lhe escreveo, que lhe cumpria mais têllo a elle por amigo, do que aos fidalgos seus vassallos. Todavia depois da morte

(*y*) Ferreras t. 7. 612. Garcia de Resende. Le Quien t. 1. f. 501.

(*z*) Le Quien t. 1. f. 503 até 522. La Clede l. c. Ferreras t. 7. 8. f. 613. Faria e Sousa.

(*a*) Ferreras t. 7. 8. 614. Le Quien t. 1. La Clede. Faria e Sousa.

do Duque elRey de Castella fez algũa cousa a favor da Duqueza, e seus filhos, mas não obteve nada.

Aqui devemos confessar, que o castigo do Duque de Bragança foi um grande lanço de Politica, e que he difficil decidir, se merece reprehensão ou louvor. Os Grandes entendião, que elRey lhes fazia aggravo devassando-lhe as suas honras e coutos, e mandando Corregedores ás suas terras; e que tinhão o direito de defender os seus privilegios; e o Duque de Bragança chefe dos aggravados, e quasi tão rico como elRey, sentia mais que ninguem a diminuição de seu poder, e por isso se deo por mais offendido. E fossem quaes fossem as suas intelligencias com Castella, o Duque nunca cuidou que era rebelde, porque não intentando tirar nada a elRey, pertendia sómente defender os privilegios da Nobreza.

Por outra parte elRey tinha estes privilegios por contrarios ao bem publico, e por usurpações da sua jurisdição, sem que por isso fosse cioso das suas prerogativas Reaes, porque nas Cortes de Evora declarou, que o bem da Nação era a primeira coisa, a que se devia respeitar, e que o seu mesmo Paço não serviria de asylo aos delinquentes. Disto deo outras provas, quando os julgadores confiscávão alguns bens para a Coroa, a quem elRey dizia brandamente "eu espero que "hajais feito justiça" e se elles julgavão a favor de algum particular contra elle, então com visiveis

demonstrações de prazer lhes dizia " já sei que " obrastes o que he razão" e talvez fazia-lhes por isso algũa mercè. (*)

Mas a principal de todas estas cousas era achar-se aqui em collisão a Soberania com a parte aristocratica do Reyno; e ElRey, com quanto manejou este négocio mũi sagazmente, e com grande firmeza, não pode conseguir o effeito, que esperava. Pouco depois da morte do Duque foi elRey com a Rainha correr as provincias do Norte de seus Estados para ver se se observávão as determinações feitas em Cortes. Depois tornou a Santarèm, onde despachou as cousas tocantes ao Commercio de Africa, que por suas diligencias fazia cada dia novos progressos. (*b*) E porque a Corte de Roma entrou com elle em algũas dissensões, elRey mandou representar ao Papa, que nunca tivera sómente a lembrança de entender por nenhum modo com os privilegios da Igreja; mas que estava resolvido firmemente a não sofrer, que os accrescentassem mais. E examinando o principio desta dissensão, averiguou-se, que o Cardeal Costa era causa de tudo; pelo que elRey o reprehendeo tão asperamente, que as cousas não forão mais por diante. (*c*)

* Garcia de Resende. Cap. 23.

(*b*) D. Agostinho Vida e Acciones delRey D. Juan II. Vasconcellos. Garcia de Resende.

(*c*) Faria e Sousa. Le Quien t. 1. f. 529.

Algum tempo depois que elRey voltou a Santarèm, veio a saber pelo irmão de uma dama moça, com quem o Bispo de Evora tratava amores, que o Duque de Vizeu irmão da Raynha havia entrado em uma conspiração contra a sua vida: e este negocio andava tecido de modo, que elRey esteve mais do uma vez entre as mãos dos conjurados, e não se livrou delles senão por sua industria, e auxilio de Vasco Coutinho, a quem seu irmão descobrîra o segredo da conspiração. Estando pois elRey em Setuval, mandou chamar o Duque de Vizeu, com cór de lhe communicar certo negocio, e tomando-o á parte lhe fallou á cerca da conjuração. Não consta de certo, o que entre elles se passou, mas he sem duvida, que elRey estendeo o Duque a seus pés morto de uma punhalada.

Referem alguns, que elRey antes de o matar lhe perguntára "Que farieis vós a quem quizesse "tirar-vos a vida?" e que respondendo-lhe o Duque "que o mataria com suas proprias mãos" elRey dando-lhe com o punhal lhe dice "morre "pois, já que proferiste a tua sentença." Este accidente alvoroçou tudo, e causou um grande tumulto, que elRey quietou com sua presença, affirmando aos povos, que os mais conjurados estavão presos; (*d*) e assim he que forão entregues ao rigor

(*d*) Telles de Rebus Gestis Joannis II. La Cledo l. c. Vasconcellos.

das leis, e condenados pelas provas evidentes do seu delicto.

O Bispo de Evora foi mettido em uma cisterna da Fortaleza de Palma, aonde dizem que foi comido de bichos. (*e*) D. Fernando de Menezes seu irmão, e D. Pedro de Albuquerque forão degolados: Gutierre Coutinho, preso no Castello de Aviz; e Lopo de Albuquerque acolheo-se a um dos seus Castellos, em cuja defensão sua mulher, irmãa do Cardeal Costa, fez prestes gentes de guerra. ElRey lhe mandou dizer, que ainda que seu marido lhe quizera tirar a vida; elle não desejava beber-lhe o sangue, antes lhe permittia que se podesse retirar para Castella com seus filhos, o que elles aceitárão. (*f*)

ElRey mandou depois chamar a D. Manuel irmão do Duque de Vizeu, que veio á Corte accompanhado de seu ayo D. Diogo da Silva, e todo horrorizado de medo; mas foi recebido com mũita amizade delRey, que depois de o informar da conspiração do Duque seu irmão lhe dice. " Pelo " crime delles todos os seus bens ficárão devolu- " tos á Coroa, mas eu vos faço mercè de todos " elles, menos de Serpa, e Moura, por estarem na " fronteira de Castella; e em compensação destes " lugares, que vos não dou, façovos Mestre da " Ordem de Christo, e Condestavel de Portugal.

(*e*) Vasconcellos. Le Quien. La Clede.
(*f*) Resende. Vasconcellos. Ferreras t. 8. f. 14.

,, Esquecei-vos de que tivestes um irmão, e lem-
" brai-vos, que eu vos tenho em conta de filho."

Depois entrou elRey na empreza de passar em Africa, para dilatar ali as suas conquistas, e se fizerão alguns preparos para este fim; dos quaes sendo informados os moradores de Azamor, rebellárão contra o seu Rey, e enviárão deputados ao de Portugal, com as chaves da Cidade, e offerecimento de lhe conhecerem vassallagem com tanto que os deixasse viver na sua lei, o que elRey aceitou, e approvou. (g)

No anno seguinte (1485) pareceo conveniente a elRey mandar Embaixadares aos Reys Catholicos D. Fernando e D. Isabel, e havendo se como bom politico, lhes deo parte como a seus fieis amigos e alliados, do que se passára no caso do Duque de Bragança, e á cerca da ultima conspiração; e com este procedimento atalhou os projectos dos malcontentes, que tinhão todas as suas esperanças na protecção delRei de Castella. O mesmo Rey D. Fernando, um dos mayores politicos daquelle seculo, ficou admirado deste lance, porque em vez de tal participação amigavel, só esperava reproches delRey: mas como o estado das suas cousas pedia, que elle tivesse boa harmonia com este Soberano, e porque o seu exercito contra os Granadinos necessitava de munições de guerra, quiz sondar até onde chegava a amizade delRey de

(g) Faria e Sousa. La Clede. Ferreras t. 8. f. 15.

Portugal; assim que lhe mandou pedir munições, e elRey lhe enviou mais do que D. Fernando lhe pedia, e suas Majestades catholicas lho mandárão agradecer em uma Embaixada extraordinaria. (*h*)

Neste tempo uns piratas Francezes, que tomárão 4 galés Venezianas deixando a gente de sua guarnição nua, em terra juncto da foz do Téjo, elRey os mandou vestir, e sustentar, e sobre isso lhes mandou de esmola uma boa somma, com que resgatassem as suas galés, nas quaes voltárão a suas terras. A republica de Veneza obrigada da generosidade desta acção, lhe enviou uma solemne Embaixada a agradecer-lhe aquelle beneficio, e a solicitar a sua alliança. (*i*)

(*h*) Pulgar.

(*i*) Se quizessemos expor pelo miudo a politica deste Principe, sómente a parte della, que respeita ao Commercio, nos tomaria mais campo, do que queremos dar a todo o seu Reynado; por onde só apontaremos algũa cousa, que possa satisfazer, e instruir os Leitores. ElRey não consentia senão ás mulheres trazerem seda, pedraria, ouro, e prata; e porque alguns Ministros lhe dicérão, que esta lei era prejudicial ao Commercio, elle replicou-lhes, " Vós " enganais-vos, porque basta, que ametade de meus Vas- " sallos se trate com luxo, para a outra metade ter que " fazer." Este Principe mandou cunhar mũito dinheiro, e que elle tivesse o peso, e quilates requeridos.

E a fim de aumentar as suas rendas abateu ametade dos direitos da Alfandega de Lisboa, attrahindo com isto para a sua Capital o Commercio de Galliza, e Andalusia. Em todas

No anno de 1486 ajunctou elRey aos seus titulos o de Senhor de Guiné, terra donde recebia

todas as occasiões, que se lhe offerecião, exagerava mũito os riscos da navegação de Guiné, e mandou espalhar voz, que as tempestades erão frequentes naquelles mares, e as suas costas crespas, e ouriçadas de escolhos; que a terra esteril era habitada de Antropophagos, e que só os navios da feição dos Portuguezes erão aptos para navegar aquelles mares, de sorte que quando de 5 tornavão 3 a salvamento se havía a boa ventura. Estes rumores fizerão, que outras Nações não mandassem lá navios senão depois que os Portuguezes se tinhão estabelecido mũito bem na terra.

E porque um piloto, que era mũi cursado naquella navegação, dice que se atrevia a ir a Guiné em qualquer navio, elRey o mandou chamar, e o reprehendeo publicamente da sua ignorancia, dizendo-lhe que fallava no que não entendia. Mas alguns mezes depois veio o mesmo piloto á Corte, e dice, que para se desenganar comettèra ir a Guiné em navio diverso dos que erão daquella carreira, e que o não podéra consequir. ElRey sorrio-se a isto; mandou-lhe que lhe viesse fallar em particular, e lhe fez mercè de dinheiro: encomendando-lhe, que divulgasse aquella historia de modo que fosse crida.

E querendo 3 marinheiros passar-se por terra a Castella a darem alvitres a elRey sobre as cousas de Guiné, o de Portugal os mandou seguir, e prender, mas só lhe trouxerão um, que foi esquartejado em Evora; porque os dous forão mortos. Sobre isto se lhe dice, que a gente do mar murmurava mũito, e elRey replicou. "Ainda bem: atenha-se "cada um ao seu modo de vida; que eu não gosto de mar-"inheiros, que viajão por terra."

Quando Cano, que descobrira o Reyno de Congo lhe dice, que havia lá mũito ouro, mas que os naturaes lhe não

querião

muito cabedal, assim como dos muitos navios de varias Nações, que continuamente apportavão em Lisboa, e debaixo das apparencias de uma Real generosidade, e de uma affectada ignorancia das consequencias, diminuiu os direitos de entrada, com grande proveito de seus vassallos. E se havemos de crer o que referem alguns historiadores, he certo, que não houve Rey, que entendesse mais do Commercio, sem todavia o dar a entender, porque o reputava pelo ramo mais fructifero da economia politica, e quazi que era mais

querião mostrar as minas delle, elRey lhe respondeo. " Não " se vos dè disso, tratai bem os habitadores, commerciai " com elles igualmente ; levai-lhes cousas de seu contento, " e tereis as riquezas das minas, sem o trabalho de as " lavrar."

Os Francezes restituirão uma Caravella, que tomárão sem lhe faltar mais que um só papagaio : pelo que elRey não quiz soltar os navios daquella Nação, que tinha arrestados em Lisboa ; e porque alguns se admiravão disto, lhes dice " Quero que se entenda que a bandeira Portugueza " defende, e protege até um papagaio." Ninguem no seu Reyno observava as leis com mais exacção do que elRey, e quando talvez os Cortezãos lhe dizião de certas cousas, que erão meras bagatellas, e que não devia ser tão escrupoloso, elRey lhes tornava. " Vós injuriais-me : verdade he, que " isso não vale nada : mas o meu exemplo sempre he de " grande importancia." ElRey era affavel, e cortez com quem o conversava, mas talvez os recebia com grande indifferença, e se desculpava disso dizendo-lhes. " Bom he " receber-vos eu assim para que o Povo vos não aborreça " como a validos."

cioso dos segredos do Commercio, que dos de Estado. E porque he natural que o Leitor nos peça provas disto, que affirmamos, nós lhas daremos; porque em pontos deste genero, não se devem desprezar, não só para se satisfazerem as duvidas, mas tãobem porque são uteis.

ElRey, bem como mũitos dos seus predecessores, não residia sempre no mesmo lugar, mas segundo as Estaçoens do anno, ou conforme o pedião os negocios, mudava de residencia, e onde quer que ia cuidava como ficasse em lembrança, que elle estivera ali. Setuval he uma villa bem situada, e de boa pescaria, onde ha mũitas salinas, uma boa baia, e porto; mas faltava-lhe agua: pelo que elRey aconselhou aos da Villa, que a trouxessem por aqueductos, os quaes se lhe desculparão com a sua pobreza, e porque pagavão grandes tributos.

ElRey lhos diminuio logo, e os reduzio a metade, e da outra lhes fez donativo, para della tirarem o custo dos aqueductos. E porque depois de os começarem lhe representárão ser-lhes impossivel acaballos, elRey lhe respondeu que elle os acabaria, e assim o fez por onde o Commercio florente da Villa mostrou logo com quanta prudencia elRey se houvera em fazer trazer a ella a agua necessaria. (*k*)

O fim principal, que levára elRey aquella Villa,

(*k*) Telles. Garcia de Resende. Ferreras l. c. p. 74.

foi, esquipar uma frota contra os Mouros, cuja Capitanîa mór deo a D. Diogo de Almeida. Constava esta esquadra de 30 navios, guarnecidos por mil e quinhentos homens, e destinava-se a uma expedição secreta, que se frustrou por varios contratempos. D. Diogo desembarcou com a sua gente em Anafé, e sobresalteando os Mouros circumvizinhos, matou novecentos homens, e captivou quatrocentos. ElRey sabendo da rebellião dos Mouros contra Muley Beljave Rey de Fez, mandou-lhe annunciar por um Embaixador; que aquella armada îa em seu soccorro: e elRey de Fez mandou-lhe agradecer o bom officio, promettendo dar-lhe provas da sua gratidão. (*l*)

ElRey D. João alcançou do Papa Innocencio VIII. a bulla da Cruzada, que o authorisava a impôr uma dizima Ecclesiastica para supprir as despezas da guerra contra os Infieis; mas esta graça póde ser que lhe custasse mais cara do que ella valia, por quanto elRey para a obter concedeo, que as letras, e Rescriptos do Papa se publicassem sem o Regio prasme, contra o que se costumava neste Reyno. (*m*)

No anno de 1487 mandou elRey Pedro de Covilhãa, e Afonso de Payva por terra a India, com ordem de lhe escrevèrem o que descobrissem, e de se informarem de todas as materias de Com-

(*l*) Resende. Faria e Sousa. La Clede l. c.
(*m*) Faria e Sousa. La Clede l. c.

mercio daquella Região, e donde erão sacadas: e a este expediente tão felizmente imaginado he que elRey deveo o descobrimento de um novo caminho por mar para se ir á India Oriental. Mas com toda a sua prudencia, e sabedoria perdeo a melhor occasião de fazer novas descobertas, negando a Christovão Colombo os soccorros, que elle lhe pedia para executar o projecto, que tinha traçado; o que obrigou o Colombo a solicitar o auxilio da Rainha de Castella, e adquirio a suas Majestades Catholicas o Imperio do Novo Mundo. (*n*)

Como os Principes da casa de Bragança andavão quasi desterrados em Castella, não podião servir a sua Majestade Catholica instruindo-a dos intentos delRey D. João; e porque muitos Principes desejavão allançar-se com uns Reys tão poderosos recebendo nas suas familias a Princeza D. Isabel de Castella, elRey D. Fernando e a Raynha D. Isabel, forão esfriando pouco e pouco no intento, que tinhão de a casar com o Principe D. Afonso herdeiro de Portugal. Pelo que ElRey, que reputava este por um negocio de grande importancia, mandou reparar, e fortificar varias praças da fronteira de Castella, e depois de as guarnecer bem, mandou fazer uma grande torre em Olivença. Estas disposições inquietárão os Reys de Castella; a quem o de Portugal por seus

(*n*) Pulgar. Ferreras t. 8. Mariana. Mayerne. Turquet.

Embaixadores noticiou, que pozéra em estado de defeza todas as praças do seu Reyno, quanto lhe fôra possivel; e que esperava com esta nova dar gosto a suas Majestades; porque sua filha havia de subir ao throno de Portugal, e colher dos fructos do seu trabalho. Entretanto mandou trabalhar com tal diligencia na torre de Olivença, que em breve se acabou; e porque as cousas dos Reys de Castella lhes não permittião tomar outro partido, houverão de ajustar as condições, e o tempo do casamento. (o)

Não teve porém elRey a mesma felicidade em Africa, onde quizera edificar uma fortaleza na foz do Lixa, e com este intento tinha enviado algũa gente, que se empossou da ilha Graciosa formada por aquelle rio. Mas logo que os Portuguezes começárão a fortificar-se ali, veio elRey de Fez combatêllos com 40 mil de cavallo. Os Christãos defenderão-se-lhes valorosamente, não obstante que as fortificações inda não estavão acabadas; e elRey andava para ir pessoalmente soccorrer a praça, quando ella se rendeo a elRey de Fez, que concedeo aos que a guarnecião todas as honras militares da guerra. Esta desgraça foi saneada com a vinda de mũitos navios de Guinè carregados de preciosas mercadorias, que pozérão elRey em condição de augmentar a sua marinha, e de fazer no Algarve grandes preparos, para outra

(o) Pulgar. Bernaldes. Mariana l. 25. Resende. Telles. Le Quien t. 1. f. 589. Ferreras t. 8. f. 100.

expedição; porque todo o seu desejo era conquistar toda a Costa (p)

Logo que elRey soube, que a Princeza D. Isabel esposa do Principe seu filho partîra de Sevilha, nomeou ao Duque de Béja D. Manuel, para ir com outros Grandes receberem aquella senhora na passagem do Caya, que separa os dous Reynos. Este recebimento fez-se aos 22 de Novembro; e a Princeza foi conduzida a Evora, onde o seu casamento com o Principe se solemnisou com uma magnificencia superior a quanto já mais se vîra em taes occasiões; e ahî se ordenárão, e disposerão festividades, e divertimentos pelo tempo de seis mezes. (q)

No mez de Mayo foi a Corte para Santarèm, onde se ordenou quanto convinha para transformar aquella Villa em um Paraîso. As justas, torneyos, touros, e todos os mais espectaculos erão de todos os dias, assim como o divertimento de andar pelo rio em escaleres illuminados, e cheyos de Musicos, que îão descantando. Mas todos estes prazeres, aguados já com a morte da Infanta D. Joana irmãa delRey, e com o rebate da peste, que rebrotava em Lisboa, convertèrão-se de todo em luto aos 12 de Julho. Porque querendo o Principe D. Afonso passar uma carreira com D. João de Menezes, cahio o cavallo, e sacodio o

(p) Faria e Sousa. Vasconcellos.
(q) Pulgar. Sampaya. Vasconcellos.

Principe em terra com tal violencia, que o deixou ferido mortalmente, e sem sentidos, no qual estado durou até o outro dia, em que falleceo sem tornar a si.

Como ésta desgraça aconteceo á vista delRey, da Raynha, e da Princeza, causou a toda a Corte o mais vivo sentimento; e elRey mandou levar o cadaver de seu filho ao Convento da Batalha, onde no mez de Agosto foi assistir ás exequias, que se lhe fizérão. Dali voltou elRey tão triste, que esteve mũitos dias encerrado, até que por conselhos dos Medicos mandou buscar D. Jorge seu filho natural, que tivera de D. Anna de Menezes, e com a vista delle se moderou insensivelmente a sua dòr. E chegou elRey a pedir á Raynha, que amasse a D. Jorge, e o tratasse como sua mãi; mas ainda que esta Princeza fora sempre mũi condescendente negou-se constante a isto, para não lesar os justos direitos de seu irmão D. Manuel Duque de Béja, a quem pertencia a Successão na Coroa. (*r*)

No principio do anno seguinte voltou elRey para Lisboa, onde lançou a primeira pedra de um dos mais grandiosos Hospitaes, que ha na Europa. (*) Mandou tãobem edificar um Convento para as religiosas da Ordem de S. Yago, cuja Comendadeira fez a D. Anna de Mendonça, a quem

(*r*) Os autores já citados.

(*) Tal era o Hospital Real de todos os Sanctos, que se abrazou no terremoto.

sempre amou com mũita ternura. E ainda que tentou de balde o animo das Cortes, quando por seus Deputados lhe dérão o peza-me da morte do Principe, nunca pôde perder de todo as esperanças de fazer com que D. Jorge lhe succedesse no Reyno.

E para aplanar o caminho á sua legitimação obteve do Papa uma Bulla, que habilitava a D. Jorge ainda menino para ser Mestre das Ordens de S. Yago, e Aviz. Mas quando quiz levar as cousas mais adiante, e obrigar o Papa Alexandre VI. a reconhecer-lhe o filho por legitimo, teve o desgosto de saber, que a sua supplica fora denegada em pleno consistorio, como contraria aos direitos do Duque de Béja, da Raynha D. Isabel de Castella, e de outros Principes, e Princezas da Familia Real. (s)

Então conheceo elRey, que se lhe oppunhão obstaculos invenciveis, e procurou reparar quanto pôde a inflexibilidade da Corte de Roma, dando a seu filho o Priorado do Crato, e fazendo-o por este modo Grão Prior da Ordem de Malta em Portugal. (t) Estas mostras de favor delRey junctas á astucia de um ayo de talentos, acompanhadas de grandes rendas, não podião deixar de fazer partidistas, bem que poucos, de um Infante tão amado de seu pai, e tal desconfiança causárão

(s) Os autores já citados.
(t) Faria e Sousa. Vasconcellos.

ao Duque D. Manuel, que elle se ausentou da Corte, e se retirou para ás suas terras melancholico, ou intimidado.

ElRey com quanto o trazia sollicito seu filho D. Jorge, não se descuidava das coisas do Governo, e deo diversas provas da sua constancia, fazendo excellentes ordenações, reformando muitos abusos; e sosteve a honra da sua Coroa em uma occasião assás importante. Alguns Corsarios Francezes apprezarão uma Caravella, que vinha da Costa de Guinè ricamente carregada: e sabendo-o elRey, mandou arrestar todos os navios Francezes, que se achavão no Porto de Lisboa, e mandou Vasco da Gama fidalgo da sua casa, que depois foi Almirante da India fazer outro tanto ás que se achassem nos portos do Algarve. (*u*) Obedeceo o Gama, e tomou dez navios Francezes: e sabendo elRey Carlos de França o que passava em Portugal, proveo como se restituisse logo a Caravella Portugueza sem falta de cousa algũa, e escreveo a elRey, que sentia muito o que seus naturaes havião commettido.

Por estes tempos publicárão os ReysCatholicos um edicto, pelo qual desterravão de seus Reynos todos os Judeos, dos quaes um grande numero, ou como outros dizem uma multidão innumeravel, se refugiárão em Portugal, permittindo-lho, elRey D.João, segundo se conjectura, em razão das

(*v*) Gracia de Resende Cap. 146.

mûitas riquezas, que comsigo trazião. Mas depois recrescèrão alguns inconvenientes da sua morada nestes Reynos, e se inculcou, que ainda se podião receiar outros mayores, de sorte que ao fim de 8 mezes se lhes mandou despejar do Reyno. (x) E porque a Raynha adoeceo em Setuval, foi elRey logo para lá, assim como o Duque de Béja, e a Duqueza de Bragança, e a acompanhárão até ser de todo livre de perigo. (y)

Despois disto, elRey ou cansado da viagem, ou por inquietação de animo, se já não foi destemperança da Estação, infermou perigosamente, e como lhe apparecêrão pelo corpo mûitas nodoas negras, correo um sussurro, de que estava envenenado. (z) Mas logo que melhorou algum tanto, foi a Evora, cujos ares lhe parecião mais favoraveis á sua saude. Ali mandou perante si fazer varias experiencias para se apperfeiçoar o Astrolabio, tratou com mestres habeis da construção nautica, sobre a fórma dos navios, e deo ordem para se levantarem duas fortalezas, uma em Cascaes, e outra em Caparica, para defenderem a entrada do porto de Lisboa: de sorte que se póde dizer que os negocios publicos lhe servião de occupação, e de recreio. Mas a diminuição continua da sua saude obrigou-o a incumbir a Alvaro Pacheco, e Estevão Barradas, em quem

(x) Garibay. Resende. La Clede ubi supra.
(y) Vasconcellos. Resende.
(z) Faria e Sousa.

tinha grande confiança, a restituição da prata das Igrejas, que elRey seu pai tomára para supprir ás despezas da guerra com Castella, e a repôr certos Capitaes de varias caixas, de que elle se servira para o mesmo fim. Nem foi elRey menos punctual no pagemento das dividas particulares de seu pai, e com os exemplos, que nestas occasiões deo inspirou nos Vassallos o desejo de o imitarem na punctualidade das satisfacções. (*a*)

Se havemos de crer o que dizem os melhores Escritores, elRey tinha uma doença complicada com outras, que por fim degenerárão em hydropisia, da qual pareceo melhorar no principio do anno de 1494, em que deo algũas esperanças de sarar de todo. He provavel, que esta melhoria lhe causasse mayor prazer, se não fosse descontado logo com a fome, que houve em Evora, causada não tanto pela falta de pão, como por avareza de alguns homens ricos, que querendo approveitar-se da residencia, que ali fazia então, para reputarem melhor o trigo, atravessárão quanto podérão e o vendião por um preço exorbitante. (*)

Tentou elRey acudir a esta necessidade, taixando o preço do pão, mas os atravessadores,

(*a*) Resende, Christoval Ferreira e Sampayo.

(*) ElRey mandou dizer aos fidalgos, e Cidadãos atravessadores, que vendessem o seu trigo a trinta reis o alqueire; porque havia annos que não tinha chegado a esse preço: daqui se verá o que tem subido o valor do trigo. V. Garcia de Resende Cap. 202.

e monopolistas não o quizérão vender pela taxa, com que elRey se agastou mũito, mas soube fazer o que raras vezes succede, que foi combinar a prudencia com a paixão. E permittindo a entrada do pão de Castella, que atéli defendèra, por lhe não levarem o dinheiro do Reyno, mandou apregoar, que nenhũa pessoa da terra vendesse do seu trigo em quanto elle residisse alî; e franqueando aos Estrangeiros os direitos de entrada, houve logo em Evora mũita fartura de pão com que os maquinadores da penuria ficárão arruinados. (*b*)

Por estes mesmos tempos voltou Christovão Colombo da America, e sendo-lhe forçoso entrar em Lisboa, como elRey soube disso, mandou-o logo vir á sua presença; e ainda que sabia mũito bem, que Colombo estava aggravado delle, recebeo-o com mũita bondade, e generosamente o livrou da má vontade de alguns, que se lhe offerecèrão para o matarem, e privarem elRey de Castella deste grande homem. (*c*) ElRey D. João respeitava tanto o merecimento dos sujeitos, que sabendo que Fernão da Silveira, um dos da conjuração do Duque de Vizeu, viera para Castella, disse aos circunstantes, "Fernão da Silveira he "tão entendido, tem tão boas artes, e tanta elo-"quencia, que em toda a parte será bem rece-"bido."

(*b*) Telles. Vasconcellos. Le Quien ubi supra.

(*c*) Faria e Sousa. Le Quien t. 1. f. 606. Vasconcellos, Garcia de Resende.

Pelo estio aggravou-se a doença delRey, e aconselharão-lhe, que fosse para o Algarve. Alî foi ter com elle D. Afonso da Silva Embaixador d'ElRey de Castella, que trazia por instrucção principal o informar-se do estado da saude d'ElRey, o qual vindo a entender isto, quando o Embaixador lhe beijou a mão, andando então a cavallo, o arremeçou tres, ou quatro vezes, e depois erguendo o braço dice alto " Ainda este braço " está para dar um par de batalhas," e dahi a pouco accrescentou, " a Mouros." O Embaixador, que o entendeo, respondeo-lhe com muito acatamento, que elRey seu amo receberia com grande gosto tão boas noticias, sabendo que S. Alteza gozava melhor saude, do que se lhe dicera. Depois pedio-lhe uma audiencia particular, na qual lhe expoz o grande desejo, que elRey D. Fernando tinha, de que elle entrasse na liga de Italia, e tentou com razões mui especiosas trazêllo áquelle partido.

Respondeo-lhe elRey, descrevendo-lhe o estado das cousas em Italia, o caracter, e intentos dos Principes de hum, e outro bando, e concluio dizendo-lhe, que elle era tão ambicioso como qualquer delles " mas (accrescentou elRey) a " minha ambição he mui diversa da sua; porque " desejando ser grande Rey, levo outro caminho " mais curto para chegar a isso, qual he fazer " grande o meu povo. Exaqui porque no vigor

" da minha idade, nunca entrei em ligas, e não
" o farei agora que ella vai chegando ao seu ter-
" mo. Todavia estou pronto para ser mediador
" da paz, e está-me isto a mim tanto melhor, por
" quanto não tenho interesse nenhum na causa
" das discordias. Isto podeis referir a elRey
" vosso amo, e he tudo o que tendes, e tereis que
" dizer-lhe; porque eu estou resoluto em não
" mudar de conselho." E vendo que o Embaixador se ia demorando na Corte, mandou-lhe que se fosse a Extremoz, onde teve sobre elle taes vigias, que soube quanto o Embaixador escrevia a elRey de Castella. (*d*)

ElRey sentindo-se enfraquecer cada dia mais, e mais, entrou tãobem a ter mayor cuidado no que tocava á successão do Reyno. Pelo que fez testamento, onde tratava desta materia, e mũitos outros pontos, mas ordenou, que deixassem um claro para depois se escrever nelle o nome do seu successor, não podendo ainda acabar comsigo, o desherdar seu filho, a quem não sabia modo de assegurar a Coroa. Em fim mandou a Antão de Faria seu secretario, que escrevesse no claro, que ficára o nome do Senhor D. Jorge. Mas Antão de Faria, que era homem de probidade, atreveo-se a resistir-lhe, representando, que S. Alteza obrava contra a razão, e contra a justiça;

(*d*) Christoval Ferreira de Sampayo. Telles, La Clede t. 1. f. 546. 547. Resende.

que a Raynha, os Grandes, e Povo erão todos pelo Duque de Bèja, e que se elle lhe obedecesse, o Senhor D. Jorge seria antes victima desta nomeação, do que seu successor.

Esta representação era tanto mais para espantar, porque Antão de Faria, fora um dos principaes descobridores da traição do Duque de Viseu, e subindo ao throno o Duque de Béja seu irmão, não só cairìa em sua desgraça, mas póde ser que lhe tirassem a vida. Mas este seu exemplo moveo a elRey; o qual refreando a sua paixão, lhe mandou escrever por herdeiro o Duque de Béja. (*e*) E depois de assinar o testamento padeceo ainda algum tempo, até que sentindo chegar-se-lhe a sua hora, mandou vir por vezes o Duque, o qual, ou desconfiado, ou medroso não chegou senão quando elRey estava a morrer, ou depois que elle morreo, como outros dizem. (*)

ElRey fez um Codicillo, em que declarou o Senhor D. Jorge seu filho Duque de Coimbra, e lhe deo todas as terras do Duque Regente D. Pedro, que o fôra daquelle titulo; e falleceo aos 25 de Outubro de 1495 aos quarenta annos da sua idade, depois de reinar quatorze, menos odiado dos grandes de que fôra a principio, mas ad-

(*e*) Le Quien t. 1. f. 629. Faria e Sousa. Vasconcellos. Resende.

(*) Garcia de Resende o attesta Cron. J. 2. c. 214.

mirado, e ainda adorado ho Povo. (*f*) ElRey trazia por divisa um pelicano rasgando o peito com o bico, e por mote a letra, que dizia *Pela Ley, e pela Grey*, dando a entender, que derramaria seu sangue pela Ley de Deus, e pelo seu povo. (*g*) Do pai deste Soberano, e delle se dice com razão que aquelle fora melhor homem do que Rey, e que o filho fora melhor Rey. Este Soberano foi o que consolidou a grandeza de Portugal; e deixou Vasco da Gama a pique de fazer-se á vela para a India: eclipsou todos os seus predecessores com a sua prudencia politica, e foi eclipsado por seu successor que se lhe avantejou nas virtudes, e na felicidade. (*h*)

(*f*) Os mesmos Historiadores já citados.

(*g*) Le Quien t. 1. f. 626.

(*h*) Damião de Goes. Osorius de Rebus Emmanuelis, Ferreras, Le Quien. Faria e Sousa, Mariana.

SECÇÃO V.

Do Reinado d' ElRey D. Manuel o Afortunado.

D. Manuel Duque de Béja, achava-se com a Raynha sua irmãa em Alcacer do sal, quando teve noticia da morte delRey D. João II., e logo (*i*) ali se fez acclamar Rey destes Reynos. Neste Principe com effeito achava-se tudo quanto póde dar direitos á Coroa, por ser o parente consanguineo mais proximo d' ElRey defunto, e reconhecido por elle como tal no testamento, que deixou, elle era amado dos Grandes, e bemquisto do Povo; andava nos vinte e seis annos de sua idade; era bem feito, müito affavel, e amado geralmente pelas generosidades, que fazia de suas grandes rendas, ainda na condição de particular. Por tanto subio ao throno em boa paz, e sem a menor opposição, não obstante haverem outros pretendentes á Coroa, a cujas pretensões ninguem attendeo senão o novo Soberano.

Um destes pretendentes era o Imperador Maximiliano filho da irmãa delRey D. Afonso o V., bem como elRey D. Manuel o era de um Infante irmão daquelle Rey: allegava o Imperador, que achando-se ambos no mesmo gráo de parentesco

(*i*) Le Quien t. 1. f. 624. La Clede t. 1. f. 552. Ferreras t. 8. f. 67. Faria e Sousa. Mariana l. 26.

se lhe devia a preferencia por ser mais velho. (*k*) Mas isto não fez o menor abalo nos Portuguezes; antes todos mostrárão o mayor alvoroço por saudarem, e congratularem a elRey, que os recebeo a todos com muita affabilidade, promettendo muito em palavras geraes, sem se penhorar particularmente com ninguem. E depois de mandar depositar em Silves o corpo del Rey D. João, até se poder trasladar para o Convento da Batalha, pedio a todos os Ministros uma conta exacta das cousas de sua obrigação, e despendeo sempre das suas rendas particulares, em quanto senão ordenou tudo o que pertencia á Fazenda Real. No entanto não só cuidava de obrar tudo o que podia contribuir, para ter a Nação contente, e se fazer amar della como seu bemfeitor, quando não conseguisse ser tão respeitado, e admirado como El-Rey defunto, cuja falta parecia aos Portuguezes, que era irreparavel. E foi elRey tão ditoso, que sahio com a sua pretensão, permanecendo tudo em quietação, com geral contentamento dos povos. (*l*)

(*k*) Faria e Sousa.

(*l*) Damião de Goes Chronica do Felicissimo Rey D. Manuel. Par se entender a historia deste Reynado, havemos de dizer algũa coisa á cerca delRey, antes que subisse ao throno. Este Principe era neto delRey D. Duarte, sobrinho delRey D. Afonso V., e primo com irmão delRey D. João o II seu predecessor. (Elogios dos Reys de Portugal.) Foi filho terceiro de D. Fernando Duque de Viseu, e de D. Beatriz filha do Infante D. João, nasceo no

E para que tudo fosse autorisado por elles, e juntamente podesse alcançar o animo aos Vas-

Paço d'Alcouchete aos 3 Mayo de 1469, em quinta feira dia de Corpo de Deus; e como foi dado á luz, quando a Procissão passava por diante do pallacio, pozerão-lhe o nome de Emmanuel, ou Manuel. (Goes Cronica.) Em quanto esteve em Castella nas terçarias, ou quasi refens, e penhor da observancia de paz concluida entre S. Magestades Catholicas, e elRey D. João o II., recebeo uma excellente educação; e voltou a Portugal pelos tempos em que succedeo a morte do Duque de Bragança; e como elRey no anno seguinte lhe matou seu irmão o Duque de Viseu, succedeo-lhe D. Manuel em todos os bens, com o titulo de Duque de Béja, que elRey quiz, que tomasse em vez do de Duque de Viseu. (Faria. Le Quien t. 12. p. 1.)

O Duque de Béja assim como crescia em annos, ía dando mostras das qualidades mais amaveis, quaes são a brandura, e humanidade, com uma gravidade temperada pela affabilidade. E sendo desde então mũito exacto no que fazia, levantava-se mũitas vezes antes de amanhecer, despachava os negocios que tinha, e depois divertia-se na caça, ou na pella. E posto que tinha uma casa magnifica, e meza regalada, era tão sóbrio, que não bebia vinho. (Goes Cron. cit.)

Este Principe era amante de Musica, e da conversação, e principalmente da que tratava de cousas Mathematicas, Viagens, e Descobrimentos: e por isso ElRey seu primo (que o amava mais por suas partes, e boas qualidades, do que pela proximidade do parentesco) ajuntou ás armas do Duque uma esfera, de que elle usou no seu sinete, e depois de Rey, no alto do seu escudo d'armas. (Osorio. Vasconcellos. Faria e Sousa.) Pode-se contar por primeiro lanço de felicidade, não ter este Principe nascido herdeiro da Coroa, e talvez fossem outra grande vantagem, as circun-

sallos, convocou os tres Estados do Reyno em Montemór o novo, e nesta juncta se nomeárão logo Comissarios, que examinassem se as mercès, que ElRey D. João II. fizéra, fôrão com effeito attribuidas ao merecimento, e serviços dos que as gozavão. (*) Augmentou-se mais nos destrictos de grande extensão o numero dos Magistrados, para se administrar a justiça com mayor promptidão; e se fizerão mais algũas outras disposições a bem do Publico. (*m*)

stancias em que se vio, durante o reynado d'ElRey seu primo, porque era obrigado a viver com grande circunspecção. Mas isto nada influio no seu modo, porque era mais alegre que triste; e nunca foi inimigo das recreações honestas: (Elogios dos Reys) foi resguardado, sem ser suspeitoso; reconhecido, amante da equidade, remunerador de todos os serviços, que lhe fazião, e cuidadoso de todas as pessoas da sua casa. Numa palavra foi isenro de todo vicio, na idade em que os erros são mais desculpaveis; e a pesar de ser tão regular no seu procedimento, nunca foi rigido com os outros. (Os authores jà citados.)

(*) Damião de Goes diz na parte 1. Cap. 9. que elRey D. Manuel confirmou todas as mercès, e graças, que elRey D. João II. seu antecessor fez, jà expirando: e que antes das Cortes mandou vir ás confirmações todos os privilegios, liberdades, e cartas de mercès, que com parecer de Letrados confirmava, derogava, ou limitava.

(*m*) Le Quien t. 2. f. 6. Faria e Sousa. Vasconcellos. La Clede t. 1. f. 552. Ferreras t. 8. f. 167. Goes parte 1. c. 9. diz que elRey accrescentou na casa do Civel mais sobre Juizes, e que mandou pelo Reyno Corregedores com alçada até morte.

ElRey desde o principio de seu Reynado, deo a entender, que queria seguir diverso caminho, do que levára elRey D. João II., e tentou a realçar a gloria da Nobreza; para o que mandou pintar nos Paços de Cintra as armas das casas mais illustres do Reyno, com as suas, e as dos Infantes, e Infantas, a fim de inspirar pouco, e pouco no povo o respeito e acatamento aos Grandes.

Vimos á cima como os Judeus de Hespanha forão acolhidos em Portugal, pagando por este favor uma grande capitação; (*) mas porque dentro do tempo convencionado não podérão, ou não quizerão sair-se do Reyno, forão condemnados á pena da escravidão. ElRey D. Manuel, usando com elles de sua clemencia lhe restituia a liberdade, e offerecendo-lhe elles reconhecidos ao beneficio, um bom presente de dinheiro, ElRey generosamente lho não quiz aceitar: (*n*) mas depois lhes assignou certo prazo, em que saissem deste Reyno.

Os Reys Catholicos D. Fernando e D. Isabel enviárão por um seu Embaixador dar o parabem a ElRey, e certificallo da sua amizade; e lhe mandárão junctamente propor casamento com sua

(*) Erão 8 cruzados por cabeça: os officiaes mechanicos que quizessem ficar no Reyno, pagárão ametade: e entrárão mais de 20.000 casaes alguns de 10, e 12 pessoas.

(*n*) Osorius. Goes. Mayerne Turquet.

filha a Infanta mais moça de Castella chamada D. Maria. S. Alteza recebeo o Embaixador com toda a distincção; e dizendo-lhe que seu intento era certamente conservar a paz, e boa amizade, que havia entre as duas Nações, no tocante ao casamento respondeo-lhe, que por então não lhe permittião as cousas cuidar nisso, e que a seu tempo communicaria a suas Majestades os seus sentimentos: por onde os Reys Catholicos entendérão, que o de Portugal tinha intentos na Princeza de Castella sua filha. (*o*)

Estando ElRey em Silves, (*) veio á Corte o Prior do Crato com o Senhor D. Jorge filho natural delRey D. João II., que então tinha perto de 14 annos, e parecia-se tanto com o pai, que ElRey D. Manuel depois de attentar um pouco nelle, não póde contèr as lagrimas, e prometteo fazer em seu beneficio tudo quanto elle podesse desejar. (*p*) Este procedimento d' ElRey animou os Cortesãos de sorte, que mũitos dos mais obrigados a ElRey defunto se chegárão a beijar a mão ao Senhor D. Jorge, acção que neste Reyno demostra o maior signal de respeito. O Senhor D. Jorge recebeo com dignidade estas cortezias, e fazendo a ElRey tanto acatamento como se fôra seu

(*o*) Zurita Annales. Goes. Osorius. Mariana.

(*) Goes parte 1. c. 7. e Resende Chron. Joan. 2. Cap. 216. dizem que o Senhor D. Jorge foi a Montemór o novo, e não a Silves.

(*p*) Faria e Sousa.

filho, veio a gozar das honras, que se lhe fazião em vida de seu pai. ElRey despachou Embaixadores aos Principes Estrangeiros; soccorro para as praças de Africa, e teve a gostoza noticia, de ser pacificada a revolta, que lá houvera; junctando-se a estas boas novas a de uma victoria, que os Portuguezes alcançárão dos Mouros, e que elle teve por boa estrea do seu Reynado. (q) Seus Vassallos formárão deste successo o mesmo conceito, de sorte que espalhou por todo o Reyno um geral contentamento.

E porque a este tempo inda havia peste em Lisboa, veio ElRey para Setuval, onde achou sua mãi, e suas duas irmãas, que instárão muito com elle para dar licença de tornarem ao Reyno os filhos do Duque Bragança; e para restituir-lhes os seus bens; no que tudo ElRey consentio. Mas tanta clemencia não mereceo os aplausos de todos, a pezar das cautelas, com que ElRey quiz obviar as queixas, compensando a lesão dos que restituirão os bens daquella casa, que possuião, com inteira satisfacção do que se lhes tirava. E todavia ElRey affirmou aos do seu Conselho, que estava persuadido, de que os filhos não devião padecer pelas culpas de seus pais.

Alguns Ministros ousárão representar-lhe, que S. Alteza esgotava o Erario, (obrando contra as maximas de seu predecessor) para enriquecer a-

(q) Goes. Le Quien l. c. p. 9.

quelles, a quem perdoava, e restituia ao antigo estado; vindo por este modo a animar os facionarios, e malcontentes; e que os Grandes afoutados pela sua clemencia, tornarião de novo a opprimir o povo. Mas póde mais com elRey o valimento das Princezas, e D. Jaime Duque de Bragança foi restituido a todas as suas honras, e empossado de todos os bens, que possuira seu pai. (*r*)

ElRey desejava tãobem trazer ao Reyno o Cardeal Costa, que andava em Roma desde o tempo delRey D. João o II. apezar de haver sido mũi privado d' ElRey D. Afonso V. Mas o Cardeal, ainda que a principio mostrou ceder aos rogos d' ElRey D. Manuel, e querer voltar para Portugal, depois mandou-lhe dizer, que em Roma o podia servir melhor, e que os seus annos, e infirmidades lhe não permittião já fazer uma jornado tão prolixa. (*s*) Por estes tempos servindo-se ElRey de D. Alvaro seu primo, para lhe negociar o seu casamento com D. Isabel filha dos Reys de Castella, viuva do Principe D. Afonso de Portugal, ou porque andava namorado della, ou porque entendeo, que a Princeza viria a ser herdeira das Coroas de Castella, e Aragão, e seus filhos por consequencia Soberanos de toda a Hes-

(*r*) Faria e Sousa. Goes. Osorius. Mariana l. 26. La Clede l. 14.

(*s*) Os authores citados na nota antecedente.

panha, e os Monarchas mais poderosos de Europa: e posto que a primeira razão de ElRey querer casar com D. Isabel seja mais verosimil, nada tem de incompativel com a segunda.

D. Fernando, e D. Isabel mostrárão, que approvavão este casamento; mas cuidárão em fazer com que elle lhes servisse a seus interesses, propondo a ElRey de Portugal, que se ligasse com elles contra Carlos VIII. Rey de França. ElRey D. Manuel, com quanto desejava a conclusão destas nupcias, não pôde acabar comsigo, aceitallas com tal condição; porque sempre houvéra boa correspondencia entre França; e o Commercio com os Francezes era mũi vantajoso a seus vassallos. Todavia prometteo, que se ElRey de França entrasse hostilmente pelos estados de Castella, elle ajudaria os Reys Catholicos a rechaçallo: mas não previnio igualmente a seu favor a Princeza D. Isabel, que mostrou grande repugnancia em tornar a Portugal, em razão do que perdèra neste Reyno; e porque não podia resolver-se a casar segunda vez, e com um Rey, que protegia os Judeus. (*t*)

Os Ministros mais illuminados, e prudentes d' ElRey, oppozerão-se muito ao conselho de expulsar os Judeus, como prejudicial ao Estado, e contrario á promessa, que ElRey lhes fizéra. Mas

(*t*) Mariana. Ferreras t. 1. f. 181. Zurita. Bernaldes, Carvajal, Garibay.

S. Alteza por satisfazer a estes, e aos do voto contrario, publicou um edicto, pelo qual aprovava certo termo, em que os Judeus saissem destes Reynos, e lhes apontou os Portos de mar onde havião de embarcar: depois limitou ao de Lisboa a faculdade da embarcação, e em fim fez com que esta se estorvasse, de sorte que passou o dia atermado, e os Judeus forão reduzidos á escravidão em pena de não fazèrem um impossivel. Logo concedeo-lhes como mera graça o tempo de vinte annos para se convertèrem á Fé Catholica, e obrigando-os a fazerem-se apparentemente Christãos, se lhe restituirão os filhos, que lhes tomárão para os baptizar.

Esta violencia tinha desesperado os Judeus a tal ponto, que mũitos matárão seus filhos, para os livrar do captiveiro, e depois se matárão a si mesmos: por onde não he de admirar, que elles abraçassem qualquer meio de salvarem a liberdade, e os filhos. (*u*) Mũitos Escritores louvão a prudencia, e a maior parte delles o zelo, e a constancia delRey; posto que o Bispo Jeronimo Osorio, com outros, reprehendem este procedimento, e se mostrão mũi espantados de que se podesse entender, que elle era conforme ás maximas do Evangelho, e ás de uma sãa Politica. (*x*) Tal foi a origem da corrupção de san-

(*u*) Le Quien l. c. f. 15. Faria. La Clede l. 14.
(*x*) Osorius de Rebus Emanuelis.

gue, e sentimentos dos Portuguezes, e a causa, que fez necessarios os rigores da Inquisição, com que mũitos Judeus se contivèrão na hypocrisia, e poucos forão verdadeiros Christãos.

ElRey depois de se delatar no conselho a materia dos descobrimentos resolveo tentar um novo caminho para a India Oriental, e destinou quatro navios a esta expedição, que encomendou a Vasco da Gama. Este Fidalgo fez-se a vela aos 9 de Julho, e concluida felizmente a sua empreza voltou a este Reyno. (y)

No Outono seguinte, passou elRey a Valença d'Alcantara, e ali se recebeo com a Princeza de Castella D. Isabel, ao mesmo tempo, em que o Principe das Asturias D. João dava em Salamanca o ultimo suspiro, ficando a Princeza por sua morte herdeira dos Estados de seu pai, e sua mãi. E porque o luto não era compativel com as festividades, como se soube da morte do Principe, ElRey com a Raynha, depois de se despedirem da Raynha D. Isabel, voltárão para Portugal. (z)

A experiencia tinha mostrado, que os conflictos das Jurisdições causavão mũitos inconvenientes, e que as disposições, provissionaes, com que os quizerão atalhar de tempos a tempos, não remediavão as frequentes disputas, que se suscitavão, mũito mais repetidas, por senão obser-

(y) Maffæus Hist. Judica. Le Quien l. c. f. 18.
(z) Todos os Historiadores, de Hespanha e Portugal.

varem as taes providencias. E querendo ElRey dar a ordem, que nisto convinha, mandou examinar, e colligir os Foraes das 5 Provincias do Reyno, e assim os districtos dos Coutos, honras, e terras dos donatarios dellas, obra que se incluio em 5 volumes.

A este tempo já a Raynha andava pejada, e todavia os Reys Catholicos, a convidárão para ir a Castella com elRey seu marido, a quem, antes de partir, os Tres Estados do Reyno prestárão de novo juramento de fidelidade. Suas Altezas chegárão a Toledo, onde as Cortes de Castella reconhecèrão a Raynha de Portugal por herdeira da Coroa Castelhana; (*a*) e dalì passárão a Saragoça, para serem jurados herdeiros do throno de Aragão. Nesta Cidade deo a Raynha á luz o Principe D. Miguel aos 24 de Agosto, e falleceo uma hora depois; (*b*) pelo que elRey D. Manuel se tornou logo para os seus Estados.

Mas antes de sair de Castella, ajustou-se com suas Majestades Catholicas, para junctamente enviarem Embaixadores ao Papa Alexandre VI., que lhe representassem a desordem de seus procedimentos, e o exhortassem a viver com mais decencia, e moderação. Os Embaixadores Portuguezes forão D. Rodrigo de Castro, e D. Henri-

(*a*) Garibay. Carvajal.

(*b*) Zurita. Le Quien l. c. p. 29. La Clede ubi supra. Ferreras t. 8. f. 189.

que Coutinho nobres da primeira Ordem, e de reconhecida probidade, os quaes desempenhárão muito bem a sua missão; mas o Papa lhes respondeo tão desabridamente, que os Embaixadores, conhecendo o seu caracter, sairão logo de Roma por escapar de seus furores. Mas depois o mesmo Pontifice mostrou ter mais respeito aos Soberanos de Castella, e Portugal. (*c*)

ElRey por contentar os Reys Catholicos fez jurar em Cortes o Principe D. Miguel por herdeiro da Coroa de Portugal, bem como o jurárão successor dos Reynos de Castella e Aragão; e prometteo em nome do Principe, em cartas patentes selladas com sello grande, e assignadas de sua mão, que nos cargos desteReyno não entrarião senão pessoas naturaes delle. Mas depois veio o Principe a morrer, e assim de desvanecèrão os receios, que havia de senão guardar esta promessa. (*d*)

Então começou ElRey D.Manuel a applicar-se com toda a attenção, e diligencia aos negocios Publicos, e principalmente aos da Justiça, e da Real Fazenda. A tornada de Vasco da Gama, com a nova de ter descoberto a India, encheo de espanto a Capital do Reyno, e toda a Europa. E porque não he de nosso assumpto a Historia deste desco-

(*c*) Du Chesme Hist. des Papes. Osorius. Ferreras. Mariana l. 27. Goes parte 1. c. 33.

(*d*) Faria e Sousa. Damião de Goes parte 1. c. 34.

brimento, basta-nos dizer que se concluio em pouco mais de dous annos, e que de cento e quarenta, e oito homens, que forão a esta expedição não tornárão ao Reyno senão cincoenta e cinco. ElRey os recebeo com todas as demonstrações de honra, e distinção, e fez a Vasco da Gama Conde da Vidigueira, dando-lhe junctamente o posto de Almirante da India para elle, e para seus herdeiros, a fim de que corressem de par a gloria, e a recompensa de seus serviços. (*e*)

Neste anno (1499) mandou elRey trasladar o Corpo d'ElRey D. João II. da Villa de Silves, ao Convento da Batalha, onde por sua ordem se lhe erigio um Sepulchro de marmore. (*f*) E voltando da Batalha, ordenou que se lavrasse mũito dinheiro de ouro, e prata, e que se aprestasse uma frota numerosa, para manter, e aumentar o Commercio, que de novo se lhe franqueava com o Oriente, (*g*) conservando com o esforço, o que grangeára com a prudencia.

E quando o Senhor D. Jorge teve idade conveniente, cuidou ElRey em desempenhar nelle o que devia a seu pai, fazendo-o casar com D. Beatriz, filha de D. Alvaro de Portugal, irmão de D. Fernando, e tio de D. Diogo Duque de Bragança. Fez mais ao Senhor D. Jorge Duque de

(*e*) Maffeus. Osorius. Le Quien t. 2. f. 58. 59. Goes p 1. c. 44.

(*f*) Faria. La Clede t. 1. f. 568. Goes p. 1. c. 45.

(*g*) Osorius.

Coimbra, dando-lhe todas as terras, e rendas, que forão pertenças deste Ducado: e ao mesmo tempo nomeou Condestavel de Portugal seu sobrinho D. Afonso, a quem deo por mulher D. Joanna de Noronha, filha de D. Pedro de Menezes, Marquez de Villa-Real.

Este D. Afonso era filho natural do Duque de Vizeu morto por ElRey D. João II. (*h*) e de uma Dama Castelhana tão illustre, que os Historiadores daquelles tempos julgárão, que devião encobir-lhe o nome por sua honra. E como ElRey D. Manuel não tinha filhos, e era já viuvo, os Grandes de Portugal não cessavão de lhe requerer, que contratasse segundo casamento.

A fim de contentallos, negociava ElRey com S. M. Catholicas, o seu casamento com a Princeza D. Maria sua filha, a quem ElRey enjeitára, quando lha offerecèrão. Este negocio veio a conclusão, e a Princeza trouxe de dote duzentos mil escudos de ouro, e uma tença annua de dez mil escudos assentada nos rendimentos do Porto de Sevilha. (*i*) A este tempo cuidava ElRey D. Manuel em passar a Africa com uma armada numerosa, e 26 mil homens, de que elle pessoalmente serîa general, não o podendo dissuadir desta resolução, nem as instancias de seus Conselheiros, nem as supplicas da Raynha sua mulher. Mas os

(*h*) Faria e Sousa. e Goes. parte 1. Cap. 45.

(*i*) Petr. Martyr. Epist. Garibay. Ferreras l. c. f. 199. e 200. Goes p. 1. c. 46.

Venezianos lhe mandárão representar, que Bajazet Imperador dos Turcos ameaçava os estados da Republica, e se dispunha a invadillos com todas as forças do Imperio Ottomano. Pelo que ElRey dando de mão generosamente ao que traçára para ganhar gloria, declarou, que preferia a tudo a conservação de seus Alliados, e o interesse da Christandade; de sorte que expedio logo 30 navios, com a gente conveniente para se unirem aos da Republica, e se opporem juntamente aos Turcos. (*k*)

(*) ElRey, que tinha particular cuidado no Duque de Bragança seu sobrinho, para quem olhava como para seu successor, entendeo em o casar, para tirallo de uma negra melancholia, cujos ataques erão talvez tão violentos, que o Duque não comia nada, e se expunha a morrer de fome. Para o que poz ElRey os olhos em D. Leonor de Gusmão filha do Duque de Medina Sidonia, com quem o de Bragança, se recebeo em observancia das ordens d'ElRey seu tio. Mas pouco tempo depois desapareceo o Duque de Bragança, deixando a ElRey uma carta, em que lhe supplicava, que desse os seus bens, e Titulo a D. Diniz seu irmão, porque elle tinha resolvido ir a Jerusalem, e lá passar o resto da vida. ElRey mandou-o buscar com tanta diligencia, que

(*k*) Damião de Goes parte 1. c. 47.

(*) Goes p. 1. c. 61.

em fim o vierão a descobrir em Aragão, donde foi trazido a este Reyno, e nelle acolhido d'ElRey com tanta bondade, que o Duque se deixou do intento, que tinha, e viveo depois sempre conforme ao seu nascimento, e qualidades. (*l*)

(*l*) Faria e Sousa. Este Duque de Bragança fora mũito bem educado em Castella, onde sempre o tratárão com grande respeito. Mas isto não valeo, para que as desgraças da sua familia lhe não abatessem de sorte o animo, que a pezar da mudança inesperada da sua sorte, e da grande amizade, que elRey lhe mostrava, sempre andava inquieto, e melancholico. Quando elRey foi a Castella em 1498, nomeou o Duque seu herdeiro, no caso de elle fallecer sem successão. E para o curar da sua tristeza he que ElRey o casou com D. Leonor de Gusmão, e o obrigou a viver com ella, em vez de se ir fazer hermitão em Jerusalem.

Este remedio foi obrando insensivelmente, e o Duque sarou em grande parte da melancholia, que era um effeito da disposição do seu espirito; contribuindo tãobem mũito para isso a amizade constante d'ElRey, o qual o mandava frequentemente fazer as suas vezes e o fez general da Armada, que mandou a Africa, sem se esquecer de cousa algũa com que o podesse convencer da sinceridade de seus sentimentos.

O Duque teve de D. Leonor de Gusmão um filho por nome D. Theodosio, que lhe succedeo no Ducado; e uma filha chamada D. Isabel, que casou com o Infante D. Duarte filho d'ElRey D. Manuel. Por morte de D. Leonor, namorou-se o Duque de D. Joanna filha de D. Diogo de Mendonça Governador de Moura, da qual teve quatro filhos, e varias filhas, cujos nomes referiremos com toda a brevidade, porque he absolutamente necessario saber bem

a ordem

A esquadra, que ElRey enviára aos Venezianos correo primeiramente as Costas de Berberia, e fez por tomar de subito Mazalquivir; mas como os Mouros se defendèrão resolutamente, e os Portuguezes îão perdendo soldados, D. João de Menezes Conde de Tarouca resolveo-se a continuar a sua viagem, e depois de costear a margens da Sardenha, e da Calabria, deu á vela para Corfú, onde se havia de juntar com a frota Veneziana.

Aqui querendo os Portuguezes metter-se com as mulheres da terra, forão assaltados dos moradores della, que matárão 70. As duas armadas combinadas, poserão-se em som de ir demandar a dos Turcos, e obrigando assim a Bajazeto a deixar-se do seu intento, e a mandar recolher os seus baixeis, os Portuguezes pouco depois voltárão para Lisboa, onde a Republica enviou um Em-

a ordem desta Genealogia, para se poder entender ao diante a historia deste Reyno.

D. Diogo morreo sem successão. D. Constantino de Bragança, que foi Camarista mór delRey D. João III. e Vice-Rey da India, casou com D. Maria de Menezes, filha de D. Rodrigo de Mello Marquez de Ferreira da qual não teve filhos. D. Fulgencio, Prior de Guimarães, que deixou dous filhos naturaes, e D. Theotonio Arcebispo de Evora. As filhas do Duque forão D. Francisca Freira em Evora; D. Angelica, Abbadeça de Villa-Viçosa; D. Joanna que casou com o Duque de Maqueda; D. Eugenia, que casou com D. Francisco de Mello Marquez de Ferreira; D. Maria Abbadeça em Villa-Viçosa: e D. Vicencia religiosa no mesmo Mosteiro.

baixador a render as graças a ElRey, pelo soccorro, que naquella occasião déra á Senhoria de Veneza. (*m*)

Neste anno, navegando Pedro Alvares Cabral para á India, descobrio o Brazil, região da America Meridional; e dando fundo em Porto Seguro, tomou posse da terra pela Coroa de Portugal, a quem inda agora pertence: e ElRey fundou neste mesmo anno o Convento de Belèm, que justamente se reputa dos mais formosos edificios de Lisboa. (*n*)

(*m*) Damião de Goes. parte 1. c. 51. e 52.

(*n*) Faria e Sousa e Goes p. 1. c. 53. O verdadeiro nome deste magnifico edificio he *Bethlem*, que os Portuguezes escrevem, e pronuncião *Belèm*; o qual está situado nũma Villa do mesmo nome, e ha nas margens do Téjo um forte dicto de Belem. A Igreja vista de longe parece um edificio prodigioso, mas ao perto he um dos edificios mais formosos, e regulares, digno d'ElRey D. Manuel, não tanto pela sua belleza, e magnificencia, quanto pelo extraordinario da traça, e pelo modo da sua execução. Nelle se vé um retrato do fundador, porque a obra he grande, e dà mũito nos olhos, mas com regularidade, e perfeita symetria.

Aqui estão os fermosos Sepulchros d'ElRey D. Manuel, e da Raynha D. Maria, dos quaes não desdizem os outros nobres monumentos, que lá se achão em grande numero, enterrando-se ali os Principes, e Princezas de sangue, bem como varios Reys, e Raynhas, cujos Sepulchros por distincção, assentão sobre elefantes, e são adornados de Coroas, e escudos.

O Convento, que he de Padres de S. Jeronimo, tem capacidade

Posto que o Commercio da India não correspondia ainda com os proveitos, que delle se esperavão, ElRey continuava em mandar lá ar-

pacidade para recolher duzentos Religiosos, em cellas espaçosas, e bem lavadas dos ares, com vista de mar, ou de jardins plantados de Laranjeiras, que encantão juntamente os olhos, e o olfacto. As rendas deste Mosteiro andão por perto de 8 mil ducados; e alèm dos jardins destinados ao prazer, e divertimento, pertence ao Convento um parque larguissimo, que pode dar aos Religiosos trigo, vinho, e fructa de todas as especies.

Este parque he murado; e o Convento com a Igreja, e todas as officinas são lavrados de Cantaria. Ahi perto está outro edificio, onde se recolhem os officiaes militares invalidos, e pobres, aos quaes em entrando ali se lhes dá a Ordem de Christo, que he a mais distincta do Reyno: e por todo o resto de sua vida, tudo quanto pode alliviar o pezo da velhice, porque tem boa meza, camaras agradaveis, recreações, e companhia entretida, e são muito bem servidos. Quando adoecem tem medicos, cirurgiões, e enfermeiros, que os tratão como a pessoas honradas especialmente com a protecção Real, conforme a instituição d'ElRey D. Manuel, que era não só soccorrellos, mas premiar os seus serviços. (Esta fundação he do Infante D. Luiz filho delRey D. Manuel, e o original authentico della está na Secretaria do Secretario do Despacho ordinario da Mieza da Consciencia.)

Defronte do Convento, e no meio do rio, vê-se uma torre, quadrada, que se póde reputar por Cidadella da Capital, a qual torre todos os navios, que entrão devem salvar, e apresentar ali a carta da saude, e passaportes. Tem uma praça d'armas bem fortificada, e provida d'artelharia: officinas inferiores para servirem de tercenas, e as

superiores

madas bem guarnecidas de gente, e munições de guerra de toda sorte, entendendo que ao diante serîa bem resarcido das despezas, que fazia, a pezar do que ellas davão em que entender ás almas apoucadas: e não parando aqui, traçava passar em Africa mais poderoso, do que nenhum de seus predecessores o fizera.

Animavão-no a esta empresa as memorias, que ficárão d'ElRey D. João seu primo, onde se achou traçado o projecto, que se havia de executar, e os meios de o conseguir, que erão conquistar primeiro as marinhas oppostas d'Africa, e assegurallas com fortalezas, para depois se edificarem Cidades, e portos, aonde concorrerião os moradores do Sertão attrahidos por leis prudentes, e grandes privilegios. Disto (continuão as memorias) seguir-se-hia á pouco e pouco, franquear-se a communicação dos estrangeiros, que frequentão os portos, com o interior ou Sertão da terra, dando grande proveito aos Portuguezes, os quaes em vez de empobrecèrem com os custos e gastos necessarios, ou de se enfraquecèrem mandando para lá os seus naturaes, poderião no decurso de um só Reynado, enriquecèr com as con-

superiores onde se mettem os presos d'Estado. A Villa, ou lugar de Belem deve a sua origem ao grande concurso de navios que ali abordavão, pela commodidade do porto, que descreveremos.

quistas, e crescer em poder com os novos seus colonos.

Trabalhou ElRey na reparação, e reforma dos lugares, que a peste tinha quasi que despovoados, e examinou todos os foraes, coutos, honras, e Villas principaes do Reyno, para remediar o que com a mudança de costumes se fizéra oneroso aos povos, supprir ao que faltasse, e conceder mais privilegios onde cumprisse. (*o*) E andando occupado assim em beneficio de seus Vassallos, deo a Raynha á luz aos 6 de Junho um Principe, cujo nascimento foi assignalado por uma tenpestade tão horrivel, que não havia entre os daquelle tempo memoria de outra tal; dando por isso em que entender aos supersticiosos, cujas funestas ideias se confirmárão mais por pegar o fogo no Paço em o dia do Baptizado do Principe. (*p*)

ElRey, que era cheio de devoção, e piedade, fez uma romaria ao Sepulchro de Sant'Yago de Compostella; e passando pelo Porto mandou acabar o altar de S. Pantaleão, que seu predecessor tinha começado; (*) e em S. Yago fez presente á Igreja de uma alampada de prata com feição de Castello tão preciosa pelo lavor, como pela materia, e repartio pelos pobres dos lugares

(*o*) Osorius. Maffeus. Goes p. 1. c. 25.

(*p*) Goes. Osorius. Ferreras l. c. f. 231.

(*) Garibay. Carvajal. Ferreras ubi sup. f. 132. Goes p. 1. c. 64.

por onde passava esmolas consideraveis. (*q*) Na volta para o Reyno, vio em Coimbra a sepultura d' ElRey D. Afonso Henriques primeiro Rey deste Reyno, cuja mediania fez em seu animo tal impressão, que o obrigou a mandar erigir-lhe outra digna daquelle grande Principe, e do que honrava o seu cadaver. (*r*)

A armada, que ElRey mandára a Africa, para conquistar certa praça, voltou sem nenhũa conclusão; e ElRey chegou a Lisboa, onde foi recebido com todas as mostras de prazer e alegria; e a este respeito se póde dizer, que elle mereceo verdadeiramente o epitécto de Feliz, porque fossem quaes fossem os exitos de suas empresas, estavão os povos tão convencidos da rectidão de suas intensões, que reconhecião por igual os beneficios, que ElRey lhes negociava, e aquelles de que por sua industria já gozavão. (*s*)

O novo projecto, que este Principe formára de passar a Africa, desvaneceo-se tãobem com a fome, que affligio o Reyno a qual o obrigou a despachar navios á Africa, Sicilia, Sardenha, França, Inglaterra, e outras partes para comprarem pão, com que o povo não perecesse de fome. (*t*) Esta desgraça todavia não lhe impedio enviar Missio-

(*q*) Mariana. Faria e Sousa.
(*r*) Goes. Le Quien t. 2. f. 89.
(*s*) Faria e Sousa. Osorius. Damião de Goes.
(*t*) Le Quien ubi sup. Goes p. 1. c. 65.

narios ao Reyno de Congo, com o intento de civilizar os seus naturaes, e persuadir ElRey de Congo a mandar a Lisboa alguns de seus filhos para aî se educarem, a fim de fazer prosperar o Commercio com aquelle Reyno, que era mũi proveitoso. (*)

Vasco da Gama, que fizera segunda viagem á India, tornou de lá com ricas mercadorias, que fizerão cessar todas as objecções, e desconfianças contra o Commercio do Oriente, cuja utilidade (*u*) chegárão a comprehender os religiosos illuminados; de sorte que o gosto de fazer novos descobrimentos vogou mũito entre as pessoas nobres, que tinhão algũa capacidade.

Havia dois annos, que Gaspar de Corte-Real fidalgo mancebo de espiritos e discrição armára um navio á sua custa, de que elle mesmo se fez Capitão, e porque o não accusassem de metter a fouce em seara alheia, velejou para a America septentrional, e correndo as costas encontrou nellas nações ferozes; mas a terra pareceo-lhe tão graciosa, que elle lhe poz o nome de *Terra Verde*. Voltando a Lisboa, esquipou outro navio, com animo de ir assentar vivenda na Terra que descobrîra, mas nunca mais se soube delle, seu irmão Miguel de Corte-Real quiz emprender a mesma viagem, mas ElRey lho não consentio, e

(*) Goes p. 1. c. 76.

(*u*) Maffæus, Osorius, Goes p. 1. c. 69.

do apelido destes dois irmãos he que aquella Região se chamou *Terra de Corte-Real.* (*)

ElRey tinha mandado ordem a D. João de Menezes, e ao Conde de Tarouca, que tomassem Alcacerquivir fortificado por ElRey de Fez, com intento de estreitar Arzila. Tentárão estes dous Fidalgos a empreza, e portárão-se nella com todo o valor, e prudencia, mas debalde; porque não tinhão forças sufficientes. S. Alteza convocou para Lisboa os Tres Estados do Reyno, e posto que erão más as circunstancias do tempo, tal era o desejo, que os povos tinhão de o servir, que lhe concederão quanto elle apontou, com 50 mil crusados para a guerra de Africa, e jurárão o Principe successor á Coroa. (*x*) Aos 24 de Outubro nasceo a Infanta D. Isabel, que depois foi Raynha de Castella e Aragão, e Imperatriz. (*y*) Concluidas as Cortes, foi ElRey a Tomar onde celebrou um Capitulo da Ordem de Christo, e reformou diversos abusos.

Por estes tempos falleceo com grande sentimento d' ElRey o Condestavel seu sobrinho, sem deixar mais successão que uma a filha, a qual casou na casa de Villa-Real: mas esta perda foi menos sentida, que a da Raynha mãi D. Isabel,

(*) Goes p. 1. c. 66.

(*x*) Goes. p. 1. Cap. 70. 71. e 67.

(*y*) Faria e Sousa. Ferreras t. 8. f. 261. Goes. p. 1. c. 75.

Raynha de Castella. (z) ElRey conhecia tanto os animos do Archiduque Filipe, e de seus Ministros, que não se fiando nada de sua amizade, mandou logo reparar todas as praças da fronteira de Castella; mas não he certo, que S. Alteza fizesse isto desconfiado daquelle Principe, em razão de tratar com D. Fernando Rey de Aragão sobre o casamento deste Principe com a infeliz Princeza D. Joana, que se intitulára Raynha de Castella. (*)

Em Africa D. João de Menezes entrou por força no Porto de Larache, e tomou quantos navios lá se achavão: fez tãobem por terra outras correrias, com mais gloria que proveito, em beneficio do projecto d' ElRey. Este anno ainda foi maior em Portugal a destemperança do ar, do que no precedente: quasi nos fins do Outono houverão tremores de terra tão fortes, que os moradores das Cidades e Villas se acolhião aos montes: e não se dando ali por seguros, derramarão-se pelos campos, onde viverão abarracados até os principios do Inverno. Quasi no fim do anno pario a Raynha a Infanta D. Beatriz, que veio a ser Duqueza de Saboya. (a)

(z) Petr. Mart. epist. Bernaldez. Zurita. Goes p. 1. c. 82.

(*) Esta he a que se esposou com elRey D. Afonso V. seu tio, e que os Chronistas Portuguezes chamão a *Excellente Senhora.*

(a) Faria e Sousa. Osorius. Ferreras ubi sup. 273. Goes 1. p. Cap. 82. no fim, e Cap. 83.

Como o estado das cousas na India pedia, que se mandassem para lá grandes forças; ElRey expedio uma frota mais possante, e mais gente do que nunca fôra, cujo regimento deo a D. Francisco de Almeida: e senão fosse a prudencia d' ElRey a este respeito, he provavel que os Portuguezes tivessem sido expulsos da India logo que entrárão nella. (*)

Os Principes Mahometanos, e em particular elRey de Adem, que se dizia descendente de Mahomet, recorrèrão a *Campson* Soldão dos Mamelucos no Egypto, implorando a sua protecção contra os Portuguezes. O mesmo requererão os Venezianos por seu Embaixador ao Soldão, dando-lhe para o auxiliarem fundidores de artilheria, e Carpinteiros de naos para as lavrar nos portos do Mar Roxo. Mas o Soldão antes de vir ás armas, enviou ao Papa Julio II. um religioso chamado Mauro, com cartas para aquelle Pontifice.

Nellas se lhe queixava aquelle Principe da Conquista de Granada por ElRey D. Fernando de Castella e Aragão; e das empresas d' ElRey D. Manuel na India, e Africa, e ameaçava que usaria de represalias com os Christãos, pedindo ao Papa, que fizesse que aquelles Principes lhe dessem algũa satisfação, e que no caso de lha négar, carregaria sobre elles a culpa dos males, que se ha-

(*) Goes p. 1. c. 93.

vião de seguir. O Papa enviou o Religioso a Lisboa e Madrid, para communicar aquella carta aos dous Reys, que não fazendo caso della, exhortárão o Papa a publicar cruzada contra o Soldão com que teria assás de gente para o defender de seus inimigos. (*b*)

(*) Neste mesmo anno fez ElRey mũitas ordenações a beneficio da Industria, da Temperança, e para manter a igualdade entre os seus Vassallos. Destas Leys a mais notavel, e importante he a que prohibe aos hospitaes as compras de bens de raiz, sem permissão Regia expressa, porque as taes corporações, aproveitando-se da necessidade dos particulares, hião comprando tudo, e ajuntavão riquezas immensas, sem venderem nunca cousa algũa. (*e*)

Por estes tempos chegou da India Duarte Pacheco, que se illustrou no Oriente por façanhas quasi incriveis; e ElRey para mostrar o quanto presava o merecimento, tratou-o com a maior distincção, e fazendo uma solemne Acção de Graças levou pelas ruas a Duarte Pacheco a par de si; (*d*) e como soube, que aquelle valoroso

(*b*) Maffæus. Osorius. Goes. Ferreras l. c. f. 283. 284.

(*) Neste anno se começou a compilação das Ordenações Manuelinas, e se fizerão os tombos das Capellas, albergarias, e gafarias do Reyno. Goes 1. p. c. 94.

(*c*) Faria e Sousa. Le Quien t. 2. f. 112. 113.

(*d*) Goes. Osorius, Maffæus.

Capitão não trazia do Oriente senão a gloria de seus preclaros feitos, deo-lhe em premio a Capitania de S. Jorge da Mina na Costa de Guinè. (*)

Dali, ainda que este Varão immortal se houve sempre de modo irreprehensivel, accusárão-no alguns invejozos de crimes tão atrozes, que foi mandado vir a Lisboa, e ahî preso, e julgado innocente, (*e*) e restituido á sua dignidade; mas isto não tolheo, que depois não se fosse consumindo de melancholia, e nojo, e não verificasse o antigo dicto "*Que a virtude tem a sua recompensa em si mesma*" tão facil he deixarem-se os melhores Principes enganar dos aduladores!

Entretanto que ElRey andava de um lugar em outro fugindo á peste, fizerão os Portuguezes em Africa algũas correrias, de pouco momento, de sorte que ElRey se confirmava cada dia mais no seu grande projecto de passar á Africa com grossa armada, para ganhar algum lugar importante; e a este fim achava, que tinha boa ajuda de custas na Bulla da Cruzada.

Estando a Corte em Abrantes, por evitar a contagião da peste, aconteceo em Lisboa uma das scenas mais tragicas, que ver-se podem. Certa

(*) Pacheco morreo pobrissimo, seu filho assim viveo, a viuva delle diz Goes p. 1. c 100. que vivia de esmolas.

(*e*) Le Quien t. 2. f. 142.

pessoa devota, entendendo, que o vidro de um relicario onde estava exposto o Sacramento, pendente do peito de um crucifixo, lançava sobrenaturalmente grande clarão, entrou a bradar Milagre. Achava-se ali um Christão novo, que por sua desgraça teve a lembrança de dizer que aquelle clarão era o reflexo de uma luz, que dava no vidro do relicario; e isto bastou para excitar um tumulto contra os Christãos novos, e animado o povo por dous frades sediciosos só naquelle dia matárão perto de quinhentos. (*) Ajudavão este tumulto as gentes da guarnição de alguns navios Francezes, e Allemães, que estavão no Téjo, as quaes saindo em terra, e unindo-se á plebe, entrárão pelas casas dos mais ricos Judeus, ou Christãos novos, e indistinctamente îão matando, e roubando sem misericordia. Sobreveio ao terceiro dia, gente de fóra da Cidade, que enfurecida do mesmo zelo maldicto, comettèrão horribilissimas desordens, nas quaes todas se refere, que morrèrão mais de duas mil pessoas, de que a mayor parte erão Christãos novos, e alguns velhos, que tinhão inimigos, que os accusassem de Judeus.

Logo que constou a elRey o que passava na

(*) Damião de Goes p. 1. c. 102. diz que forão mais de 500 os mortos neste dia, que era Domingo da Pascoella; e culpa na matança os Hollandezes, Zelandezes, e os de Hoestelanda.

Capital, despachou a ella Ministros, e gente d'armas, e tirando-se rigorosas devassas, forão depostos os juizes, que o erão áquelle tempo; enforcados alguns dos sediciosos; os dous frades degradados das ordens, e queimados: e a Cidade foi privada dos seus privilegios. Os Francezes, e Allemães, que forão os mais fervorosos em roubar, depois de carregarem da presa os seus navios, fizerão-se á vela, escapando assim ao castigo que merecião por acção tão infame. (*f*)

Ahi mesmo em Abrantes nasceo este anno o Infante D. Luiz; e sabendo ElRey da chegada do Archiduque Filipe a Castella, lhe mandou dar as boas vindas, e o seu Embaixador foi recebido com distinção. Em Africa os Capitães Portuguezes, que começavão a saber enredar tãobem como os Mouros, tomárão de supito á Villa de Safim, que conservarão, e fortificárão por se reputar uma conquista d'importancia. (*g*)

A attenção com que elRey trabalhava em aumentar o seu poder na India, o seu credito no Reyno de Congo, e o Commercio de seus Vassallos em Guiné, trouxerão a Portugal riquezas immensas, e o porto de Lisboa veio a ser um dos principaes de Europa; a pezar da peste, que ainda ali durava. A Corte continuava a residir

(*f*) Osorius. Goes. Mariana. Ferreras. l. c. f. 301. 302.

(*g*) Faria e Sousa. Ferreras l. c. f. 315. Goes p. 2. c. 18.

em Abrantes, onde a Raynha pario aos 5 de Julho o Infante D. Fernando. E suscitando-se algũas diferenças entre as Coroas de Portugal, e Castella sobre as conquistas, que ambas fazião em Africa, ElRey por atalhar a desgostos, e más consequencias, propoz a seu sogro, que nomeassem Comissarios, que terminassem as suas pertenções, e assim se concordou.

O Principe de Mequinez, que se veio refugiar a este Reyno, empenhou-se com ElRey, que o faria senhor de Azamor, se fiasse delle a gente necessaria para esta empresa. ElRey concedeo no que o Principe pedia, e mandou embarcar 200 de cavallo, e 20,000 Infantes: mas esta expedição, (que outros (*) referem ao anno de 1508) não teve o successo desejado. O unico fructo que della se tirou foi resolver-se ElRey a não se fiar mais nunca em Mouros daquella sorte; porque na verdade todas as Conquistas, que até ali fizera em Africa, tinhão-lhe custado santo de sua fazenda, que se os Portuguezes senão enriquecessem por outra parte, ser-lhes-ia forçoso abandonallas de todo. (*h*)

As cousas da India, dirigidas pelo famoso Afonso de Albuquerque andavão muĩ florentes, e os proveitos, que ElRey de lá recebia lhe davão

(*) Goes p. 2. Cap. 27.

(*h*) Goes. Le Quien l. c. f. 204. 205. Mariana l. 29. Ferreras l. c. f. 326.

meyos de satisfazer o gosto, que tinha de edificar, e fazer acções magnificas. (i) Por isso tãobem cuidava particularmente em lá mandar todos os annos gente de soccorro, por saber, que tinha de resistir a um grande numero de inimigos poderosos; porque então andavão os Mahometanos mais unidos, e erão para se temer naquellas regiões; e todavia os Portuguezes destruirão-lhe o seu poder sem soccorro estrangeiro, e em tempo, quando não frequentavão o Oriente outras nações de Europa.

Os Commissarios nomeados para tratar com os Castelhanos, ajustárão em fim, que Vellez da Gomeira serviria de fronteira commum, e que toda a terra, que ficava ao Oriente daquella praça, seria da Conquista de Castella, e a que corria para o Occidente, da Conquista de Portugal. Mas em quanto elles assinavão estes limites imaginarios de seus dominios, ElRey de Fez veio cercar Arzila, com mais de 100,000 homens. O Conde de Borba Governador da praça defendeo-se esforçadamente, e depois de participar ao Almirante da armada Portugueza, e ao Governador de Tangere o estado, em que se achava, foi obrigado a recolher-se no Castello.

ElRey tanto que soube isto, mandou ajuntar no Algarve onde foi pessoalmente, uma esquadra, e ordenou que de Lisboa se lhe enviassem ali

(i) Osorius. Maffæus. Le Quien.

quantos navios se podessem ajunctar. Mas todos estes cuidados, e trabalhos serião baldados, se D. Fernando Rey de Aragão, não mandasse pela gente, que tinha em Africa commandada pelo célebre D. Pedro de Navarra, soccorrer os Portuguezes, que animados com este auxilio se defendêrão valorosamente, e tanto, que obrigárão el-Rey de Fez a pôr fogo a Arzila, e retirar-se com a sua armada, que padeceo mũito no decurso deste cerco.

ElRey teve esta boa nova na Cidade Tavira, onde ajuntára 20,000 homens, com que estava para se embarcar. Mas representando-lhe a Nobreza quão pouco convinha esta jornada nas circunstancias, em que se achava então o Reyno, deixou-se ElRey da empresa, e principalmente porque receiou, que aquelles, que lhe derão este conselho em Europa, o não fizessem arrepender de o não ter seguido, se elle os levasse a Africa constrangidos. (*k*)

Fernão Coutinho, fidalgo de distincto merecimento passou este anno á India, com a commissão de averiguar as dissensões, que havia entre D. Francisco de Almeida, e seu successor nomeado o Grande Afonso de Albuquerque, sendo-lhe ordenado, que mandasse D. Francisco para o Reyno, e metesse de posse do governo ao Albuquerque, porque as divisões dos Portuguezes tinhão já ti-

(*k*) Goes. Garibay. Faria. Le Quien ubi sup. f. 213.

do consequencias desagradaveis. (*l*) Aos 23 de Abril pario a Raynha em Evora o Infante D. Afonso. (*m*)

A guerra d'Africa, posto que os Historiadores Portuguezes nada dizem á cerca della, (*) ainda continuava, porque elRey de Fez refazendo-se de mais gente, dispoz-se com uma formidavel armada a cercar de novo Arzila, e he provavel que ganhasse esta praça, se o Conde de Borba se não soccorresse logo a seus vizinhos mais proximos; dos quaes a Cidade de Xerez, lhe enviou 300 besteiros, Sevilha mũitas armas, e bastimentos, e Miguel Soler o soccorreo com 4 galés da armada de Aragão, de sorte que ElRey de Fez houve de retirar-se, vendo que a sua empresa era mais ardua, do que elle cuidára. (*n*)

Neste tempo corria os mares um Corsario Francez por nome *Mondragon*, o qual fez presa em um navio Portuguez, que vinha da India com retorno precioso; e ElRey se mandou queixar deste roubo ao de França Luiz XII. que andava então empenhado na liga de Cambrai contra os Venezianos. E porque não recebeo logo a devida satisfacção, ordenou a Duarte Pacheco, que saisse com seis navios em demanda do Corsario, a quem investio juncto do Cabo de Finisterre. *Mondra-*

(*l*) Maffæus. Osorius, La Clede.

(*m*) Goes. Zurita. Mariana. Ferreras l. c. f. 335.

(*) Veja-se Goes p. 3. Cap. 30, 31, &c.

(*n*) Garibay. Zurita. Ferreras t. 8. f. 336.

gon, cujo officio era pelejar, defendeo-se valorosamente, mas em fim o Pacheco metteo-lhe no fundo um dos seus navios, e tomando-lhe os outros 3. aprisionou o Corsario, e o trouxe a Lisboa, onde ElRey tendo-se lhe dado inteira satisfacção, e tomando palavra a *Mondragon* de respeitar dali em diante a bandeira Portugueza, lhe deo liberdade de se retirar: mas não consta que premio tivesse Duarte Pacheco por um serviço de tanta importancia. Neste mesmo anno nasceo em Lisboa o célebre Luiz de Camões, Principe dos Poetas Portuguezes. (*)

ElRey andava todo occupado nos negocios da India, e Africa, e Afonso de Albuquerque simples governador por ElRey de Portugal tinha uma alma capaz de formar tão vastos projectos como qualquer dos grandes Conquistadores da antiguidade, e com forças mediocres havia dilatado o Imperio Portuguez desde o estreito de Babélmandél até o de Malaca. Destas Conquistas tirava Portugal certamente grandissimos proveitos; mas tãobem he certo, que custava grandes trabalhos a ElRey enviar todos os annos frotas, e gente, com que podesse conservar o Conquistado.

Por outra parte os Portuguezes havião-na em Africa com um grande Monarca, ou para melhor

(*) Camões, segundo o prova Manuel de Faria e Sousa, nasceo no anno de 1524. Veja-se a vida do Poeta no tomo 1. das ultimas edições em 4. t. de 8, 1779, e 1782.

dizer, com toda a Nação Mauritana, que (a não reynarem entre seus membros tantas discordias) facilmente os podéraõ despojar das praças, que occupavão na costa, e virem fazer guerra á Portugal. Como quer que seja, he certo que os Christãos poderião fazer mais, se se unissem bem, e ainda assim obrárão cousas espantosas, só porque tinhão gente mais bem disciplinada, e melhor regida, que a dos Infieis. E á falta de união, e destas qualidades se ha de attribuir o máo exito das empresas dos Mouros pelo espaço de 2 annos, contra Tangere, Safim, e Arzila, as quaes sómente servirão de honrar os Governadores Portuguezes, que tinhão forças bem inferiores ás dos inimigos. (o)

Em tanto que as Armas Portuguezas andavão tão prosperas, veyo-se a entender, que ElRey D. Fernando de Aragão, e Regente de Castella, tinha grandes intentos em Africa, e que a fim de os lograr ajuntava em Malaga grande armada, e mûita gente de guerra. O projecto era na verdade digno deste grande Monarca, que intentava destronizar ElRey de Fez, e attributar o Imperio de Marrocos á sua Coroa; mas aventando-o os Portuguezes, e deixando-se levar do ciume, conseguirão frustrar-lho. Os Historiadores em geral adoptão as preocupações de seus Soberanos, e os

(o) Maffæus. Osorius. Faria e Sousa. Le Quien l. 7. V. p. 3. Cap. 30, 31, &c.

de Portugal esquecidos dos soccorros, com que ElRey D. Fernando auxiliára generosamente os Vassallos deste Reyno, sem o qual não poderião conservar em Africa um só palmo de terra conquistada, declamão contra o designio, que ElRey de Aragão tinha de fazer guerra aos Mouros da Conquista Portugueza; como se lhes não fosse mais util avizinharem com um Principe tributario do sogro de seu Soberano, do que com um Monarcha poderoso, a quem por si sós não podião resistir.

ElRey D. Fernando, vendo descobertos os seus intentos, e ao de Portugal resentido, cedeo ás instancias dos grandes de sua Corte, que o dissuadião fortemente de proseguir aquella expedição; (p) e depois enviou por seus Embaixadores requerer a ElRey de Portugal, que se unisse com elle contra elRey de França. Mas o de Portugal escusou-se-lhe prudentemente, porque não tinha a menor desavença com este Monarca, e porque os Portuguezes fazião com os Francezes um Commercio avultado: antes acolheo no porto de Lisboa uma esquadra de galés Francezas, e lhes mandou dar mantimento, e munições. (q) E como elRey D. Manuel conservara estreita correspondencia com Henrique VIII de Inglaterra, de quem era concunhado, este Soberano lhe enviou

(p), Bernaldes. Mariana l. 30. Le Quien p. 353, 354.
(q) Bernaldes. Mariana l. c. Goes. Le Quien ubi sup.

a ordem da Jarreteira, para a qual fora nomeado no anno antecedente, mas não consta mũito ao certo o tempo, em que foi empossado desta dignidade. (*r*)

No ultimo de janeiro de 1512, deo a Raynha D. Maria á luz o Infante D. Henrique, que depois foi o ultimo Rey da sua familia em Portugal; e no dia do seu nascimento cahio em Lisboa mũita neve, cousa rara em Portugal. ElRey de Congo a quem os Portuguezes poserão o nome de D. Afonso, e que trabalhava mũito pela conversão de seus Vassallos, enviou a Portugal seu filho D. Henrique, seu irmão D. Manuel, e mũitos mancebos nobres para se criarem neste Reyno, os quaes forão trazidos por seu primo D. Pedro, homem prudente, e de recado, que havia de ir a Roma por Embaixador ao summo Pontifice. (*s*) Em Africa ia continuando a guerra com varia fortuna, e grande effusão de sangue de ambas as partes, posto que em Fez como em Lisboa, cuidavão os Monarcas de atalhar ás correrias, que só servião de estragar as terras, e consumir os Vassallos de ambas as Coroas. (*t*)

Sendo já purificado o ar com o Inverno, e o Reyno livre do contagio da peste, deo-se elRey

(*r*) Antis Order of the Garter v. 2. f. 274. Herbert's History of Henry VIII. Faria e Sousa. Goes p. 3. c. 24.

(*s*) Faria e Sousa. Le Quien l. c. f. 390. La Clede t. 1. f. 594. Goes p. 3. c. 28. e c. 39.

(*t*) Goes.

com todo o cuidado a repovoar as Cidades, Villas, e Lugares, onde ella lavrára mais, concedendo grandes privilegios aos seus moradores, e a todos os que nellas assentassem vivenda. Ao mesmo tempo despedio para Roma a D. Pedro Embaixador do Congo, acompanhado do Principe D. Henrique, e de cortejo sufficiente, para dar melhor a entender ao Papa a honra, que lhe fazia um Monarca: mas o negocio mais importante deste anno foi a expedição de Africa. (*u*)

Para ella mandou S. Alteza apparelhar uma esquadra numerosa, em que se embarcárão dezoito mil infantes, e dous mil e setecentos de cavallo, á obediencia de D. Diogo Duque de Bragança, que ía encarregado da Conquista de Azamor, com seu territorio. O Duque chegou ao lugar do seu destino pelos fins de Agosto, tomou-o em um sô dia, ordenou o que ali convinha, e voltou para o Reyno, onde foi bem recebido delRey, posto que múitos o accusassem de não ter feito mais: o Duque porèm entendia que assás faz, quem executa o que se lhe encarrega. E quanto á tomada de Marrocos, que lhe aconselhárão que tentasse, pareceu-lhe impraticavel em razão de ser já múi avente a estação; não havendo áliàs outra cousa, que a facilitasse, senão a discordia, que reinava entre os Mouros, a quem o rebate de sua marcha

(*u*) Faria e Sousa. Goes 3. p. c. 39. e sobre esta expedição v. os Cap. 46. e 47.

obrigaria a uniremse, e em tal caso devia o Duque a achar-se com a sua armada no maior aperto, e talvez impossibilitado para se retirar. (*x*)

ElRey D. Manuel julgou que convinha fazer serviço ao Papa dos primeiros fructos que colhia do Descobrimento da India, o qual era então Leão X. e por ser o Principe mais grandioso daquelles tempos, quiz elRey que a sua Embaixada movesse Roma a admiração, e espanto. Pelo que nomeou a Tristão da Cunha seu Embaixador, acompanhado de Diogo Pacheco e João de Far, oradores célebres ambos, Juristas famosos, e habeis no manejo dos negocios; (*y*) e nisto seguio ElRey o exemplo de seu predecessor, que sempre mandava com os grandes, que o representavão pessoas expertas, e prudentes; de cuja sabia precaução nunca se manifestou melhor a necessidade, do que na conjunctura presente.

Tristão da Cunha appareceo com tal explendor, e os que o acompanhárão, houverão-se tão destramente, que o Papa lhes concedeo uma Bulla, pela qual punha todo o Clero á mercè delRey, de sorte que os Ecclesiasticos entrárão a murmurar, e dicérão que S. Santidade fôra enganado. Mas ElRey temperou as cousas com tanta prudencia,

(*x*) Bernaldes. Goes. Osorius. Ferreras t. 8. f. 401. Mariana l. 30. La Clede l. c. f. 598. Le Quien l. c. f. 409.

(*y*) Faria. Le Quien l. c. f. 421. Ferreras t. 8. f. 601 &c. Goes 3. p. c. 55 e 50.

que em vez de tirar-lhes quanto podéra contenteu-se com um donativo de 150,000 crusados pagos em tres annos, do que a cleresia foi contente, e ElRey teve o gosto de ver obrigados á sua bondade, aquelles a quem poderia opprimir. (z)

ElRey deo novas provas da sua magnificencia e justiça, em outra occasião que occorreu. O Imperio Abexim era então governado por um Principe mancebo chamado David, debaixo da Regencia de sua avó Helena, senhora valorosa, e prudente. Este Monarca enviou por seu Embaixador a ElRey D. Manuel um Armenio por nome Mattheus, o qual se foi a Goa buscar Afonso de Albuquerque para lhe dar passagem decente para o Reyno, onde havia de entregar as cartas, que trazia para ElRey. Deo-lhe o Governador embarcação, mas o Capitão della, que vinha aggravado delle Afonso d'Albuquerque, entrou a despresar o Embaixador, tratando-o de embusteiro, porque elle lhe não queria mostrar as cartas do Imperador, e da Imperatriz. Chegados em fim a Lisboa, appresentou Mattheus as cartas do Governador, e as suas de crença, que trazia escondidas numa cana vasada, e juntamente os presentes de S. M. Imperiaes, que erão alguas medalhas, e um caixilho de ouro com um pedaço de Sancto Lenho. ElRey deo-se por tão satis-

(z) Faria e Sousa. Mariana l. 32. Goes l. cit.

feito, que mandou prender o Capitão do navio, e alguns officiaes delle, e não pararia nisto o castigo, se o mesmo Embaixador não intercedesse por elles. (a)

Neste anno forão mui felices as armas Portuguezas em Africa, e com o soccorro dos Mouros seus alliados, tomárão varios lugares importantes, desbaratárão as armadas dos Reys de Fez e Mequinés, e levarão a gloria d'ElRey D. Manuel muito além da que havião ganhado seus antecessores; tanto he verdade, que um pequeno Estado regido por um Rey sabio, póde chegar a figurar grandemente no Mundo.

As riquezas, que todos os annos entravão em Portugal, não só da India, mas por meyo do Commercio, que o trato do Oriente accarretava a Lisboa, começárão a mudar a condição dos Portuguezes, e a introduzir nelles os vicios, que nascem do abuso da opulencia. He verdade, que os que andavão muito d'antes fora do Reyno, e com a espada na mão grangeárão honra, e cabedaes, não se tinhão dado ainda ao luxo, e a affeminação; mas fizerão-se arrogantes, e cubiçosos. Nuno Fernandes de Ataide tinha alcançado algũas victorias dos Mouros na Costas d'Africa, e juntamente com D. Pedro Governador de Azamor, emprendeo a Conquista de Marrocos, praça de

(a) Faria. La Clede l. c. f. 603. Goes p. 3. c. 59. Osorius. Ferreras l. c. Goes p. 3. c. 69, &c.

grande extensão, bem fortificada, e guarnecida de boa gente, contra quem não podião oppor senão um exercito mediocre. (*)

Assim fica facil de ver qual seria o exito desta empresa, e foi serem rechaçados com perda, de sorte que se retirárão trabalhosamente. Verdade he, que os Historiadores Portuguezes representão os Mouros tremendo no alcance do inimigo, que lhes fugia, e todavia quem não divisará a parcialidade, com que fallão? (c) Mas esta não foi a unica empreza malograda de Africa. ElRey sabendo quão util lhe seria uma fortaleza na foz do rio Mamora, aprestou uma esquadra de 200 velas, (†) em que ião materiaes, para se lavrar aquella força; grande numero de officiaes, que a havião de levantar, e gente de guerra que os defendesse, e todos elles capitaneados por D. Antonio de Noronha.

ElRey de Fez inquieto, com aquella nova fundação, marchou a impedilla com exercito numeroso, mas não he crivel, que trouxesse 40,000 homens, como dizem os authores Portuguezes mais moderados. Mas como a mayor parte da gente de D. Antonio erão voluntarios que sairão dos prazeres de Lisboa, e das outras Cidades principaes

(*) Goes. p. 3. Cap. 74.

(c) Osorius. Le Quien l. c. p. 557. Ferreras l. c. f. 424. 425.

(†) Goes p. 3. Cap. 76.

para irem áquella expedição, depressa cançárão com as fadigas, que sofrião, e os Infieis apressárão-nos com amiudados conflictos a tal ponto, que elles estiverão a pique de se amotinarem.

E vindo isto á noticia d'ElRey, ordenou S. Alteza a D. Antonio, que levantasse mão da obra, e se recolhesse pelo modo mais favoravel, que lhe fosse possivel. Os Historiadores Portuguezes confessão, que esta retirada não se fez sem perda de mũita gente, e quebras da reputação Portugueza, com que ElRey se entristeceo mũito, porque a este respeito era mũito melindroso, e os revezes deste toque o affligião e mortificavão. (*d*).

E todavia não foi este o successo mais funesto daquelle anno. Os inimigos do famoso Albuquerque, depois de trabalharem mũito pelo malquistarem com elRey, vierão em fim a conseguillo, insinuando ao Soberano, que não devia consentir a um vassallo, que se condecorasse com o epitéto de Grande, que elle adquirira por suas grandes façanhas. Sobre isto, realçavão o profundo respeito, que lhe tinhão os Monarcas mais poderosos do Oriente, dando a entender a ElRey, que Afonso de Albuquerque era já mais famigerado, que S. Alteza, e que elle poderia mũito facilmente aspirar a fazer-se Rey. Movido destas calum-

(*d*) Faria e Sousa. Goes l. cit.

nias, nomeou-lhe S. Alteza successor por um modo pouco agradavel, e esta desgraça opprimio de todo aquelle Heroe, que os Portuguezes comparárão a Alexandre sem fazerem injuria a este Monarca. O grande Albuquerque nos ultimos instantes da sua vida encomendou a elRey um seu filho natural, e S. Alteza nas mercés, que lhe fez emendou de algum modo o mal, que tratara a seu pai. Os Soberanos do Oriente tivèrão a grandeza d'alma de honrar a memoria de tão singular varão, tomando luto publico, e derão a conhecer aos Portuguezes a valia da victima, que se havia sacrificado á inveja. (*)

Aos 7 de Setembro nasceu o Infante D. Duarte, e a Raynha ganhou as affeições do povo mandando repartir aos pobres esmolas vultadas. (e)

A morte delRey, Cotholico D. Fernando cobriu de luto a Corte de Portugal, e elRey enviou logo dar o pezame á Raynha sua mulher, encarregando juntamente o seu Embaixador de tratar

(*) Osorius. O Leitor curioso poderá ver em Castanheda (quando trata do Governo de Affonso de Albuquerque no fim do livro segundo ou terceiro da Historia da India) que miseravel homem desacreditou com ElRey um Varão de tanto merecimento. Era um feitor insignificante, que se fingia mui zelozo da fazenda d' ElRey, e chamava *guerrejonas* aos illustres feitos de Albuquerque, e assim o escrevia a ElRey.

(e) Faria e Sousa. Ferreras l. c. p. 425.

com o Cardeal Ximenes, que havia dado a ElRey D. Manuel varias provas da sua amizade. (*f*) S. Alteza despachou tãobem Embaixadores a Flandes, e Allemanha, a comprimentarem o Archiduque Carlos, e offerecerem-lhe em casamento a Infanta D. Isabel sua filha, e para satisfazerem á mesma obrigação para com o Imperador Maximiliano, avò deste Principe, a quem mandou pedir sua filha D. Leonor, para consorte do Principe D. João de Portugal. (*g*)

Entre tanto continuava a guerra de Africa, porque caindo os Mouros em seus verdadeiros interesses, viérão a unir-se os Reys de Fez e Mequinez, e a junctando um exercito poderosissimo emprendèrão a Conquista de Arzila. Governava então a praça o filho do Conde de Borba, que a defendeo com grande esforço, e sendo soccorrido de varias partes impossibilitou os Mouros para a tomarem, e obrigou-os assim a levantarem o cerco.

A inquietação, que causou em Portugal a nova deste cerco, e a necessidade, que houve de aceitar o auxilio dos Castelhanos desgostárão a elRey, que quasi chegou a enfermar de tristeza por ver, que todos os thesouros, que lhe vinhão do Oriente se desbaratavão em uma guerra esteril, au-

(*f*) Faria e Sousa. Ferreras l. c. La Clede l. c. f. 609. Le Quien l. c. p. 467.

(*g*) Sandoval vida de Carlos V. Vera y Figueiroa.

mentando-se-lhe a melancolia com a rebellião da mayor parte dos Mouros, que se lhe havião sujeitado. ElRey mandou contra elles D. Alvaro de Ataide Capitão valorosissimo, que morreu na peleja com a mayor parte da sua gente; nova desgraça de que ElRey se anojou tanto, que esteve para abandonar de todo a guerra d'Africa. Mas achando-se então em Lisboa Jehabentasuf (*) o principal dos Mouros, que seguião o partido d' ElRey, representou a S. Alteza, que lhe custaria menos, e serîa mais util sustentar a guerra além do mar, do que dentro de seus Estados: que sendo certo que seus Compatriotas forão perfidos, talvez o chegárão a ser irritados das vexações dos officiaes Portuguezes, e que, se S. Alteza nomeasse outro General, elle passaria a Africa, e reduziria as cousas á antiga tranquillidade. (*h*) Pelo que se determinou a eleger D. Pedro Mascarenhas, com que o Mouro passou o mar, a desempenhou fiel e honradamente as obrigações, em que se tinha penhorado.

As grandes Victorias, que as armas Portuguezas alcançarão na India, principalmente no tempo de Afonso de Albuquerque, inspirárão á Corte da Persia o desejo de solicitar a amizade d' ElRey, que por conselho do Vice-Rey mandára lá um seu Embaixador. Em 1516. o Xá enviou

(*) Goes p. 3. c. 59. escreve Iheabentasuf.

(*h*) Goes. Mariana. Osorius. Ferreras l. c. f. 445.

tãobem um Ministro a Portugal, em demonstração do quanto estimava a amizade d' ElRey, e as disposições, em que se achava para ligar-se com elle contra o Turco, seu inimigo commum. (*i*) Esta offerta, que sempre serìa bem acolhida d' ElRey, nesta occasião o foi mũito mais por causa dos grandes aprestos, que o Soltão do Egypto fazia para invadir por mar, e terra as praças, e lugares, que os Portuguezes occupavão na India.

Disto foi ElRey avisado pelos cavalleiros de Rhodes, que noticiarão a S. Alteza, como a armada, que se fazia no Egypto ìa guarnecida de artilheiros, e tinha officiaes Italianos fundidores d'artelharia. Por tanto importava mũito atalhar a que o Persa entrasse na liga contra Portugal, e fazer com elle uma alliança, de que se podião esperar grandes utilidades. Só a chegada do Embaixador da Persia a Lisboa realçou mũito em toda a Europa o credito, e poder d' ElRey, a quem neste mesmo anno aos 7 de Setembro nasceo o Infante D. Antonio dando á Raynha D. Maria um parto tão trabalhoso, que a deixou mũi fraca, e quebrantada a pesar de todos os esforços da Medicina; e o infante que viveo sempre doente, veio a fallecer em breve. (*k*)

(*i*) Faria e Sousa. Osorius.
(*k*) Mariana. l. c. La Clede.

A Raynha depois de longa infirmidade morreo aos 7 de Março de 1517. de um abscesso incuravel nos intestinos, com grande sentimento d' El-Rey, e da familia Real, e ainda de todos os Portuguezes em geral, que admiravão as suas virtudes, e a adoravão por sua humildade. (*l*) ElRey em particular affligio-se tanto com a sua morte, que por mũitos dias esteve encerrado, sem dar audiencia; até que a necessidade dos negocios o obrigou a entender nelles, e isso servio de lhe dar o alivio, que procurou debalde no seu encerramento.

A Politica humana não alcança mũito longe com a vista, antes mũitas vezes a tem bem curta. Vè-se isto na inquietação, que causou a ElRey este anno a ruina daquelle mesmo Imperio, de que no antecedente tinha tanto ciume. As revoluções desta sorte, em que a catastrophe he só do Principe, não são sem exemplo; mas esta foi extraordinaria em abranger a toda uma Nação. Selim Imperador dos Turcos aniquilou numa só batalha todo o poder dos Mamelucos, e pouco depois derribou toda a sua dominação, accrescentando assim aos seus Estados o fertil Reyno do Egypto. Espantárão se disto todas as Nações d'Europa; mas ElRey de Portugal encheo-se de susto, porque previa as consequencias, deste successo, que o movèrão a representar ao Papa

(*l*) La Clede l. c. f. 612. Ferreras t. 8. f. 456. Mariana. Osorius. Faria e Sousa.

Leão X. o quanto importava, que S. Santidade trabalhasse em pacificar a Christandade, a fim de oppòrem aos progressos do poder dos infieis os desvios mais efficazes. O Papa fez a este respeito alguns esforços; mas não lhe foi tão facil despertar os outros Reys, que abrirão um pouco os olhos, para recaîrem logo na mesma modorra.

ElRey D. Manuel, que cuidava seriamente neste negocio, tinha já começado a aprestar uma esquadra, e um exercito. Mas vendo, que serião inuteis contra o Turco, mandou estas forças a Africa, comandadas por Diogo Lopes de Sequeira, com intento de tomar Targa, e fazer della uma praça d'armas, a fim de continuar a guerra contra ElRey de Fez: e porque Diogo Lopes teve algũas differenças com o Governador de Ceuta, que o havia de ajudar, veio a baldar-se a empresa, e o Sequeira voltou para o Reyno pouco tempo depois. (*m*)

Os negocios do Oriente corrião melhor fortuna, porque os Portuguezes havião descoberto a derrota de Malaca para a China, e conseguido algũas victorias d' ElRey de Bintão na Ilha de Java. Mas Goa, cabeça do seu imperio, esteve em grande perigo, e pouco faltou que os vicios, e exorbitancias dos successores do grande Albuquerque, não derribassem o magnifico edi-

(*m*) Osorius. Goes. Ferreras l. c. f. 457.

ficio, que elle com suas virtudes tinha levantado. (*n*)

A guerra d'Africa continuava com poucas vantagens, e menos esperanças de prosperar As expedições erão frequentes, ficando os Portuguezes hora vencedores, hora vencidos, alternativas, que se vião mais de uma vez no discurso da mesma campanha: e examinando ElRey a fundamento as causas de tão varia fortuna, descobrio-a tão claramente, que lhe não ficou a menor duvida, de que por meios humanos as coisas não podião succeder de outra maneira.

Se as dissensões dos Mouros trazião alguns Vassallos a Portugal, e lhe davão algũa vantagem, tãobem a inveja, e ciume d'entre os Governadores Portuguezes dava aos Infieis azos de triunfarem por seu turno Por tanto ElRey que amava sobre tudo a honra da sua Coroa, e o bem dos seus Vassallos, resolveo sobre madura deliberação abdicar o sceptro em favor de seu filho, reservando para si o Algarve, e o Mestrado de uma das ordens Militares, com animo de passar á Africa, com uma poderosa armada, fazendo conta, que com a sua presença cessarião todas as disputas, e que não podião melhor gastar o resto de seus dias, do que na Conquista do que alguns chamárão Algarve d'alem-mar em Africa, a cujo respeito os Soberanos deste Reyno se intitulão Reys dos Algarves.

(*n*) Maffæus. Le Quien.

Mas em quanto S. Alteza se occupava neste projecto tão nobre, e desinteressado, transpirou delle algũa cousa, e esta teve taes consequencias, que o obrigárão a mudar de resolução. Mũitos dos Grandes começavão a voltar-se para o Sol, que vinha nascendo; e fizérão por azedar o animo do Principe contra ElRey seu pai, tratando-o de desbaratado nas suas magnificencias, e a facilidade com que se deixava tratar, de baixa condescendencia; e representando como abatimento da Realeza e Soberania, o cuidado que ElRey tinha nas coisas do Commercio. Mas sobre tudo reprehendião a bondade, com que algũas vezes se portára a respeito do Clero, e o allivio que dèra aos povos abolindo os tributos múi onerosos, o que (dizião elles) era fazer injuria a authoridade Real, porque ElRey tinha imposto tributos com todas as formalidades requeridas pelas Leis, e tinha-os abolido, quando o povo lhe requereo, que cumpria tirallos.

O Principe D. João, posto que dotado de talentos, e probidade, era todavia mũito moço; e as ideias do poder absoluto lisongeão facilmente o gosto dos mancebos. (o) ElRey veio a entendello, e tomou logo o partido de senão pòr em apertos, nem arriscar os seus Vassallos á oppressão; mas occultou a sua resolução, como um segredo de Estado. E vendo, que

(o) Faria e Sousa. Goes. Osorius. Le Quien l. c. f. 516.

para se firmar no throno, era necessario, que tãobem participasse delle uma Princeza de nascimento igual ao seu, encarregou Alvaro da Costa seu Inviado a Carlos V. para lhe dar as boas vindas a Castella, que lhe pedisse para casar com sua Alteza a Infanta D. Leonor, a sua irmãa. Este negocio concluio-se secretamente; e o Duque d'Alva conduzio a Portugal a nova Raynha, com quem ElRey se recebeo no Crato aos 24 de Novembro. Daî veio a Almeirim por andar peste em Lisboa, e ali recebeo solemnemente em dia de S. André a ordem do Tusão de ouro, como um penhor da estimação de seu cunhado (*p*) E aqui notaremos que dos casamentos desta graduação não houve nunca outro, que segundo as circunstancias em que se fez, fosse mais util aos dous Reynos, nem que tivesse mais felizes consequencias em quanto durou.

Descontente ElRey com o caminho que levavão as coisas da India resolveo mandar lá Jorge de Albuquerque, com uma armada de 16 navios; mas como as despezas que fizera com o casamento, e soccorros d'Africa tinhão absorvido quanto se poupára, impóz um tributo no trigo com o fundamento de necessidade de dinheiro, em circunstancias de peste, que tolhião poder convocar os

(*p*) Sandoval. Argensola. Petr. Mart. Epist. Osorius. Le Quien. ubi sup. Osorius. Mariana l. c. Ferreras t. 8. f. 468. Faria e Sousa. La Clede l. c. f. 626.

tres Estados do Reyno, e com esta satisfaçaõ se derão os povos por contentes. Mas o Principal Magistrado de Evora, homem não distincto por nascimento, nem por cabedaes, ressistio obstinadamente a ésta contribuição, não (dizia elle) porque nelle faltasse o respeito devido ao Soberano, nem porque julgasse mal fundadas as suas razões, mas por causa das consequencias, que terîa este exemplo do novo modo de impòr tributos.

ElRey mandou-o vir perante si, e usou para vencello de promessas, e ameaças, e como elle persistia no mesmo parecer, deo-lhe S. Alteza a sua casa por menagem, até que depois de alguns dias o mandou chamar, e louvando o seu procedimento, abolio o imposto. (*q*) Entre este Reyno, e o de Castella houvérão grandes controversias sobre as demarcações dos limites das Conquistas de cada um delles, as quaes forão decididas ou por tratados, ou por Bullas. Todavia não bastou isto para que os Castelhanos alguns annos atrás, não fizessem varias tentativas, por se estabelecerem no Brazil; mas queixandose a Corte de Portugal a este respeito, o Cardeal Ximenes deo as providencias convenientes a se atalharem estas usurpações, porque este grande Ministro tinha por conclusão certa, que a boa fé deve ser a primeira maxima de uma sãa Politica. (*r*)

(*q*) Osorius. (*r*) Damião de Goes

No tempo de que agora historiamos, Fernão de Magalhães, e Ruy Faleiro, deixando o serviço de seu Rey passárão-se a Castella, e offerecerão a ElRey Carlos descobrir-lhe uma nova derrota para as Molucas, affirmando-lhe, que estas ilhas erão da sua Conquista, e estavão fóra dos limites da de Portugal. Alvaro da Costa Embaixador deste Reyno em Castella, sendo informado disto, impedio por algum tempo com suas representações, que senão acceitassem as propostas dos dois Portuguezes. Mas em fim as promessas de Magalhães fizerão tal impressão no animo dos Ministros cubiçosos, que se lhe deo uma pequena esquadra, com que elle partio de Sevilha no principio de Agosto de 1519, havendo recusado todos os offerecimentos, que Alvaro da Costa lhe fazia, para o mover a tornar para Portugal, só por se vingar d' ElRey lhe não querer accrescentar a moradia em dous tostões; tão perigoso he descontentar os homens uteis por cousas insignificantes! (*)

(*) ElRey não quiz accrescentar a moradia ao Magalhães, porque elle veio de Africa acusado de não se haver com toda a limpeza de mãos em certa guarda e repartição de gado, que numa cavalgada se tomára aos Mouros, culpa de que ElRey mandava que se justificasse, antes de lhe pagar os serviços, que ali lhe fizéra. Prouvera a Deus que ElRey D. Manuel fosse tão irreprehensivel a respeito de Afonso de Albuquerque, e de Duarte Pacheco! Magalhães todavia desnaturalisou-se solemnemente antes de passar ao serviço de Castella. V. Goes e Barros.

Os Grandes, que se dérão tanta pressa em voltar-se a obsequiar o Principe, vião-se expostos á indignação d' ElRey, sem refugio, nem protector, porque por uma parte as divisões, que havia em Castella não lhes permittião retirar-se para lá; e por outra parte o serviço militar, e Civil andava regulado de sorte que os obrigados a elle, erão por isso mũi dependentes d' ElRey visto que a mayor parte dos seus soldos, e ordenados, erão effeito da liberalidade d'ElRey, e não pagos pelo publico. S. Alteza, era mũi taixado no tocante ao dinheiro da reserva; porque os ordenados concedidos de certo modo erão satisfeitos pelo Estado; mas no que respeitava aos mais, como os satisfazia com os cabedaes de certos direitos, que reservára para si no Commercio da India, foi sempre mũi largo, e generoso.

ElRey governava com uma authoridade mũito grande, sem que todavia os povos a sentissem, ou advertissem nisso; porque era tão feliz, que os seus negocios, e os dos seus Vassall os ião prosperando mais e mais, e como esta felicidade parecia derivar-se do modo com que elle se portava, os povos estavão persuadidos, e com razão, que o seu governo era prudente, e justo. (s) Então só as coisas de Africa não andavão como ElRey queria; mas a este tempo começárão a levar melhor termo como veremos.

(s) Le Quien. La Clede.

A Cavallaria Portugueza era igual á dos Mouros na diligencia, e celeridade, e avantajada na disciplina, bem como a Infanteria Portugueza era incomparavelmente superior á dos Infieis. O seu governo era tãobem mais bem regido, e brando, de sorte que os Mouros mais industriosos de boa mente buscavão a protecção dos Governadores Portuguezes: e aquelles, que licenciosos com as riquezas adquiridas, rebellarão contra os Governadores, achavão-se tão humilhados com as frequentes rotas, que soffrèrão, que aos Chefes por cuja ambição se revoltárão, se fez necessario por sua propria segurança, persuadir-lhes a sujeitarem-se de novo a ElRey de Portugal, negociar-lhes a paz, e darem das suas proprias familias refens, com que se abonasse a execução do Tratado; de sorte que por aquelle lado era a face das cousas melhor do que nunca fora desde o principio do Reynado de S. Alteza. (*t*)

Por estes tempos tornou a entrar de todo a paz na familia Real, e D. Luiz da Silveira valido do Principe, que fôra o agente dos fidalgos mancebos, para lhe inspirar maximas erradas, foi desterrado; com que o Principe julgou conveniente conformar-se á vontade d'ElRey, a Raynha sua madrasta tratava-o com muita bondade; e elle veio a conhecer em ElRey, que estava dis-

(*t*) Goes. Faria. La Clede l. 15. 16. Ferreras ubi sup.

posto a esquecer-se do passado, a pezar de que até ali o tratára com algum ar de desabrimento. Por onde, mudando inteiramente a ordem de proceder, em vez de querer governar, mostrou que desejava aprender d' ElRey seu pai a arte de bem reynar.

Aos 18 de Fevereiro pario a Raynha um Infante, a quem poz o nome de Carlos, com consentimento d' ElRey, em honra de seu irmão eleito Imperador, mas este Infante morreo no anno seguinte. (*u*)

As alterações das Cidades de Castella estavão a este tempo em seu auge, e como mũitos dos Grandes, e das Ecclesiasticos erão pelo Povo, pareceo-lhe a proposito mandarem o Deão d'Avila a Lisboa offerecer a ElRey D. Manuel as Coroas de Leão, e de Castella. ElRey deo varias audiencias ao Deão, e ouvidas as suas propostas, e quanto lhe quiz dizer; respondeo lhe que elle tinha defendido bem uma má causa; que elle entendia que os do seu partido podião entregar-lhe muitas praças, e dar-lhe com que levantasse um grande exercito; mas affirmou-lhe junctamente, que tudo isto não o podia tentar a fazer injuria a um Principe seu vizinho, e cunhado; que as suas proposições mostravão, que elles erão uns rebeldes, e que tomárão armas não para defendèrem os seus direitos, mas para ani-

(*u*) Osorius. Goes. Faria e Sousa.

quilar os do seu Soberano. Accrescentou, que bem via, que a necessidade os obrigára a fazer mais do que quizérão a principio; que elle estava prompto para fazer todos os bons officios, com que elles alcançassem o que justamente pedissem: que concederia a sua protecção aos Chefes, que depostas as armas quizessem acolher-se a seus Estados, até que se lhes podesse alcançar o perdão de seu Soberano.

Esta reposta, a pezar de não ser de modo algum para contentar, mostrárão os mal contentes recebèlla com prazer. (*x*) O Cardeal Adriano, e outros Senhores do partido d' ElRey de Castella, pedîrão soccorro ao de Portugal, que lhes deo munições, artelharia, e mantimentos, e um corpo de gente, com que redusissem os rebeldes á razão; e lhes aconselhou, que não penhorassem a authoridade de seu Rey, fazendo algum Tratado mal entendido, nem que pozessem obstaculos á Real clemencia procedendo violentos contra os seus naturaes. O Imperador Carlos V. deo se por mũi satisfeito do como ElRey seu cunhado se houve, ainda que este Principe desempenhando a sua palavra, deo asylo a mũitos dos rebeldes, e entre elles a D. Maria Pacheco viuva do Padilha, a qual, foi uma das principaes motoras da Rebellião; mas não lhes deo auxilio, nem favor: (*y*)

(*x*) Sandoval. Petr. Mart. La Clede l. 16. Ferreras t. 8. f. 527.

(*y*) Geddes Miscellan. Tract. Ferreras.

Quando o Imperador voltou para Espanha, ElRey lhe mandou dar o parabem da nova dignidade, e informallo da tensão, que tinha de levantar uma fortaleza em Africa, porque o Imperador não fundasse nisto algũas desconfianças. Carlos V. lhe fez asseverar, que approvava mũito o seu conselho, e que se o não podesse dar á execução, elle o faria. (z) Por tanto S. Alteza expedio 8 navios, que fossem reconhecer o lugar, onde qneria erigir aquella força, e delle se lhe deo informação mũi conforme a seus desejos: mas recrescèrão incidentes imprevistos, que tolhèrão a conclusão deste negocio.

Os Ecclesiasticos tinhão a este tempo grande predominio no animo d' ElRey, a quem mettèrão em grandes escrupulos, tirando más consequencias de principios verdadeiros. Dizião-lhes que as Bullas dos Papas só o livravão das Censuras de Roma; mas que as rendas uma vez dedicadas a usos pios, não se podião divertir a outros fins: e affirmavão-se em que esta fora a verdadeira causa, porque até li se frustrarão todas as emprezas d' ElRey em Africa, nas quaes se havia gastado em grande parte o dinheiro da Contribuição do Clero. Por estas insinuações moveo-se ElRey a mudar as disposições, que tinha feito. (a)

(z) Sandoval. Faria e Sousa. Goes.
(a) Osorius. Faria.

Mahomet Rey de Fez vendo que lhe tomárão parte de seus estados, e que o poder dos Christãos crescia todos os dias, andava sempre em campo, e negociava por todos os modos. Umas vezes tornava a ganhar as tribus dos Mouros, que se levantavão contra os Portuguezes; e outras que o não podia conseguir, procurava como os fizesse suspeitos aos seus novos Alliados. (*b*) Disto se vîrão alguns exemplos no decurso deste anno; mas nem elle, nem os seus inimigos fizerão cousa de substancia; porque os Mouros não podérão cobrar nenhũa das praças, que estavão em poder dos Christãos, e os Portuguezes a penas conservárão as suas Conquistas, e reduzîrão á obediencia algumas pequenas tribus de Mouros, que se tinhão revoltado na Primavera.

A maior perda, que tivérão no começo do anno seguinte, foi a de Jehabentasuf, o Mouro mais habil, e mais fiel de quantos se derão aos Portuguezes, contra o qual, a pesar do antigo conhecimento, que havia de seu caracter, e fidelidade, ElRey de Fez conseguio inspirar desconfianças em D. Nuno de Noronha. E sabendo Jehabentasuf desta suspeita escreveo a ElRey, para se justificar, pedindo-lhe que mandasse examinar com todo o rigor o seu procedimento. ElRey, a quem o caso de Afonso de Albuquerque fizera mũi circunspecto, ordenou a D. Nuno, que

(*b*) Marmol. Goes.

não escandalisasse áquelle esforçádo Capitão, o qual ganhando a confiança do Governador, por força, e com rasões trouxe á obediencia todos os Mouros rebeldes, menos uma tribua pouco numerosa. Em fim indo assistir com alguns de seus Capitães a um convite funeral, foi morto na meza á traição, com indisivel sentimento dos Portuguezes, que tiverão nelle uma perda irreparavel. (c)

Este anno se lisongeou ElRey de ter alcançado nova certa do unico descobrimento na India, sobre que não havia ainda noticias bem averiguadas. Um Capitão do appellido de *Quadros*, que naufragára no golfo de Arabia, e ali andára captivo aprendeo tão perfeitamente o idioma Arabe, que sendo havido por Sarraceno, e affectando grande zelo da Religião Mahometana teve arte de passar á Persia, e dali a Ormus donde vestindo-se em habitos de Christão, voltou a Portugal com cartas de recomendação.

ElRey teve varias praticas com este Capitão, e sabendo delle mũitas particularidades que ignorava á cerca da Ethyopia, e do Egypto, entendeo que era capaz de executar um projecto, que tinha de mũito a traz meditado, e era descobrir o caminho por terra do Reyno de Congo, á Abissinia. E como ElRey D. João II. pòde

(c) Faria. Le Quien l. c. f. 561. La Clede l. c. f. 640. Osorius. Ferreras f. 546. t. 8. Goes.

conseguir certas noticias do caminho da India, mandando viajar por terra homens de saber, e navegar pessoas de valor, que lhe descobrissem a derrota do Oriente: ElRey D. Manuel tinha grandes esperanças de pelos mesmos meios tirar avultados proveitos, abrindo correspondencia entre dois Principes Christãos seus alliados, que tinhão Portos nos dous lados de Africa.

Ignora-se qual era o seu plano, e a que ponto fosse capaz de executar-se; mas o Bispo Osorio, observou mũito bem, que era hum conselho prudente, e que ElRey possuia cabalmente o dom de emprender, dirigir, e fazer descobrimentos. Mas fosse qual fosse, em cumprimento das suas ordens, o Capitão Quadros chegou felizmente ao Congo, e appresentou a ElRey cartas de S. Alteza, nas quaes pedia áquelle Monarca, que desse ao seu Enviado as direcções, e Passaportes necessarios para chegar a Abissinia. O Capitão foi mũito bem recebido, e estimado d' ElRey de Congo, mas os Portuguezes, que lá andavão, cuidando que o Quadros poderia adquirir grandes riquezas, se abrisse esta correspondencia, enchèrão-se de tal inveja, que insinuárão a ElRey de Congo, que as cartas que o Capitão lhe dera erão forgicadas, ou obtidas subrepticiamente, e que não devia fazer nada em cousa de tanta consequencia sem lhe constar melhor a vontade d' El Rey D. Manuel.

O Capitão depois de andar algum tempo no

Reyno de Congo, tornou para Portugal, e achando ElRey morto, e baldadas as suas esperanças, tomou tal nojo, que entrou em uma Religião, onde acabou os seus dias em exercicios de Devoção. (*d*)

Como a fama publicava por toda a Europa a grandeza, magnificencia, e reaes virtudes d' ElRey D. Manuel, sempre a sua Corte foi seguida de Embaixadores, e neste tempo se achava um do Duque de Saboia, que durante a guerra d'Italia grangeára mais consideração da que promettia a estreiteza de seus Estados. Este Embaixador vinha encarregado de negociar o casamento do Duque seu amo, com a Infanta D. Beatriz filha segunda d' ElRey, o qual approvou o que o Embaixador lhe expoz, mas foi espaçando a conclusão do negocio, para ter tempo de mandar um de seus Ministros a Piemonte; e em fim o casamento se ajustou na Primavera do anno de 1721.

A circunspecção d' ElRey neste particular foi antes effeito do amor, que tinha á sua filha, do que obra da Politica. ElRey desejava vèlla feliz, e por isso mandou por seu Ministro observar o character do Duque de Saboia, de sua Corte, e familia, e o seu modo de viver. E porque foi contente das informações, que sobre estes pontos recebeo, dotou á Infanta 150.000 cruzados, álèm

(*d*) Osorius.

de mũitas joias: e em quanto se fazião estes aprestos deo a Raynha á luz aos 18 de Junho a Infanta D. Maria. (*e*)

ElRey era naturalmente grandioso, mas nunca o mostrou tanto, como na frota destinada para levar a Infanta aos Estados do Duque seu marido; a qual constava de 18 Navios, de cujo porte nunca se tinhão visto outros em Portugal. A nova Duqueza foi acompanhada de muitos Fidalgos da primeiro grandeza, e de D. Martinho da Costa Arcebispo de Lisboa, que armou á sua custa um Navio em nada inferior aos da Esquadra Real. A Infanta saio de Lisboa aos 9 de Agosto, (*f*) e no fim de Setembro chegou felizmente a Villa-Franca de Nice, onde foi recebida do Duque, e da sua Corte. (*g*) A frota quando voltava para o Reyno, aportou em Ceuta, onde falleceo o Arcebispo D. Martinho.

Por este tempo mandárão os Venezianos uma solemne Embaixada a ElRey, pedindo-lhe diversas mercès; mas o seu principal fim era fazerem um Tratado de Commercio, pelo qual ficassem Senhores de toda a especiaria, que viesse da India, para elles sós a venderem na Europa. S. Alteza agasalhou honrosamente os Embaixadores, fez-lhes mũitas distincções, e concedendo-lhes tudo

(*e*) Goes. Ferreras t. 8. f. 589.
(*f*) Faria e Sousa. Le Quien l. c. f. 591. Osorius.
(*g*) Goes. Faria. Ferreras t. 8. f. 500.

o que lhe pedião, só lhe de negou o artigo das especiarias, porque lhe não pareceo justo, que os Venezianos se lograssem do fructo do trabalho de seus Vassallos. (*h*)

Este anno houverão em Africa algũas acções militares, mas de pouco momento por causa da horrivel fome, que assolou aquella Região; a qual reduzio os Mouros ao extremo de offerecem fazer-se Christãos, e darem-se por escravos aos Portuguezes, para se instruirem na fé. ElRey por sua grande compaixão esteve inclinado a conceder-lhes o que pedião, mas os Portuguezes de nenhum modo os quizerão receber, entendendo, que a miseria os fazia propor aquelles partidos, e que seria perigosissimo dar entrada, a quantos Mouros havião de vir na esperança de matarem a fome. Por outra parte a novidade de pães no Reyno foi tão pouca, que temião os Portuguezes expor-se aos mesmos trabalhos, que os Mouros passavão. Mas ElRey por sua bondade lhes enviou alguns soccorros, e fez tudo o que pôde para que a sua conversão fosse sincera. (*i*)

Os Corsarios de Barbaria andavão então frequentemente a corso, e havia suspeitas de que outras Nações fazião o mesmo infame exercicio, e lhe vendião os seus roubos: Pelo que ElRey mandou apparelhar alguns Navios, que despachou

(*h*) Goes. Osorius. Le Quien f. 605. La Clede f. 646.

(*i*) Os authores cit. na nota antecedente.

para o Estreito de Gibraltar, e Costas d' Africa, com apertadas ordens de aprezar qualquer Navio sem excepção de Nação algũa, que tivesse tomado os Portuguezes. Este expediente foi tãobem succedido, que no espaço de alguns mezes ficárão aquelles mares limpos de Corsarios. Mandou tãobem ElRey visitar, e reparar todas as praças, que tinha em Africa; satisfazer o soldo devido ás gentes de presidio, e bastecer os armazens, para os ter em estado de resistirem ao inimigo, e de proteger os Mouros que o reconhecião por Soberano: e talvez tinha no animo executar outros projectos, que ficárão sepultatados com a sua morte inesperada. (*k*)

A temperança, bom regime, e a excellente constituição d' ElRey parece, que lhe promettião uma feliz ancianidade, e tanto mais porque não era achacoso, antes tão moderado, e consante em fazer exercicio, que seus Vassallos esperavão cõ gosto, que vivesse mũitos mais annos. Mas no principio do Inverno grassou em Lisboa uma febre epidemica, que ou por destemperança do ar, ou por incapacidade dos Medicos terminava ordinariamente n'úm lethargo mortal, do qual ElRey veio a fallecer aos 13 dias de Dezembro, com outros tantos de doente. Assistîrão-lhe na ultima hora alguns Prelados principaes, e acabou os seus dias com grandes mostras de Religião, e mũita constancia.

(*k*) Marmol. Osorius. Goes.

Assim falleceo ElRey aos 55 annos de idade, e no vigesimo septimo do seu Reynado. (*l*) Mandou que o sepultassem na Igreja de Belém, que elle destinára para lugar dos enterros dos Principes da sua Familia: e foi sua morte justamente chorada de todos os seus Vassallos. ElRey D. Manuel acabou, o que seus predecessores começárão: ordenou o Governo de Portugal, e o reduzio a systema constante, e regular; porque a fazenda Real, que he a molla de toda esta máquina, andava bem regulada. Apartou de seus Estados a guerra, e a discordia, e com seu exemplo communicava aos seus um humor pacifico, e alegre; podendo com justa razão jactarse de haver banido de seu Reyno, a pobreza, e a melancholia.

Mas o que mais contribuio para que todos o amassem, foi o incansavel cuidado, com que trabalhou por fazer felices, e contentes os Vassallos; e a sincera alegria, que mostrava ter do bom exito das suas diligencias. Numa palavra, desde que subio ao Throno, até que morreo, foi o pai de seus povos, justo sem severidade, affavel sem affectação, compadecido sem fraqueza, e Religioso sem hypocrisia. (*m*)

(*l*) Faria. Osorius. Maffæus. Le Quien l. c. f. 606. La Clede t. 1. f. 646. Goes. Ferreras t. 8. f. 591.

(*m*) ElRey D. Manuel era magro, de estatura mediana, tinha a testa larga, os olhos azues, a barba, e o cabello castanhos,

A Nação lhe deo justamente o titulo de Feliz; mas a sua fortuna foi effeito das bençoẽs do Ceo

castanhos, a phiziognomia serena, e agradavel. Teve os braços compridos como Artaxerces Rey da Persia, de sorte que posto em pé tocava com os dedos nos joelhos. Foi destro em todos os exercicios, e os executava com mũito garbo, e agilidade. Soube mũito bem a Geographia, Astronomia, e Arte Nautica, e posto que parecia dar mũito tempo ás recreações, quando o julgavão todo entregue a ellas, estava talvez pensando em negocios de mũito peso. Tinha por maxima, que o melhor meio de ter informações certas, e bons conselhos, era fazer perguntas imprevistas, e ouvir as repostas não consideradas.

ElRey nunca affectou mostrar-se grande Politico, nem ter essa reputação, e isto, talvez prova, que elle o era. Os embaraços, a que seus predecessores estiverão expostos, forão-lhes occasionados por parte de Roma e Castella, e ElRey de nenhũa destas partes experimentou nunca estorvos, e difficuldades: e enviando a Roma os presentes, que recebia da India, depois de serem admirados em Lisboa, acompanhados de outros mais solidos, alcançava Bullas para reformar, e impor tributos ao Clero, que, bem que lhe pezasse, estava á mercè de S. Alteza.

Quanto a Castella, os seus Soberanos sempre procurárão a amizade d' ElRey D. Manuel, que posto que não fizesse grande fundamento da dos Reys Catholicos, sempre a conservou em todo o seu reynado, tanto pelo parentesco, que havia entre elles, como por causa do seu poder, que era respeitado. No que tocava ás cousas de Justiça, nem era frouxo, nem inexoravel. Dizem, que uma Senhora lhe mandou pedir audiencia a tempo, que ElRey estava despido para se deitar, e que S. A. vestindo-se outra vez a mandára entrar. Chegada á sua presença começou.

" Senhor

sobre a sua grande prudencia, e legitimos intentos, que se propunha. S. Alteza servio-se, e adiantou os homens mais illustres, que Portugal tem produzido. Por seu discernimento se aproveitou a intrepidez de D. Vasco da Gama, o valor invencivel de Duarte Pacheco, a nobre ardideza de D. Francisco de Almeida, e os grandes talentos do incomparavel Albuquerque. Este Soberano vio o descobrimento da India, o Imperio Portuguez na Asia elevado ao auge de seu explendor, e recolheo os fructos daquelle gosto do Commercio, e Navegação, cuja esperança sómente havia enchido de prazer os seus antecessores.

Em Africa fez mũito, posto que não tudo quanto quizera. Esta região foi durante o seu

" Senhor V. Alteza perdoaria a meu marido se elle me " matasse, por me achar em adulterio?" Respondeo-lhe ElRey que sim: e a dama continuou, " Pois, senhor, " espero que V. A. me perdoe, porque eu achei meu " marido em uma de minhas quintas, nos braços de uma " das minhas escravas, e matei-os a ambos." ElRey despedio-a, e mandou-lhe lavrar a carta de perdão. A Corte deste Principe era uma das mais galantes, e mais polidas de Europa, sem a menor apparencia de licensiosidade, porque ElRey entendia, que quando as mulheres são distinctas pelas suas virtudes, os homens tãobem se distinguem pelos seus honrados sentimentos. Não deve ficar em esquecimento que ElRey mandou reformar e ordenar as Ordenações Afonsinas, e imprimir pela primeira vez um Codigo de Leis em 5 livros, por onde se governou este Reyno até sair a compilação Filipina.

Reynado, a eschola militar dos seus Soldados, e Capitães, e S. Alteza desacoraçoou os Mouros, dando-lhes a soffrer os mesmos males, que elles fizerão a Hespanha, e Portugal. A marinha Portugueza chegou no seu tempo mũito ávante do que estava, e do que se podia esperar, ou para melhor dizer, chegou a tal grao de poder, que se teria por impossivel, a não ser cousa, que se visse. As Nações vizinhas o respeitávão, e temião, sem ser offendidas de S. Alteza, cuja amizade solicitavão não por temor, mas por honra. A sua magnificencia era util; e o explendor dos seus edificios, e fundações, um monumento da grandeza da sua alma, e da sua generosidade.

Entre estes contão se em Portugal 13 Conventos, alèm dos que mandou fazer em Africa, na India, e na America. Edificou 8 Igrejas grandes; o Hospital de Lisboa; cinco Palacios, mais de 20 Fortalezas, não fallando em Castellos, Pontes, Molles, Fontes, e outras obras publicas. Applicou para obras pias o dizimo das suas rendas; e deo ordenado honesto a cem Cavalleiros, que servissem em Africa, fazendo deste serviço estrada para ás honras militares. Creou Reys d'armas, e ordenou o systema da Nobreza, como fizera o das Leis; e por sua ordem Duarte Galvão, e Ruy de Pina formárão um corpo soffrivel de Chronicas.

ElRey amava as Sciencias, e dava-lhes calor, principalmente estimando mũito os que nellas se

fazião excellentes. Trabalhou muito na reforma do Clero, não ingerindo-se nos negocios Ecclesiasticos, nem fazendo Leis severas, mas attendendo muito aos Ecclesiasticos, que se distinguião por suas letras, e virtudes, e não promovendo aquelles a quem faltavão estas qualidades; e a este respeito poz as cousas em termos, que os Principaes Ministros d'Estado, e os primeiros Prelados erão por igual o ornamento da sua Corte. S. Alteza dizia frequentemente, que a prosperidade do Estado depende de se respeitar a nobreza d'alma, não menos que a do sangue; pelo que tomava luto pelos officiaes mais distinctos, que morrião em seu serviço, e esteve tres dias encerrado, pela morte do melhor Piloto do seu Reyno; e dizendo lhe um dos Cortezãos, que S. Alteza o não havia de resuscitar com aquelle encerramento: "Tendes razão (lhe tor-
" nou ElRey) e porque a sua perda se não póde
" raparar he que eu me afflijo tanto."

Este Principe teve deffeitos, mas poucos, e veniaes, se he que não erão antes excessos de virtudes. A candura da sua alma fazia-lhe crer, que todos os homens tinhão esta mesma bondade, de sorte que algũas vezes foi enganado; mas logo entendia o erro, confessava-o, affligia-se delle, e emendava-o. Não faltou quem accusasse de abatimento da Magestade, a familiaridade, com que ía ás escholas publicas, que plantára, e fazia perguntas aos mininos: mas os seus reprehensores,

erão talvez menos religiosos, e mais orgulhosos que o Soberano. ElRey amava a Musica, e dança, e passava algũas vezes serões inteiros até alta noite a dançar com a Raynha sua mulher, com seus filhos, e pessoas, que os servião. (*)

S. Alteza tinha horas ordenadas para despachar os negocios, e nunca faltava a ellas: e quando sobrevinha caso repentino, onde quer que se achasse provia nelle logo como convinha. Teve sempre grande prazer nos divertimentos campestres, e nos exercicios corporaes, a que se dava por mũito tempo, que não era todavia perdido; mũitas vezes chegando-se hora a um dos seus Mi-

(*) Do Galanteio honesto, e dos Serões da sua Corte fazem menção com louvor o Bispo Jeronimo Osorio, e o Severo Sá Miranda.

Os momos, e Serões de Portugal
Tão famosos no Mundo, onde são idos?

Isto escrevia o Poeta em tempo d' ElRey D. João o III., que com a singeleza da sua piedade deo occasião a mũitos ambiciosos valerem com elle pela hypocrisia, e a propagarem os meios, porque valêrão. E como os hypocritas não tenhão mais temiveis inimigos do que os homens de virtude sincera, e solida sem momos, nem biocos, a estes taes procurárão de arruinar, e conseguirão fazer a geração seguinte de homens tristes, supersticiosos, e escravos da cubiça, quaes pinta Camões, que os achára pouco depois; e peyorando a progenie destes, perdeo-se o valor, e galhardia Portugueza, e com estas virtudes o Imperio do Oriente, e recrescérão outros danos, que ainda não se remediárão, e terão difficil cura como males inveterados.

nistros, hora a outro dizia-lhes, " Vinde cá, " estamos aqui sós não tendes nada, que me " dizer." Quando voltava da caça, ou de jogar a pella, e tinha ali as pessoas de que havia mister, dizia-lhes, " Estamos cançados do jogo, descan- " cemos agora tratando de negocios. Estes dictos, " e acções parecem a uns, grandes; a outros, " pequenos; o Leitor fará delles o juizo que " quizer." (*n*)

(*n*) Goes. Osorius. Faria. Le Quien t. 2, no fim. La Clede ubi s. p. 646. 647.

SECÇÃO VI.

Historia dos Reynados d' ElRey D. João III., d' ElRey D. Sebastião, e do Cardeal Rey D. Henrique.

D. João Principe de Portugal tinha 20 annos de idade, quando falleceo ElRey D. Manuel seu pai; e por parecer dos de seu conselho, demorou o acto da sua Acclamação até 6 dias depois da morte d' ElRey, contra o costume, que era fazer-se esta função logo passados 3 dias. Mas a solemnidade de sua Coroação foi mũi pomposa, e magnifica, achando-se a ella presentes todos os Infantes, e quasi todos os Grandes, e Prelados do Reyno. O Cardeal D. Afonso tomou a ElRey o juramento de guardar as Leis, Foros, e Costumes do Reyno, e o Infante D. Luiz foi o primeiro, que lhe deo juramento de fidelidade.(o) ElRey mandou logo vir a D. Luiz da Silveira, que seu pai desterrára, mas dividio a privança entre elle, e D. Antonio de Ataide, que tinha um character mũi diverso do outro valido.

D. Luiz era avisado, noticioso, e dotado de

(o) Cron. d' ElRey D. João III. por Francisco de Andrade. Faria e Sousa. La Clede t. 1. f. 649. 650.

valor, em fim um fidalgo completo, que de todos os modos era o ornamento da Corte. D. Antonio possuîa com toda a policia cortezãa, a capacidade de um grande Ministro: era desinteressado, e de grande probidade: ambos gozárão longo tempo do valimento com ElRey, mas á médida que S. Alteza foi entrando em annos, foi tãobem restringindo a sua graça, e fazer a D. Antonio de Ataide. (*p*)

Uma das primeiras acções d' ElRey foi enviar por Embaixador á França D. João da Silveira, para se queixar das hostilidades, que os armadores Francezes fazião aos Portuguezes, e para requerer que se não mandasse armada Franceza á India, como em França se projectava. Expedio tãobem um Embaixador ao Cardeal Adriano, a dar-lhe o parabem de ser eleito em Summo Pontifice, offerencendo-lhe Navios, que o transportassem á Italia; e pedir-lhe uma dispensa para o Infante D. Luiz, a quem dera o Priorado do Crato: mas, quando o Embaixador chegou, já o Cardeal havia partido. (*q*)

Em vida d' ElRey D. Manuel tinha-se ajustado o casamento de D. Guiomar Coutinho com o Infante D. Fernando; mas prorogou-se a sua conclusão para mais tarde em razão da pouca

(*p*) Faria e Sousa. Andrada.

(*q*) Petr. Martyr. Garibay. Sandoval. La Clede l. c. Faria e Sousa. Ferreras l. c. p. 622.

idade deste Principe; e como agora cessava esta causa, supplicou o Conde de Marialva seu pai, que se effeituasse o contractado. Mas oppoz-se a estas nupcias o Marquez de Torres-Novas, filho do Senhor D. Jorge Duque de Coimbra, allegando, que se casára clandestinamente com D. Guiomar Coutinho: e, porque ella o negou constantemente, mandou ElRey prender o Marquez, e celebrar o casamento de D. Guiomar com o Infante seu irmão: pelo que o Senhor D. Jorge se retirou da Corte. (r)

Como todo o Conselho era de parecer que S. Alteza devia casar, o Duque de Bragança lhe aconselhou, que o fizesse com sua madrasta a Raynha D. Leonor, a fim de não ser obrigado a restituir-lhe o dote, e pagar-lhe as arrhas immensas, que ElRey seu marido lhe deixára. E com quanto esta proposição era estranha, não deixou de ser mui propugnada: mas as urgentes objeções do Conde de Vimioso, e as representações da Cidade de Lisboa obrigárão ElRey a não cuidar mais nisto. O Conde de Cabra chegou em Novembro á Corte, como Embaixador de Carlos V., para pedir a ElRey, que permittisse recolher-lhe a Castella a Raynha D. Leonor sua irmãa com sua filha a Infanta D. Maria, e ElRey, posto que mui pesaroso de apartar-se da Infanta, concedeo ás

(r) Faria e Sousa.

supplicas do Conde; mas depois retratou o que permittîra á cerca da Infanta sua irmãa. (s)

(s) Andrada. Sandoval. Ferreras. Ferreras t. 9. f. 10. ElRey D. João III. nasceo em Lisboa aos 6. de Junho de 1502. A horrivel tempestade, que houve na noite do seu nascimento, fez com que o Povo cresse, que, se este Principe chegasse a subir ao throno, o seu Reynado seria atormentado por guerras continuas cos estranhos, e perturbações domesticas. (Goes. Vasconcellos. Faria e Sousa.) Renovou-se a opinião com pegar o fogo no Paço, quando o estavão baptizando; porque a superstição daquelles tempos tinha estes accidentes, e os inculcava como oraculos. Sendo de idade de um anno, ElRey D. Manuel o fez jurar Principe herdeiro; e o criou na sua infancia Gonçalo Figueira Cidadão de Lisboa, vigiando a mesma Raynha sobre a sua educação, a qual frequentemente dizia ao Principe, que nenhũa cousa faz os homens tão despreziveis como a ignorancia, e mayormente um Principe, cuja authoridade não tem base mais firme, que o seu merecimento pessoal.

ElRey D. Manuel, que era illuminado, e trazia sempre comsigo pessoas do mesmo toque, desejava mũito, que o Principe se distinguisse nas letras, desorte que nomeou D. Diogo Ortiz Bispo de Tanger para lhe ensinar as letras humanas, Luiz Teixeira para lhe ensinar Direito, e Thomás de Torres Medico, e Astrologo para o instruir nas sciencias severas. (Andrada. La Clede l. c. f. 649.) Mas o Principe nunca foi inclinado aos estudos, e ficárão desaproveitados todos os trabalhos de seus mestres, tantoque apenas entendia o Latim. (Andrada.) Na idade de 10 annos cahio de uma gallaria abaixo, e ficou tão atordoado da queda, que os Medicos lhe receárão a morte: mas tornou logo a si, sem outra lesão, que um pequeno sinal na testa.

Como a peste andava então accesa em todo o Reyno, ElRey por se livrar da contagião passava de Provincia e Provincia, e chegando á Beira foi a Muja visitar a Raynha, de quem se despedio em público. Esta Senhora partio em Maio, e foi acompanhada até as raias pelos Infantes D. Luiz, e D. Fernando; dali seguio suas jornadas até Valhadolid, donde o Imperador sahio a encontralla em Medina del-Campo. *(t)* D. João da Silveira foi acolhido com muita distincção na Corte de França; mas não obteve senão uma reposta corte-

Algum tempo depois teve uma doença muito grave, e dahî em diante gosou sempre de feliz saude. (Andrada Vasconcellos. Faria e Sousa). ElRey D. Mannel vendo o pouco propenso ao estudo, levou outro caminho e methodo de o instruir, mandando estar com elle fidalgos mancebos discretos, e com talentos; e desde a idade de onze annos o mandou assistir a todos os conselhos, que fazia. Este methodo aproveitou, e o Principe se ia instruindo todos os dias, e como ouvia com attenção os varios pareceres dos conselheiros, chegou a fazer bom entendimento das coisas do Governo; mas ao mesmo tempo se fez vaidoso, obstinado, e presumido. (Os mesmos Authores, e La Clede ubi supra f. 650.) Mas curou o destes defeitos o casamento de seu pai com a Raynha D. Leonor, e a mudança, que ElRey fez no procedimento a seu respeito: de sorte que por morte d' ElRey se achava o Principe mais capaz de reinar, do que a maior parte dos Ministros cuidarão, que elle chegaria a ser; e respeitou a todos elles quanto podião desejar. (Os mesmos Authores.)

(*t*) Faria e Sousa. Andrada. Ferreiras ubi sup. La Clede t. 1. f. 654. 655.

zãa. Entretanto passou a Castella D. Luiz da Silveira, e andou 8 mezes em Castella sollicitando na Corte do Imperador o casamento da Infanta D. Isabel com este Monarca; mas a volta de um dos Navios, que acompanhárão Fernão de Magalhães á India, foi causa de ElRey D. João limitar a commissão de D. Luiz a simples ceremonias.

Este Senhor achou ElRey em Almeirim, quando voltou para Portugal; e porque fallou a S. Alteza com a familiaridade ordinaria, esquecendo-se de lhe beijar a mão, ElRey entrou a tratallo friamente; mas D. Luiz disimulou o seu pezar, sem machinar nada, nem contra D. Antonio de Ataide, que era em certo modo primeiro Ministro do Reyno. Deste Fidalgo, se referem umas palavras, cuja memoria merece conservar-se.

O Senhor de Azambuja, que era de uma das mais antigas familias illustres do Reyno, achou as cousas da sua casa tão desordenadas pelas despezas, que fizera no Real serviço, que se via obrigado a vender as suas terras. ElRey dice a D. Antonio, que farìa bem, se as comprasse; porque ficávão vizinhas ás suas; mas D. Antonio lhe replicou "Melhor fizera V. Alteza, se posesse o "Senhor de Azambuja em estado de não necessi-"tar de as vender; porque elle, e seus antepas-"sados empobrecèrão com os serviços, que tem "feito á Coroa." ElRey seguio este conselho, e

por este modo atalhou á ruina daquella nobilissima familia. (*u*).

Para se restabelecer a boa correspondencia entre as Cortes de Castella, e Portugal, era indispensavelmente necessario terminar as desavenças a respeito das Molucas; e a este fim se nomeárão por ambas as partes commissarios, que depois de muitos debates não acordárão em cousa algũa. Assim veio a parecer mais remota do que antes a esperança de se accomodarem estas dissensões, e o Imperador mandou armar uma frota para a India, a pezar das protestestações dos Commissarios de Portugal. A este tempo mandou El-Rey a D. Pedro Correa, e o Doutor João de Faria tratarem do seu casamento com a Infanta D. Catherina irmã do Imperador.

Estes Embaixadores ajustárão o casamento, e obtiverão em razão do dinheiro que ElRey emprestára ao Imperador para as despezas da guerra de Italia, que o negocio das Molucas ficaria suspenso, até ElRey ser pago daquella divida. As condições do casamento forão, que o Imperador faria as despesas á Infanta até Portugal, e que as do casamento serião pagas por ElRey: que a Infanta teria em dote duzentos mil crusados, álem das suas joias, e uma pensão annual de cinco mil. Reguladas assim estas cousas, foi a Princeza trazida com grande pompa até a raia de Portugal,

(*u*) Faria e Sousa. Andrada.

onde os Infantes a fôrão receber, e dahî a trouxérão ao Crato, na qual Villa se fizérão os Esposorios com a possivel grandeza. (*x*)

ElRey entendendo, que as cousas da India requerião a presença de D. Vasco da Gama Conde da Vidigueira, que a descobrira, assim velho, e infermo como estava, lá o mandou; e o Conde depois de ordenar tudo a contento dos Portuguezes, e dos naturaes da terra, morreo em breve tempo, chorado universalmente de uns, e outros. (*y*) Os Portuguezes entre tanto proseguião na guerra de Africa; mas os Xarifes îão todos os dias dilatando o seu Imperio, e restabelecendo deste modo o poder dos Mouros.

O Imperador vendo, que se não concluia o seu casamento com a Princeza d' Inglaterra, enviou por seus Embaixadores pedir para sua Esposa a Infanta D. Isabel de Portugal. Este negocio concluio-se de presa, promettendo ElRey fazer as despezas da Infanta até Castella, e lhe deo em dote um milhão de cruzados, dos quaes 900.000 fôrão em dinheiro portavel, e o mais em joias. O casamento fez-se por Procurador em Novembro de 1525, e na Primavera seguinte partio a Infanta para Castella. (*z*) Um dos Fidalgos, que a acompanhárão, levava a cargo tomar posse das

(*x*) Sandoval. Andrada. Ferreras t. 9. f. 14. La Clede t. 1. f. 659.

(*y*) Maffæus hist. Indica.

(*z*) Faria e Sousa.

Cidades, e terras, que o Imperador hypothecára até pagar o dote da Infanta D. Catherina sua irmaã, já Rainha de Portugal.

Por estes tempos chegou a Portugal um Embaixador da Abissina, enviado pelo Imperador David então reynante, a quem os Portuguezes chamávão: o *Grão Negus*, depois de fazer tanto rumor com o nome de *Preste João*. Este Embaixador, que não fazia brilhante figura, passou depois a Roma a dar obediencia a Sancta Séde da parte de seu Soberano. (*a*)

O Commercio da India ia em grande augmento, e as muitas riquezas, que de lá vinhão, trazião a este Reyno muitos Estrangeiros; pelo que, e por algũas insolencias dos Judeus, o Clero instou com ElRey, que creasse neste Reyno o Tribunal da Inquisão; e S. Alteza assim o fez. E como cessou a fome, que havia, não deixárão os Ecclesiasticos de attribuir este caso á benção do Ceo, sobre uma instituição tão pia.

(*) Não se passou muito tempo, que os Portuguezes não viessem no conhecimento de qual era esta benção; mas já era tarde; porque a authoridade do Tribunal tinha chegado a termos de ser igualmente perigoso, e inutil descobrir os abusos, e os males que se seguião de sua introducção.

(*a*) Andrada. Faria. Ferreras. t. 9. f. 194.

(*) Veja-se o que o traductor diz no Prefacio à cerca desta instituição que os estrangeiros reprehendem sem conhecimento da causa.

Alguns Historiadores referem este estabelecimento da Inquisição dez annos mais a diante, fundados na Bulla que o Papa Paulo III. deo para se crear a Inquisição em Evora. Mas isto não tolhe que ElRey com o Clero a tivessem estabelecido d'antes, e que então recorressem ao Papa, para aquietar com a sua solemne approvação as murmurações que já excitava a creação daquelle Tribunal. (*b*)

(*b*) Os Authores já citados. A respeito do estabelecimento da Inquisição em Portugal ha suas obscuridades, de sorte que os Historiadores mais judiciosos varião no modo, e no tempo de sua introducção. Todavia se houvermos de dar credito a certa relação, facil he de saber o que havemos de ter por certo. (Memoire pour servir à L'histoire de l' Inquisition t. 2. p. 3.) Dizem que um Religioso chamado João Peres de Sàvedra natural de Cordova, fingindo-se Cardeal Legado de Paulo III. trouxe uma Bulla, pela qual creava certos Inquisidores, que inquirissem contra os hereges, e fautores de doutrinas perigosas. Esta Bulla acompanhada de todos os characteres de authenticidade foi feita com grande circumspecção; e aquelles a quem vinha dirigida a executárão com grande zelo, e vigilancia. (Cronica del Caldinal Tavera. cap. 37.) Mas por algũas suspeitas, que houvérão, examinando-se melhor a Bulla veio a descobrir-se, que era falsa, e supposta; e o Religioso que a trouxe foi condemnado a galés por toda a vida, e solto alguns annos depois a rogos do Summo Pontifice. (Aubery Histoire Gener. des Cardinaus t. 3. p. 618.)

Os Inquisidores continuàrão todavia o exercicio das suas funcções, como se fossem legitimamente creados; e houve quem persuadisse a ElRey, que a Inquisição era util ao seu serviço, à Igreja, e aos povos a tal ponto, que S. Alteza mandou

A este tempo começárão os Mouros a tomar aos Portuguezes alguns dos lugares, que tinhão em Africa, e a augmentar muito o seu poder, ajudados dos Turcos, que lá enviarão o Corsario Barbarroxa para fazer aos Christãos todos os males, que

mandou vir uma Bulla de Roma, para se estabelecer no seu Reyno o Santo Officio da Inquisição. (Andrada. Ferreiras. Faria. La Clede.) Vio-se porèm logo, que o lugar de Inquisidor Geral era de tal importancia, que pareceo não se podia melhor confiar, que do Cardeal Infante D. Henrique; e com effeito esta dignidade se reputou sempre em Portugal como a primeira d'entre os Ecclesiasticos. (Papir. Masson e log. t. 1. f. 584.)

Mas para prevenir as opposições contra o Tribunal, limitou-se a varios respeitos a sua authoridade; porque os Inquisidores não podem prender os Bispos suspeitos de heresia, nem condemnar as pessoas accusadas deste erro, &c. Sem o consentimento, ou concurso do seu Bispo. Mas os Inquisidores, que não soffrem bem estas limitações, illudem-nas com explicações plausiveis; porque confessando, que não podem mandar levar aos Carceres os Ordinarios, tem, que os podem ter em menagem nas suas casas. E quanto aos accusados; aindaque os Inquisidores pedem aos Bispos a faculdade, e concurso de seu voto para os condemnarem, se os Ordinarios lho negão, como talvez acontece, por se lhes não darem as informações necessarias, toda via o Tribunal procede á condemnação, entendendo, que fez mũito em ter a condescendencia de pedir licença ao Diocesano, e que a sua negação he motivo sufficiente, para procederem em diante sem mais ceremonia. (Geddes Account of the Inquisition in Portugal.) Nós havemos de fallar deste Tribunal em outros lugares, e por isso não dizemos agora mais a seu respeito. Veja o Leitor a apologia, que o Tradutor faz no Prefacio desta obra.

podesse, o qual, havendo-se apoderado de Tunis, tinha-se feito temivel ás gentes de Hespanha, e Portugal. O Imperador Carlos V. tomou a resolução de passar á Africa, para repor no Trono a ElRey de Tunis, e pedio soccorro ao de Portugal, que lhe mandou dous ou tres Navios grandes com uma boa esquadra Capitaniada por D. Antonio de Saldanha. O Infante D. Luiz embarcou-se a furto com este General, e o Imperador o recebeo em Barcelona com toda a distincção. Aqui achou o Infante cem mil ducados, que ElRey seu irmão lhe mandou, para suprir as despezas da campanha, em que elle se distinguio extraordinariamente, vindo a ser em breve tempo as delicias do exercito.

Os Portuguezes não tirárão grandes proveitos desta expedição, e divertindo para ella a maior parte das suas forças, deixárão as suas conquistas expostas aos insultos de um inimigo, que sabia aproveitar-se de tudo: nem consta que os Castelhanos, concluida felizmente a facção de Tunis, se achassem em condição de poder auxiliar os Capitães das praças Portuguezas d' Africa. Assim que por mui gloriosa, que fosse aquella obra, foi esteril de utilidades, e antes prejudicial aos Portuguezes, que brevemente o conhecèrão, assim como a difficuldade, que havia em sostentar uma guerra tão distante, e com forças tão desiguaes; principalmente quando se vião necessitados a

fazer tudo por conservar o que conquistárão na India. (c)

Solimão II. Imperador dos Turcos, solicitado pelos Principes do Oriente, resolveo, como Soberano do Egypto, fazer guerra aos Portuguezes, e ordenou ao Bachá, que ali governava, que usasse de todas as suas forças contra os Christãos. O Bachá esquipou uma grande esquadra, e sahio do mar roixo com as maiores forças navaes, que Mahometanos nunca havião junctado, levando embracados quatro mil Janizaros, e dezeseis mil soldados. Mas o esforço, e valor dos Portuguezes, o bom regimento de seus Capitães, que soubérão a proveitar-se dos ultrages, e crueldades dos Turcos, e da sua perfidia, inutilizárão aquelles poderosos aparelhos de guerra, e salvárão o seu Imperio da ruina com que o ameaçava o Turco. (d)

Em Africa ElRey de Fez vio-se igualmente baldado na empreza de Safim; e as divisões, que recrescèrão entre os Principes Mouros, deixárão respirar os Christãos já mui quebrantados por uma larga guerra defensiva, em cujos dous ultimos attaques ficarîão derrotados, senão fossem soccorridos a tempo da Ilha da Madeira. Mas quando os Xarifes andavão desavindos, algum dos partidos valia-se dos Portuguezes, os quaes dando-lhes

(c) Ochoa. Paruta. Raynal. Sandoval. Andrada. Faria e Sousa. Ferrera.

(d) Os mesmos Authores.

qualquer tenue auxilio, gozavão de descanço, e tinhão o prazer de verem seus inimigos destruindo-se reciprocamente. Mas este methodo teve consequencias funestas; porque assim não sómente se entretinha entre os Mouros o espirito marcial, mas îão-se adestrando na disciplina militar Portugueza; de sorte que, passado o pequeno intervallo de descanso, os Portuguezes vião-se com inimigos mais encarniçados do que dantes, e mais temiveis pelo continuo exercicio das armas, e pelos progressos, que fazião na arte da guerra.

A satisfação, que ElRey tinha dos prosperidades externas do seu governo, foi bem depressa aguada com os tristes accidentes domesticos, que sobreviérão; porque o Principe D. Filipe falleceo em Lisboa de idade de 6 annos; e a penas se îa moderando o sentimento da sua morte, quando tãobem faltou em Toledo a Imperatriz Isabel irmãa de S. Alteza. (*e*) Nem foi menos fatal o anno seguinte, no qual ElRey perdeo seu filho D. Antonio, e os Infantes seus irmãos, D. Afonso, e D. Duarte, com que se renovou a dor, e nojo, que lhe causára a perda do Infante D. Fernando, e seus dous filhos, que fallecèrão alguns annos atráz. (*f*)

Estas desgraças fizérão ElRey muito melancolico; e ainda o fez mais a traição de um homem,

(*e*) Os mesmos Authores.
(*f*) Faria. Andrada. La Clede.

de quem S. Alteza nunca a poderia suspeitar, qual era D. Miguel da Sylva Bispo de Vizeu, irmão do Conde de Portalegre, e escrivão da Puridade. Este Prelado negociou secretamente com a Corte de Roma para o fazerem Cardeal, e prometteo-se-lhe o Capello Cardinalicio, á condição de revelar os segredos d'ElRey seu amo; e elle levando alguns papeis de importancia se acolheo a Roma, onde foi bem recebido, e feito Cardeal.

ElRey indignou-se tanto desta trahição, que o mandou declarar traidor publicamente; privou-o de todos os beneficios, degradou-o da Nobreza, e prohibio a todos os seus Vassallos qualquer communicação com elle, sobpena de incorrer quem a tivesse na sua Real indignação. Vio-se incurso nella o Conde de Portalegre, por escrever ao irmão, e foi preso na torre de Belém, onde esteve até ser solto a rogos da Infanta D. Maria, com a condição de ir para Arzilla servir na guerra contra os Mouros, e merecer por seus serviços o esquecimento da sua falta. Este excesso de severidade, que foi extraordinario em S. Alteza, fez bom effeito entre os Grandes. (*g*)

Como o Imperador desejava apertar mais e mais os nós da alliança, que havia entre as duas Coroas de Hespanha, e Portugal, mandou pedir para casa com o Principe D. Filipe seu filho; a

(*g*) Faria e Sousa.

Infanta D. Maria, que ElRey lhe concedeo, e foi recebida por procuração, e levada alguns mezes depois a Hespanha com grande saudade da sua patria, e familia, onde deixou os mesmos sentimentos. (*h*)

ElRey tinha um filho natural, que houvera de D. Isabel Moniz filha do Alcaide mór de Lisboa, a quem posérão o nome de D. Duarte, e S. Alteza havia feito Arcebispo de Braga. Este Principe veio então á Corte, onde ElRey o agasalhou com ternura; a Raynha, e os Infantes com mostras de grande amizade: andava a este tempo em idade de entre vinte e trinta annos, distinguindo-se pelo seu saber, e Religião e juntamente pela grande noticia, que tinha da Historia; e estava escrevendo a de Portugal, quando veio a fallecer algum tempo depois com grande sentimento d'ElRey seu Pai. (*i*)

Na India florecião as cousas dos Portuguezes; porque ElRey era mui attentado na escolha, que fazia dos Capitães que lá mandava; e sobre darlhes bons soldos os premiava magnificamente. Na Africa contentava-se S. Alteza com sustentar o que possuîa; mas, ainda que os Portuguezes fizessem assombros de valor, îão-se emfraquecendo, e descaindo insensivelmente, até que ElRey se vio obrigado a mandar levantar com grandes custos

(*h*) Sandoval. Andrada. Salazer de Mendonça. Ferreras t. 9. f. 242.

(*i*) Andrada. La Clede t. 1. f. 709. 710.

uma nova Cidadella em Alcacere, para a qual desejou algũa contribuição do Imperador, visto como esta obra era tão necessaria á segurança de Andalusia, como á de Portugal. E fallando o Embaixador Portuguez sobre isso a S. M. Imperial, elle lhe prometteo concorrer para todas as despezas necessarias. Neste tempo houve ElRey por bem aceitar a Ordem do Tusão de Ouro, de cuja aceitação se escusára atéli por certos motivos; e a quiz então receber; porque o Imperador a havia reformado. (*k*)

Mas esta boa correspondencia d' entre as duas Coroas nunca fez com que ElRey fosse menos attento a manter os seus justos direitos: e sabendo que Antonio Pesqueiro Mercador de S. Lucar tratava clandestinamente com os moradores de Guiné, e do Brazil, encarregou a Lourenço Vasques de vigiar sobre isto. E fazendo-se o Pesqueiro á véla, foi Lourenço Vasques em seu seguimento; combateo com elle na altura das Canarias, e trouxe-o presioneiro. O Archiduque Maximiliano, que governava Hespanha em ausencia do Imperador, queixou-se altamente de lhe prenderem o Pesqueiro dentro dos Dominios de Hespanha; sem que o achassem fazendo commercio de contrabando: e ElRey movido das primeiras representações, que sobre isso lhe fez o Embaixador do Imperador, mandou soltar o Pesqueiro, e prender a Lourenço Vas-

(*k*) Sandoval. Ochoa. La Clede t. 2.

ques, mandando dizer pelo seu Ministro ao Archiduque, que obrava daquelle modo, não por entender, que Pesqueiro era innocente, e Lourenço Vasco culpado; mas para lhe mostrar com quanta pontualidade observava os Tratados, e desejava que os guardassem a seu respeito. (*l*)

D. Jorge, filho d' ElRey D. João o II., que se ausentára havia algum tempo descontente da Corte, tornou a ella de seu moto proprio, e não obstante ter já 70 annos, perdia-se de amores por D. Maria Manuel, donzella da Raynha; e casaria com ella, se ElRey lho não estorvasse, motivo pelo qual este Principe tornou a ausentarse da Corte. (*m*)

S. Alteza, vendo que a opulencia, e ociosidade tinhão de algum modo enfraquecido o Reyno, e o deixavão sem defeza, ordenou, que toda a pessoa que tivesse uma certa renda sustentasse á sua custa (ou ao menos o tivesse prestes, quando fosse necessario) um soldado com as armas ordinarias: que quem tivesse o dobro daquella renda daria prompto um Mosqueteiro; e os que possuissem o tresdobro um soldado de Cavallo. Fez outra lei, em que defendeo as bestas muares, para haver Cavallos em abastança, e não degenerar a boa raça, que havia no Reyno, e sempre fôra mui estimada. Prometteo tãobem certas recom-

(*l*) Andrada.
(*m*) Faria e Sousa. La Clede t. 2. f. 4.

pensas aos que matassem lobos, tanto para destruir estas feras, como para excitar a actividade, e valor entre os do povo. Mas além destas fez uma lei, que a pezar das boas intensões de S. Alteza teve as consequencias mais funestas. (*n*)

Até este tempo, de que escrevemos, costumava ElRey assignar, e fazer o expediente dos Despachos, e mostrára grande discernimento na escolha dos Ministros, que o servião; mas como não podia abranger a tudo delongavão-se ás vezes os negocios. Pelo que S. Alteza houve de adoptar o methodo seguido em Castella de incumbrir a diversos Conselhos o expediente dos negocios, ao qual um discreto Historiador Portuguez attribue a decadencia do Reyno; porque introduzindo-se logo nestas corporações as desordens da desunião, irresolução, e as peitas, os negocios, que até então andavão retardados, ou se não despachavão, ou erão despachados com tal pressa, que se não observava a justiça; de sorte que ElRey veio quasi logo a entender o mal, que fizera a si, e aos povos; mas tarde para se remediar a respeito destes, como depois o veremos. (*o*)

Por morte do Papa Paulo III. ordenou ElRey ao seu Embaixador, que fizesse quanto lhe fosse

(*n*) Andrada.
(*o*) Faria e Sousa.

possivel por elevar o Cardeal D. Henrique á Cadeira Pontificia; e pedio ao Imperador, e a El-Rey de França, que favorecessem a eleição do Cardeal Infante seu irmão, por entender, que estes Soberanos lhe não negarião esta boa obra, a respeito das correlações, que tinha com um, e da alliança, que de muito atráz subsistia com o outro. Mas ambos lha promettêrão, e ambos o enganárão, saindo eleito em Papa o Cardeal del Monte, que tomou o nome de Julio III. (*p*)

Como o belháo de Portugal tinha mais valor intrinseco, do que era o legal, îão-no levando pouco, e pouco do Reyno. E um dos Conselhos novamente creados teve a lembrança de mandar lavrar dinheiro de cobre em peças maiores, e de inferior valia. Feita esta operação, não faltou quem falsificasse este dinheiro, e introduzisse grossas quantias de moeda falsa de cobre, que trocavão por ouro, e prata, levando para fóra as moedas destes metaes. (*q*) Póde mũito bem ser, que ElRey não fosse bem informado a este respeito, nem da fraude, que se lhe fazia; mas o bom juizo, com que de ordinario acertava tudo, devèra obrigallo a consultar pessoas, que entendessem da materia, e a aproveitar-se de seus conselhos.

Os Piratas Turcos, e Francezes infestavão por

(*p*) Sandoval. La Clede t. 1. f. 17.
(*q*) Faria e Sousa.

estes tempos as costas de Hespanha, e de Portugal; pelo que ElRey formou o projecto de atalhar a estas desordens mandando sahir guarda costas contra elles. Mas reflectindo, que nada remediaria com isto, se não fizesse bons regulamentos, ajustou-se com o Imperador, que tãobem mandára armar outros taes Navios, que os Officiaes Hespanhóes, e Portuguezes trocassem reciprocamente os seus regimentos, de sorte que não podessem fazer seus proveitos sem cumprirem ao mesmo tempo com as suas obrigações.

No anno de 1552 sendo o Principe de Portugal D. João em idade para casar, poz S. Alteza os olhos na Infanta D. Joanna filha do Imperador, e sobrinha sua por parte materna, e da Raynha D. Catherina por parte do Pai da Infanta. Este casamento ajustou-se em breve tempo, e a Princeza teve em dote trezentos e sessenta mil ducados, e pelos fins de Novembro foi recebida na fronteira pelo Duque de Aveiro, e pelo Bispo de Coimbra. ElRey veio encontralla logo que ella entrou em terras de Portugal, e a acompanhou a Lisboa, onde se celebrou o casamento com um esplendor, e demonstrações de prazer tão magnificas, que nunca se virão d'antes outras taes neste Reyno. (r)

Ordenados os negocios domesticos, entrou El-

(r) Andrada. Sandoval. Faria. Ferreras t. 9. f. 335.

Rey a entender nos externos, e mandou á India muitos mancebos nobres de talento com bons ordenados, e promessas capazes de animar as suas esperanças. Entre elles passou (s) áquelle estado o celebre Luis de Camões, que cantou os illustres feitos dos outros, a quem não cedia em merecimentos. Na Africa îão os Mouros ganhando terra; porque ElRey havendo por impossivel seguir o projecto de seus Predecessores começou a limitar-se á conservação das praças maritimas, que lá tinha: e posto que isto desagradava á maior parte dos seus Vassallos, requeria-o a necessidade das cousas, segundo parecia; porque as despezas com a gente, e o consumo desta excedião a quanto Portugal podia supprir ainda nos tempos, e estado mais florentes.

A alegria, que se causou do casamento do Principe, augmentou-se bem de pressa com aprenhez da Princeza. Mas com igual brevidade se trocou em nojo; porque o Principe houvesse com tanto excesso nas funções matrimoniaes, que se lhe alterou a olhos vistos a saude, e quando separárão delle a Princeza com côr de pouparem a saude de sua Esposa, já o remedio chegou tarde; e a febre lenta, que o îa definando, cresceo a ponto, que o levou aos 2 dias de Janeiro de 1554 em idade de 17 annos.

(s) Em 1553.

(*t*) Este Principe além da gentil presença era dotado de discrição, e valor, de sorte que soffria mal seu ayo D. Pedro Mascaranhas, um dos homens mais sábios, e capazes daquelle tempo; e por contentarem o Principe, fizérão a D. Pedro Vice-Rey da India, para onde foi violentado. ElRey por encobrir á Princeza a morte do Principe seu marido foi visitalla vestido de gala, e ella deo á luz em dia de S. Sebastião aos 20 de Janeiro um filho a quem poserão o nome deste Sancto: (*u*) e depois dos dias de regimento, quando soube da morte de seu Esposo, mostrou-se inconsolavel, até que em Abril partio para Hespanha a tomar posse da Regencia desta Monarchia, (*x*) e cuidar na creação do Principe D. Carlos seu sobrinho, filho do Principe D. Filipe, que estava de partida para Flandes, a fim de se receber com a Raynha Maria de Inglaterra.

D. Pedro da Cunha, que andava d'armada na Costa do Algarve com 5 Navios, e 4 Galés, sabendo que Hamet Arraes, famoso Corsario Mahometano, estava na bahîa de Tavira com 8 Galés, fez-se á véla para o ir combater; mas achando o vento contrario fôrão-lhe inuteis os Navios; e assim mesmo deo no inimigo que lhe

(*t*) Ochoa. Andrada. Ferreras t. 9. f. 346.
(*u*) Faria e Sousa. Ferreras L. cit.
(*x*) Andrada. Sandoval.

oppunha forças dobradas. Os dous Almirantes accommettèrão-se bravissimamente; e posto que os Portuguezes da Almiranta á primeira fôrão maltratados, abalroando o Turco com elles ficou desbaratado; e as outras 3 Galés metterão no fundo uma dos Infieis, tomárão duas, e poserão as mais em fugida. D. Pedro tornou victorioso a Lisboa; e o Corsario se troucou pelo Capitão Pedro Pecul Mahometano convertido, que os Turcos tinhão condemnado aos suplicios mais crueis, e a quem por este meio se salvou a vida. (y)

ElRey deo-se todo a pôr em bom estado o estabelecimento dos Portuguezes no Brazil, onde mandou edificar algũas praças fortes, e providenciar sobre o modo de converter á Sancta Fé Catholica os naturaes daquella Região. Dizem que nisto encontrou grandes difficuldades, e os Authores daquelle tempo representão os Brazis, como a gente mais obstinada, mais barbara, e cruel das Nações Americanas. Mas como os Portuguezes, a pezar disto tomárão tanto trabalho por tolher, que os estrangeiros se estabelecessem, e commerciassem naquellas terras, he de crer, que de proposito exagerávão estas crueldades dos naturaes dellas.

A dor, que causou no Reyno a morte do Principe, renovou-se com a perda do Infante D.

(y) Faria. La Clede t. 2. f. 27.

Luiz, Duque de Béja, que falleceo aos 27 de Novembro de 1555. Este Principe era vulgarmente chamado *as delicias de Portugal*, e um Historiador bem imparcial affirma, que no seu tempo, não houve outro, que se lhe avantajasse em virtude, luzes, penetração, valor, e generosidade. *(z)*. As disputas dos Nobres, á cerca das graduações, e precedencias tinhão tido, por vezes, funestas consequencias; pelo que S. Alteza poz nesta materia a ordem, que depois se guardou, e atalhou a estas desordens, e dissensões. Depois reformou a Universidade de Coimbra, e a repoz em todo o seu esplendor, mandando vir Professores de Paris para instruirem a mocidade.

Este Monarcha tinha na mente outros projectos, e principalmente tocantes á reforma das Ordens Religiosas, em que já dera largos passos. Mas examinando a fundamento as cousas do Reyno achou, que seus Vassallos tinhão soffrido graves damnos por elle ter deixado a sua direcção aos Conselhos, e Tribunaes, que creára; com o que se affligio em extremo. Neste anno de 1557. foi S. Alteza accomettido de uma especie de apoplexia, da qual não melhorou senão para se dispor a morrer christãmente, e acabou a vida com muita tranquillidade, e resignação aos 6 de Junho, ou aos 11, conforme o que outros re-

(z) Faria e Sousa. Andrada.

ferem, com grande sentimento de seus povos, que experimentárão uma perda irreperavel com a da sua vida. Tinha ElRey, quando falleceo 55 annos, dos quaes havia reynado 35; e foi sepultado com uma pompa extraordinaria no Convento de Belém, ao qual fizéra grandes beneficios, para desempenhar fielmente as intensões d' ElRey D. Manuel seu pai. (*a*)

(*a*) Vasconcellos. Mayerne Turquet. Suppl. de Mariana. Andrada. Faria e Sousa. La Clede ubi sup. f. 35. Ferreras t. 9. f. 393. ElRey D. João o III. foi de estatura mais que mediana, e algum tanto gordo: teve os olhos azues, e vivos, o semblante grave, mas amavel; de sorte que a quem o via inspirava ao mesmo tempo amor, e acatamento. (Andrada. Faria. La Clede t. 2. f. 35.) Em quanto moço, fallava mũito, e mui depressa; mas antes de subir a Trono tratou de remediar estes defeitos, e teve nisso tal maneira, que o conseguio. A sua Religião era solida, sem mescla de superstição; e favoreceo mũito os Jesuitas; porque estes Religiosos a principio erão de costumes mui regulares, e declamavão incessantemente contra o Luxo, e contra os enredos fradescos, de que ElRey não gostava. S. Alteza seguindo as maximas de seu Pai, e de seu Avò, procurou sempre viver em boa harmonia com a Corte de Roma, e alançou della Bullas para reformar as Ordens Mendicantes, em cuja execução foi mũito diligente, a pezar dos clamores dos seus alumnos, que o não inquietavão, tendo S. Alteza a seu favor o Nuncio do Papa, os Bispos, os Jesuitas, a Nobreza, e o Povo, de sorte que elles a seu pezar se sujeitàrão á reforma. (Os mesmos Authores, e Vasconcellos.)

S. Alteza creou o Tribunal da Meza da Consciencia, e Ordens,

Pela morte insperada d' elRey D. João III. veio a pertencer a Coroa a ElRey D. Sebastião.

Ordens, no qual se examinavão todas as sentenças dos Tribunaes Civis, se erão conformes às regras da equidade, e anda annexa a inspecção das ordens Militares, das quaes a de Christo poz ElRey em um grão de esplendor conveniente à sua dignidade. (Faria. La Clede t. 2. f. 36.) Este Rey amava tanto os seus Vassallos, que não houve cousa, que o obrigasse a carregalos de tributos, e se os Ministros lhe suggerião, que o fizesse; dizia-lhes: *Vejamos primeiro se ha necessidade de dinheiro*, e examinada esta duvida, tornava: *Agora saibamos, quaes saõ as despezas superfluas*: assim que a economia foi no seu Reynado a reserva, com que acudia às necessidades extraordinarias. (Faria e Sousa.)

Foi S. Alteza dotado de excellente memoria, e tão prodigioso, que achando-se em Coimbra, e lendo-se-lhe os nomes de todos os estudantes, ElRey os conservou na lembrança, e foi chamando a cada um pelo seu. (Os mesmos Authores. Andrada. Vasconcellos.) Premiava com discrição: e dando pouco, dizia que mais dera, senão tivesse de dar a tantos. Gostava de ver os Nobres juncto delle: e todavia não creou officios novos, nem abolio os antigos; nem os accumulava no mesmo sujeito, porque tinha, que um só officio juncto aos negocios de cada um bastava para o occupar. (Andrada. La Clede.) Foi muito exacto nos pontos de Ceremonial, e nas occasiões extraordinarias chegava a sua magnificencia ao ultimo auge. Mas ordinariamente andava vestido com roupas ordinarias, e vivia familiarmente com os que o servião em casa. Os Grandes conhecião-no, e sabião muito bem que S. Alteza considerava as grandes Ceremonias, como outras tantas mascaradas, onde cada qual devia fazer bem o seu

papel,

seu Neto, em idade de tres annos; regendo, em tanto que não era maior, o Reyno sua avó a Raynha D. Catherina, que o fez com grande prudencia, e moderação. (*b*) Os Mouros lizongeavão-se com a esperança de poder cobrar dos Portuguezes durante a menoridade d' ElRey as praças, que estes ainda conservavão em Africa, e posérão cerco a Mazagão. Mas a Raynha soccorreo esta praça com tal diligencia, e prometteo

papel, para divertir o povo, e depois deixar com os vestidos todo o ar, e mascara theatral. ElRey edificou, e dotou mũitos Hospitaes, alguns recolhimentos para mulheres, e acabou todas as obras, que seu Pai tinha principiado. (Faria e Sousa.)

Nos primeiros annos fez tão acertada escolha de Ministros, e corrèrão as cousas tãobem, que julgou, que sempre levarião a mesma ordem, ainda que elle não entendesse nellas como dantes. Mas a este respeito enganou-se a sua ordinaria prudencia, e quando veio aconhecello, de tal sorte lhe pezou, que disso veio a enfermar. Numa cousa porèm excedeo aos seus predecessores, e foi, que pacificando as dissenções entre os Nobres, e reconciliando as Principaes Familias, ou limitando talvez alguns dos seus privilegios, nunca deixou de os conter nos limites de seus deveres, tratando-os com attensões em publico, e em particular com familiaridade. Os Reys (La Clede t. 2. f. 37.) seus vizinhos tiverão-lhe sempre respeito, e buscárão a sua amizade, porque ainda que S. Alteza era amante da paz, sempre se conservou aparelhado, para lhes fazer guerra, quando cumpri-se.

(*b*) Juan de Baena Pareda Epitome de la vida, &c. de Don Sebastião Rey de Portugal.

tantas recompensas aos que desempenhassem bem as suas obrigações, que os Infieis, não obstante terem oitenta mil homens de peleja, forão obrigados a levantar o cerco.

Esta illustre defeza foi a principio mui elogiada, como uma prova da capacidade, e prudencia da Regente: mas pouco e pouco a aversão natural, que os Portuguezes tinhão ao governo de uma Senhora, e principalmente de uma Hespanhola, manifestou-se tão visivelmente, que ella resignou de motu proprio a regencia em favor do Cardeal D. Henrique seu cunhado, Tio d' ElRey, e se retirou a um Convento, entendendo todos que o Cardeal se não desgostou desta renuncia. (c) O Novo Regente escolheo para ayo d' ElRey a D. Aleixo de Menezes; e para mestres ao Padre Luiz Gonsalves da Camara, com outros dous: (*) e ainda que era consummado na direcção dos negocios, predominava nelle o amor da paz, e da justiça. Por onde a Nação em geral, e particularmente a Cidade de Lisboa, enriquecèrão gradualmente, e os Portuguezes vião cada dia mais embellezados a suavidade do seu governo.

Quando ElRey chegou á idade de quatorze annos, dispoz-se o Cardeal a entregar-lhe o governo. Os Historiadores varião á cerca da ca-

(c) Faria e Sousa.

(*) D. Aleixo de Menezes jà ficou nomeado aio por ElRey D. João III. Cron. d' ElRey D. Sebastião por D. Manuel de Menezes cap. 23.

pacidade deste Principe, dizendo uns, que era um prodigio, outros que lhe faltavão de todo os talentos, e talvez o uso da razão. O que parece certo he, que ao principio da sua mocidade, tinha mũita viveza de espirito, e uma curiosidade insaciavel de saber todas as sciencias, a qual podéra a proveitar-se, para crearem um Soberano bom, e um grande Rey. Mas os que o educavão deitárão a perder estas boas qualidades, querendo aperfeiçoálas; o que fez com que o Principe procedesse talvez com tanta extravagancia, que a tiverão por effeito da sua incapacidade: exaqui o que vamos a explicar agora. (*d*)

Os Mestres do Principe insinuárão-lhe, que a principal qualidade de um Rey he o valor, dando-lhe juntamente a entender, que este consiste no desprezo dos perigos, em triumfar delles, e não os evitar: que a Religião consistia em um odio implacavel aos Infieis, de sorte que desde que o Principe teve uso de razão, sempre ardeo em desejos de dar provas da sua intrepidez, e do mortal abhorrecimento, que tinha ao Mahometanismo, por entender que nisso estava o verdadeiro zelo da Religião Christaã.

Em quanto ElRey foi menor, governou-o o Cardeal por meio de seus mestres, e dos que o servião, a quem o Regente consentia inspirarem a seu Sobrinho os principios, que elles querião.

(*d*) La Clede t. 2. f. 50, 51. Faria e Sousa.

Mas depois que tomou o governo, nos primeiros 3 annos os Mestres, e os da sua facção servirão-se da sua valia em seu proprio beneficio, e não só lhe representárão o Cardeal como suspeito, mas tiverão a ousadia de propor a este Prelado, que renunciasse o Arcebispado.

Poucos Reynos se tem visto mais enredados, que o de Portugal durante o reynado d'ElRey D. Sebastião. A Raynha sua avó, e o Cardeal seu tio, tinhão certamente a respeito d'ElRey as melhores intensões; mas não se querião bem, e por isso procurando mutuamente destruir um ao outro no conceito d'ElRey, fizerão com que S. Alteza cahisse nas mãos de taes pessoas, que forão causa da sua perda, e da ruina deste Reyno. Martim Golsalves da Camara irmão do Mestre, e valido d'ElRey, fez com que S. Alteza privasse da sua graça o Secretario de Estado Pero de Alcaçova, que o servira muito tempo, com talentos, e que sem a ambição desmedida que tinha, fôra digno de ser primeiro Ministro, cargo de que tomava, e se revestia de todas as exterioridades. Este homem supportou constante a sua desgraça, e contentou-se de dar a conhecer á Corte os enredos, com que o privárão do seu officio, e o como era possivel fazer descarregar o golpe sobre a cabeça, dos que fôrão Authores da sua infelicidade (*e*) e depois retirou-se deixando ás suas lições o tempo de fa-

(*e*) Juan de Baena Pareda.

zerem effeito, o que ellas obrárão tão efficazmente, que em breves dias tudo foi na Corte desordem, e confusão.

D. Alvaro de Castro, que era dotado de muita discrição, e valor, entrou a privar com ElRey pela conformidade de suas inclinações; e induzio S. Alteza a fazer uma viagem ao Algarve, com o pretexto de examinar o estado da terra, das praças, e portos de mar. E quando se vio só com ElRey, depois de lhe mostrar muitas cousas, de que antes não formava justo conceito, abrio-se com S. Alteza, e deo-lhe a entender que Martim Gonsalves, e os Jesuitas, com quem consultava, não sabião nada do governo; que lhe estragavão a fazenda em infinitas instituições inuteis, que fizérão, e que a bom dizer elles erão os Reys de Portugal, e S. Alteza Ministro de seus alvitres. Disto se espantou ElRey muito á primeira, mas ponderando com mais repouso, voltou a Lisboa, tão inimigo dos Jesuitas, quanto d'antes lhes era propicio. (*) D. Alvaro conhecendo de si que era incapaz de governar bem, e que tinha feito com que ElRey o conhecesse tãobem, foi causa de se tornar a chamar o Secretario Alcaçova, e de se lhe dar entrada no Conselho de Estado: o qual Secretario fez crer a S. Alteza, que D. Alvaro se lhe queria avantejar no valor, e deste modo o

(*) Não apparece acção em que ElRey D. Sebastião mostrasse esta inimizade.

deitaria a perder, se a morte, que lhe sobreveio, o não livrasse do desfavor d'ElRey. (*f*)

Expostos assim em summa os enredos da Corte, vamos a expor com miudeza as acções do Reynado d'ElRey D. Sebastião. As cousas da India, e Brazil, e geralmente as de todos os estados deste Principe levavão boa ordem, e succedião prosperamente: o qual logo que foi maior fez um resumo das Leis, em que era bem instruido, e vigiou muito que se dessem á execução. E como era amigo das cousas tocantes á guerra, e de andar por mar, a fim de satisfazer a esta sua propensão, tentou passar á India; mas Pero d'Alcaçova, que não tinha desejos de o acompanhar, deo-se tal geito, que o inclinou a ir fazer guerra a Africa. Por onde quando Filipe II. de Castella, o convidou para entrar na liga contra o Turco, ElRey se escusou disso, dando por motivo de o não fazer os estragos, que com a peste sobrevierão a seus Estados, e que estorvavão a boa vontade que tinha de o ajudar.

Dizem tãobem, que S. Alteza se escusou de casar com Margarida de Valois, irmã de Henrique III. de França, ainda que o Papa lhe mandou um Legado, para instar com elle que o fizesse. He verdade, que um celebre Historiador Francez refere isto d'outro modo, que faz müita honra a

(*f*) Pareda. Faria. La Clede t. 2. f. 55. Mayerne Turquet.

ElRey D. Sebastião, mas os Escritores Portuguezes, e Hespanhões, mostrão-se tãobem informados neste ponto, que fôra injustiça negar-lhes o credito, que merecem, mũito principalmente porque ElRey passou a Africa pouco depois insperadamente, e quasi de repente. (*g*)

S. Alteza enviou lá primeiro a D. Antonio Prior do Crato, com alguns centos de soldados, e depois, sahindo para uma caçada, embarcou-se de repente com os principaes da sua Corte sem equipagem. Chegado a Africa escreveo ao Duque d' Aveiro, que se fosse para elle com a sua gente, e com os voluntarios, que podesse junctar; e depois que o Duque chegou, divertio-se em caçar, e fez algũas correrias insignificantes, sem emprender cousa de substancia, expondo todavia a sua pessoa em todas as occasiões de perigo, que se offerecèrão. Feito isto voltou ao Reyno em Novembro; mas por meio de taes tormentas, que os seus o davão por perdido, quando se virão com agradavel maravilha no porto de Lisboa, e celebrárão a sua chegada com mostras de zelo, que devèrão causar-lhe grande prazer. (*h*)

Poderia alguem crer, que o pouco fruto desta jornada abrisse os olhos a ElRey, e lhe desse a conhecer, que era impossivel fazer a guerra d' Africa, com algũa esperança de bom exito: mas

(*g*) Herrera. Baena. La Clede t. 2. f. 53.
(*h*) Faria. La Clede L. cit.

pelo contrario só servio de lhe avivar mais a inclinação marcial, de sorte que desde então não cuidou senão nas Conquistas d'Africa; e quem o queria grangear não tinha mais, que lizongear a sua inclinação, e segundo a sorte ordinaria dos Principes, achou de mais quem a adulasse a este respeito, sem reparar no que poderia succeder a S. Alteza, e a elles mesmos.

E ainda que para cumprir com seus desejos El Rey não tinha necessidade de pretexto, todavia estimou um incidente, que lho dava para mover guerra aos Mouros. Mulei Mahamet Rei de Fez, Marrocos, e Trudante, havia sido detronado por Mulei Maluco seu tio; e no principio da guerra entre estes dois Principes, S. Alteza mandára offerecer soccorro a Mahamet, que lho recusou com desprezo. Mas vendo-se foragido, e que sollicitára em vão o auxilio d'ElRey de Hespanha, soccorreo-se ao de Portugal, e para o penhorar em seu favor, restituio-lhe Arzila, que seu pai havia cobrado dos Portuguezes. ElRey deo-se por muito feliz com este successo, e não duvidou, que se avantejaria de todos os seus predecessores nas conquistas, que ia fazer: pelo que enviou Pero d' Alcaçova a ElRey Filipe II. de Hespanha; para ter certo o seu adjutorio, e pedir-lhe licença para se verem. (*i*) O Ministro concluio o negocio, a que ia; e ElRey Filipe conveio em se celebrar um Tratado, e promettendo

(*i*) Cabrera. Herrera. Ferreras t. 10. f. 306.

sua filha em casamento a ElRey seu sobrinho, apontou Guadalupe para lugar das vistas.

Aos 12 de Dezembro partio ElRey D. Sebastião de Lisboa acompanhado do Duque d'Aveiro, do Conde de Portalegre, e outros Senhores da primeira grandeza; e vendo-se com ElRey Filipe seu tio, este Soberano lhe representou as grandes difficuldades da empreza de Africa; e porque veio em conhecimento, que não podia dissuadir della a seu Sobrinho, prometteo-lhe um auxilio de 50 Galés, e 5,000 homens. E não parando aqui ElRey Filipe, mandou a Marrocos Francisco d' Aldana Capitão antigo, e mũi experimentado, ao qual voltando d'Africa, enviou a ElRey D. Sebastião, para o informar bem do estado das cousas daquellas partes, como o Capitão fez mũi fielmente, mas sem fazer mudar de resolução a ElRey de Portugal. (*k*)

A Raynha sua avó, e o Cardeal D. Henrique, esquecendo-se de suas desavenças particulares, fizérão juntamente todas as diligencias por desviarem a S. Alteza de uma obra tão contraria a todos os seus interesses, e tão pouco conveniente ao estado actual do Reyno. Mas nada foi capaz de o abalar, e a Raynha cahio em tal melancholia, que falleceo dentro em pouco tempo; o Cardeal retirou-se para Evora, sem querer vir á Corte,

(*k*) Mendonça Jornada d'Africa, Cabrera. Herrera Ferreras t. 10. f. 305, 313, 314.

nem aos Conselhos d'Estado, no que o imitárão mũitos dos Grandes, que a pezar disso enviárão seus irmãos, ou filhos para acompanharem S. Alteza.

Este Principe obstinava-se mais no seguimento da sua tenção, segundo crescia mais o monte de difficuldades, que a contrariavão, e porque faltava gente, e dinheiro, que se não podia haver pelos meios ordinarios, deo autoridade ao Alcaçova para usar de todos os expedientes, que lhe occorressem para o conseguir. Este Ministro, que era fecundo em alvitres, nem tinha outra maneira de conservar-se no valimento extraordinario, que conseguira para com ElRey, chegou as cousas ao maior extremo, que podia ser.

E aproveitando-se da Bulla da Cruzada obteve do Clero um subsidio de 50,000 cruzados; poz um novo tributo no sal; aumentou o da cisa; permittio que corresse o dinheiro de Castella augmentando-lhe $\frac{1}{9}$ do valor extrinseco; houve dos Christãos novos 220,000 crusados, concedendo-lhes certos privilegios; tomou emprestadas aos ricos sommas consideraveis, e um donativo á Fidalguia, e Nobreza do Reyno. S. Alteza mandou levantar gente de guerra em Italia, Allemanha, e nos Paizes Baixos, donde, e de outras partes trouxe com grandes custos alguns milhares de homens. Feitos estes apercebimentos convocou uma juncta da Nobreza, e nella expoz os motivos, e razões da sua expedição, concluindo com dizer-

lhes, que os mandára chamar para lhes dar a saber a sua resolução, e não para os consultar, e, dito isto, os despedio. (*l*)

Mas nem assim tolheo, que se lhe não fizessem de toda parte representações; concorrendo nisto com os mais o Conde de Tentugal seu Embaixador Hespanha, o qual lhe escreveo a este respeito uma carta mũi prudente; e outros Senhores fizérão o mesmo. Nenhum porém lhe fallou com maior liberdade do que D. João Mascarenhas, que ganhára na India immortal nome na defeza da praça de Diu; e porque as suas rasões fizérão algum abalo no animo d'ElRey, mandou este Principe consultar os Medicos, os quaes affirmárão, que D. João com os largos annos, que tinha poderia (como era ordinario nos anciãos) ter perdido a intrepidez, e valor: mas D. João mostrou nos conselhos, que deo, que elles, erão uns loucos, e mentirosos. (*m*) Em fim ElRey Filipe II. mandou o Duque de Medina Celi a D. Sebastião para o dissuadir de novo do seu projecto, e lembrar-lhe, que elle não concorria em nada para a seu perdição, antes lhe havia apontado o risco donde ia despenhar-se com seus Vassallos (*n*) mas esta tentativa foi tão frustranea, como as de mais.

Agora traspassariamos as raias, que lançámos

(*l*) Faria e Sousa. Ferreras L. c. f. 315.

(*m*) João de Baena. Faria e Sousa. Mendonça cap. 2. f. 17. ult. ed.

(*n*) Faria e Sousa. Ferreras L. c. f. 315.

á nossa historia, se quizessemos miudear a narração de todos os meios de que os amigos deste Principe usárão, para o tirar daquelle proposito; e (quando virão que erão baldados) para o fazerem desvanecer; assim como seriamos infinitos, se discorressemos por todos os artificios de que S. Alteza se servio para satisfação propria, e para executar o que os estrangeiros, e seus Vassallos predizião que seria a sua ruina. Contentar-nos-hemos por tanto com dizer, que no meio de todos estes aprestos ElRey teve uma carta de Mulei Moluco, contra quem elles erão dirigidos.

Nella lhe expunha ElRey de Fez a justiça da sua causa, e lhe dizia, que elle lançára do Trono um tyranno, e assassino indigno da sua amizade, e do seu adjutorio. Dizia-lhe mais, que elle não tinha porque temesse o poder, e avisinhança dos Portuguezes, e que para lhe dar uma prova disso, e juntamente da sua estimação, queria ceder-lhe dez milhas de terra lavradia no contorno das praças, que S. Alteza tinha em Africa, que erão Ceuta, Tangere, Arzila, e Masagão, e que elle se obrigava a conter seus Vassallos de modo, que não inquietassem os Portuguezes. Além disto, escreveo Moluco a ElRey Catholico, com quem tinha boa amizade, pedindo-lhe, que desaconselhasse aquella empreza a seu Sobrinho, e que atalhasse por meio de algum acordo á inutil effusão do Sangue humano. (o) Dizem alguns, que El-

(o) Os Authores citados na nota anterior.

Rey D. Sebastião não respondeo ao Moluco; outros que lhe mandou propor por bem de paz, que lhe cedesse Tetuão, Larache, e o Cabo d' Alguer, (*) proposição que ElRey de Fez rejeitou com desprezo.

Os Escriptores Portuguezes queixão-se de El Rey Catholico não cumprir as suas promessas; masconfessão que elle se desculpou com razões plausiveis. O certo he que ElRey Filipe sempre entendeo, que o Ministerio de Portugal frustraria este projecto, dando-lhe a culpa de elle se baldar, e estava prompto para sumbinistrar nesta parte a occasião, e os meios de isto se conseguir, como era tenção dos Ministros. Mas em fim triumphou de tudo a obstinação de S. Alteza, e ElRey seu tio houve de enviar-lhe dous mil homens capitaneados por D. Alonso de Aguilar, official de grande merecimento. (*p*)

Feitos todos os apercebimentos, offereceo El Rey a regencia do Reyno a seu tio o Caldeal D. Henrique, o qual lha refusou; pelo que nomeou S. Alteza por Governadores do Reyno em sua ausencia o Arcebispo de Lisboa D. Jorge de Almeida; Pero de Alcaçova, Francisco de Sá, e D. João Mascarenhas, ainda que estes dous ultimos sempre houvessem sido mui contrarios ao pre-

(*) Mendonça cap. 3. diz o Cabo de Gué.

(*p*) Faria e Sousa. Ferreras L. cit.

suposto de S. Alteza. (q) E para General da Armada elegeo a principio D. Luiz de Ataîde, que tinha muita experiencia, e grandissimo esforço: mas a sua circunspecção desagradou a S. Alteza de sorte, que mudando de conselho o enviou á India por Vice-Rey, e deo o Generalato della a D. Diogo de Sousa, homem de merecimento na verdade; mas destituido de conhecimentos militares.

Aos 17 de Junho foi ElRey em procissão á Cathedral, onde o Arcebispo benzeo solemnemente a bandeira Real que S. Alteza logo entregou a D. Luiz de Menezes com ordem de fazer em continente embarcar os soldados, que erão 9.000 Infantes Portuguezes, 3.000 Allemães ás ordens do Coronel Amberg (*) que o Principe de Orange lhe mandára; 700 Italianos commandados pelo Cavalheiro Stukelei Inglez, (†) e esforçado; os 2.000 Castelhanos de que já fallámos; e 500 voluntarios, de que era Capitão Christovão de Tavora grande seu privado, homem de valor; mas sem experiencia da guerra.

A esquadra compunha-se de 50 Navios de guerra, e 5 Galés, sem contar-mos os Navios de transporte, que com os mais chegávão a perto de mil, nos quaes îão doze tiros de Artelharia. (r)

(q) Os mesmos Authores. La Clede t. 2. f. 61.
(*) Mendonça escreve: Monsieur Tanberg. cap. 3.
(†) Mendonça cap. 3. diz: Thomaz Sternuile.
(r) Mendonça. Ferreras L. c. f. 319.

Aos 24 de Junho de 1578 embarcou ElRey com D. Jorge de Lancastre Duque de' Aveiro; D. Thedosio, e D. Jaime filhos do Duque de Bragança, D. Antonio Prior do Crato, D. Manuel de Menezes Bispo de Coimbra, D. Ayres da Silva Bispo do Porto, o Conde de Vimioso, D. João da Silva Embaixador d' ElRey Catholico, e muitos outros Fidalgos. (*s*)

Sahio a Armada da Barra de Lisboa com vento favoravel, e chegou toda juncta ao porto de Lagos no Algarve, onde se deteve 4 dias. Daqui navegou a Cadiz, e o Duque de Medina Sidonia festejou ElRey magnificamente pelo espaço de 8 dias; aproveitando-se desta detença para renovar por ordem d' ElRey Filipe as representações com que dissuadisse a D. Sebastião daquella empreza, lembrando-lhe, que pedia a prudencia, que ao menos não arriscasse a sua pessoa. (*t*) Mas ElRey tendo recebido o soccorro, que esperava, foi lançar ferro diante de Tangere, onde desembarcou com algũa gente, havendo ordenado a D. Diogo de Sousa, que o fosse esperar em Arzila, e que ahi desembarcarsse o resto dos Soldados, que com effeito sahio em terra, e esteve ali perto de 3 semanas, antes de ElRey lá chegar.

S. Alteza achou em Tangere trezentos Mouros, e o Xarife Mahamet, que lhe deo em refens seu

(*s*) Os mesmos Authores, Feria e Sousa.
(*t*) Cabrera. Herrera. La Clede L. c.

filho Mulei de doze annos de idade, o qual El-Rey enviou a Mazagão. O Xarife acompanhou S. Alteza a Arzila, onde em Conselho de Guerra foi assentado, que era necessario ganhar Larache, mas discrepava-se no caminho, que se havia de levar; querendo uns, que se fosse lá por terra, outros, que por mar. Mas em fim seguio-se o parecer de marchar por terra, e de ir vadear o rio Luco, sendo ElRey quem fez preferir este voto. O Xarife fez quanto pode pelo desaconselhar; mas ElRey não esteve pelas suas razões de sorte, que o Mouro se sahio da conferencia descontente. Aos 29 de Julho pôs-se o Exercito em marcha, e se alojou a duas leguas de Arzila. Aqui veio ter com S. Alteza o Capitão Altana, que lhe appresentou da parte do Duque de Alva um capacete, que fôra do Imperador Carlos V., com uma carta, pela qual o Duque o exhortava a não se metter pelo sertão, e a limitar-se sómente á tomada de Larache.(*u*)

Mulei Moluco sabendo da chegada da frota dos Christãos a Arzila pôs-se em campo com 60.000 mil de navallo, e 40.000 Infantes: e fazendo alto em um certo lugar, como suspeitava, que muitos dos que o seguião erão fautores de Mahamet, mandou publicar, que a estes taes dava faculdade para se retirarem, e alguns houve,

(*u*) Mendonça. Ferreras. L. c. f. 320. La Clede L. c. f. 64.

que usárão desta licença. E porque tinha tãobem por suspeita a fidelidade de um corpo de 3.000 cavallos, ordenou-lhe, que fossem picar o Exercito inimigo, mostra de confiança, com que lhes grangeou os animos, e os fez do seu bando. Restavão-lhe ainda algũas duvidas á cerca dos seus principaes Officiaes, e Capitães; porque ainda que não temia os Portuguezes, receiava-se de suas peitas, sabendo mũito bem, que seu rival conhecia todos aquelles, que mais facilmente poderia corromper com este vil preço.

Para atalhar pois a toda a conspiração, ordenou aos Capitães, que commandassem gente diversa da que trazião debaixo de suas bandeiras, para lhes tolher todos os meios de enredarem, e machinarem algũa traição. Pasma a summa prudencia, e seguridade com que o Moluco dispunha tudo, achando-se doente de febres a ponto de não poder cavalgar. E todavia marchou direito aos Portuguezes, e chegando-se a Alcacerquivir, foi dali alojar se junto ao vao do rio Luco á vista da Armada Christã, bem resoluto a appresentar-lhe batalha. Mulei Hamet seu irmão era um dos Generaes do seu Exercito. (*u*)

Logo que os Portuguezes avistárão a vanguarda do inimigo, fez ElRey conselho, e contra o seu costume mostrou-se nelle mais tranquillo, e moderado. O Conde de Vimioso, e os que por

(*u*) Herrera. La Clede, e Ferreres L. c.

adulação votárão na ida por terra, era de parecer, que ElRey se retrahisse; allegando, que o inimigo estava senhor do vao, e do rio, que S. Alteza o não podia desalojar daquelle posto, e que não devião esperar tornar dali; porque os mantimentos já faltavão. Mas os Officiaes estrangeiros forão de outro parecer, e votárão, que se pelejasse, dando este conselho não por mais util; mas como necessario.

O Xarife oppoz-se-lhes fortemente; porque via os Portuguezes arriscados a serem vencidos, e a perder tudo, sem esperança de ganhar cousa algũa, ainda que ficassem com a victoria; e que se se entrincheirassem no posto vantajoso, que occupavão, poderião valer-se do soccorro da Armada: de mais o Xarife esperava, que demorando-se a batalha Mulei Moluco morreria entretanto, e vindo isto a acontecer, que uma grande parte do Exercito dos Mouros se passaria para elle, que deste modo ficaria Senhor de 3 Reynos, e arbitro da sorte dos Christãos.

Vendo pois, que ElRey D. Sebastião insistia no conselho de pelejar, rogou-lhe que o não fizesse senão ás 4 horas da tarde, a fim de poderem retirar-se á sombra da noite, se não fosse bem succedido. Mas ElRey não veio nisto; e dispoz tudo para dar a batalha na manhaã seguinte do dia 4 de Agosto, e não ficou por elle que se não ferisse logo no primeiro alvor do dia. Então descobrio o Moluco tanto á vista d'olhos a sua su-

perioridade, que teve desejos de fazer prisioneiro o Exercito Portuguez. Mas, sentindo-se chegado á hora da morte, tinha resolvido pelejar aquella mesma tarde, receioso do mesmo, em que Mahamet assentava as suas esperanças. Assim que, consideradas bem todas as circumstancias, se El-Rey D. Sebastião seguira os conselhos do Xarife, levarião as cousas diverso caminho, do que levárão: mas ElRey carecia de experiencia, e de discernimento, de sorte que nem soube resolver bem por si, nem dis inguir entre os votos dos Conselheiros, o que era mais conveniente. (x)

O Excercito Portuguez foi mûito bem ordenado pelas direcções do Capitão Aldana, e de outros Officiaes antigos: estava disposto em tres linhas, das quaes era a primeira o batalhão dos voluntarios. A' direita deste capitaneava os Allemães o Coronel Amberg, e o Cavalheiro Stukelei os Italianos: na esquerda achavãõ-se os Hespanhões. Os Regimentos Portuguezes formavão a segunda, e terceira linha. A cavallaria, que constava de 1.500 de cavallo, estava dividida em dous esquadrões; o da direita commandado pelo Duque d'Aveiro, a quem acompanhava o Xarife com os seus: e o da esquerda onde îa a bandeira Real era regido pelo Duque de Barcellos filho mais velho do de Bragança, que tinha juncto com sigo o Prior do Crato, e outros Fidalgos

(x) Mendonça. Ferreras, L. c.

da primeira ordem: ElRey a principio andou na vanguarda.

Mulei Moluco ordenou tãobem a sua gente em 3 linhas: na primeira estavão os Mouros de Andaluzia ás ordens de 3 Capitães abalisados nas guerras de Granada: constava a segunda linha dos Elches, ou renegados; e a terceira dos Africanos de Fez, Marrocos, e Trudante. Todos porém formavão um crescente, ou meia lua, que tinha em cada ponto dez mil de cavallo, e por detrás de tudo o resto da cavallaria, para cercar mais facilmente o Exercito Portuguez. Mulei Moluco, aindaque mui debilitado, tirou-se da liteira em que ía, e poserão-no a cavallo, paraque visse o como se executárão as suas ordens: depois deo sinal de ferir o inimigo pelas onze horas da manhã, mandando disparar contra elle toda a sua artelharia. Os Christãos fizérão outro tanto, e investirão os Mouros com grande calor, e ardideza, por um effeito do valor natural á gente bem nascida, quaes erão todos os mancebos Nobres de Portugal, que se achárão nesta batalha.

No primeiro conflicto foi ElRey D. Sebastião ferido de uma mosquetada na espadoa; mas este accidente o não estorvou de ir pelejando na frente do batalhão do lado esquerdo da cavallaria, ajudado dos voluntarios, dos Castelhanos, Allemães, e Italianos, que rompèrão a primeira linha da Infantaria Mauritana, e poserão a segunda em

desordem. Aqui cavalgou o Moluco, e com o Alfange na mão quizera entrar na peleja, mas estorvarão-lho os da sua guarda, e com o esforço que fez esvaio-se-lhe a cabeça, e caîra do cavallo, se os seus o não recebessem nos braços, e o não levassem á liteira onde expirou, pondo o dedo na boca para recomendar segredo aos que o vião morrer. (*y*)

Ficou-lhe ao pé da liteira um Elche por nome Hamet Taba, que de quando, em quando corria ás cortinas, e dava as ordens necessarias como da parte do Moluco. Entretanto a cavallaria dos Mouros tinha cercado quasi todo o Exercito dos Christãos, com quem pelejávão pela recta guarda: e os Cavalleiros Mouros da ala esquerda investirão por um flanco a dos Portuguezes da ala direita, e a rompèrão, e desbaratárão. Então o Xarife querendo vadear um pequeno rio affogou-se; e quando os Allemães, e Italianos fazião prodigios de valor, a Infanteria Portugueza por confissão de seus mesmos naturaes fazia mũito mal os seus deveres.

A ElRey D. Sebastião matárão nesta peleja dous cavallos, e Jorge de Albuquerque o ajudou a montar em outro. Morrêrão a seu lado D. Afonso de Aguilar, D. Gonsalo Chacon, e o Capitão Aldana todos 3 Castelhanos; e rodeando-o os Mouros foi preso, privado de todas as armas,

(*y*) Mendonça. Faria e Sousa. La Clede. L. c. f 69.

e posto a bom recado. E como elles tiverão em seu poder a pessoa d' ElRey, entrárão a altercar sobre quem o levaria, até que um de seus Capitães fazendo-se lugar entre elles lhes bradou, " E como cães, depois que Deus vos concede uma vitoria tão assignalada, quereis matarvos por um prisioneiro!" e dizendo isto descarregou tal golpe de alfange sobre ElRey, que o ferio acima do olho direito, e o derribou do Cavallo; e os outros Mouros desesperados de poder haver algum resgate por este infeliz Principe acabárão de matállo.

Tal he conforme alguns a narração mais authentica do seu fim. (z) Outros porém affirmão, que Luiz de Brito levando a Bandeira Real envolta em seu corpo encontrára ElRey, o qual lhe dice, que a segurasse bem, e que morressem ambos sobre ella: e dando depois nos Mouros foi preso por elles, a quem Luiz de Brito obrigou a soltallo, até que o mesmo Brito foi tãobem captivo com a bandeira, e levado a Fez, onde declarou, que depois de estar em poder do inimigo ainda vira ElRey desapresado dos Mouros. D. Luiz de Lima encontrou depois a S. Alteza caminhando contra o rio, e Manuel de Sousa dice, que ali o vio ainda vivo pela derradeira vez. (a)

(z) Mendonça. De Meza Jornada d'Africa.
(a) Faria e Sousa.

O Conde de Vimioso, D. Luiz Coutinho, D. Vasco da Gama, D. Afonso de Noronha, os Condes de Redondo, e da Vidigueira, D. Jaime filho do Duque de Bragança, os Bispos do Porto, e Coimbra, com grande numero de outros Fidalgos morrèrão na batalha; e o Duque de Barcellos em idade de 12 annos, e o Prior do Crato ficáraõ captivos com mũitos outros. (*b*)

O despojo dos arraiaes Portuguezes foi grande, porque os Fidalgos moços levárão, bem fóra de proposito, magnificos apparelhos de seu serviço. Mulei Hamet irmão do Moluco foi acclamado Rey no mesmo dia por todo o Exercito, onde faltárão ao menos dez mil homens. Os Mouros, que fugirão logo que se rompeo o seu primeiro batalhão, não parárão senão em Fez, onde publicárão, que os seus ficavão desbaratados, de sorte, que, quando lá chegou a nova de a victoria ficar por elles, não a crérão facilmente, e mũito menos porque os que a levárão dizião junctamente, que o Moluco era fallecido. Pelo que os de Fez tiverão aquella noticia por um estragema feito com a mira em ter a Cidade socegada, até que bem depressa se desenganárão, succedendo excessivas alegrias a temores mal fundados.

Na manhã do dia seguinte ao da batalha Mu-

(*b*) Cabrera. Herrera. Baena. Mendonça. La Clede l. c. Ferreras l. c.

lei Hamet mandou vir os prisioneiros á sua presença, entre os quaes se achava D. Nuno Mascarenhas criado d' ElRey, o qual affirmou, que seu Amo era morto, e o fôra do modo, que deixamos dito, indicando junctamente o lugar onde acabou. Mandárão-se lá alguns a examinar a verdade, e Sebastião de Resende, moço da Camara d' ElRey, voltou com um cadaver, que affirmava ser o de S. Alteza, e foi reconhecido por esse da maior parte dos captivos, que o vîrão; e dali transportado por ordem de Hamet a Alcaçarquivir, onde o depositárão em casa de um Judeu. (*c*)

Algum tempo depois enviou ElRey Filipe II. de Hespanha o Capitão Zuniga a Mulei Hamet, com quem fez alliança, e obteve a liberdade do Duque de Barcellos, e do Embaixador d'Hespanha. O corpo, que se dizia ser d' ElRey D. Sebastião, tãobem se restituio a S. M. Catholica, que o mandou levar a Ceuta, onde foi recebido com autho de entrega, e de lá trazido a Portugal, e depositado com os de seus antepassados no Convento de Belém, aonde, e em Madrid se lhe fizerão as Exequias do costume. (*d*)

(*c*) Mendonça.

(*d*) Mendonça, &c. Todo o trabalho, que se teve para alcançar certa noticia da morte d' ElRey D. Sebastião, foi inutil, e às provas, que se tinhão por mais decisivas, não falta quem dê soluções especiosas. Assim dizem

v. g.

Deste modo acabou ElRey D. Sebastião aos 25 annos de idade com 23 de reynado. Uma ob-

v. g. que Sebastião de Resende trouxe a Hamet um Cadaver, dizendo que era o d' ElRey D. Sebastião, para atalhar a que o buscassem, e lhe facilitar os meios de se pôr em seguro: e querem que os Fidalgos concorrèrão com Resende no mesmo engano, e intento: e que alguns destes voltando ao Reyno affirmavão, que o corpo estava tão desfigurado, que era impossivel reconhecèllo. Como quer que seja, o certo he, que aquelle corpo foi o mesmo, que se mandou a Filipe II., e está sepultado em Belém, e que fundado nesta supposição he que ElRey de Hespanha lhe mandou fazer as exequias em Madrid. Todavia o Prior do Crato affectou sempre fallar da morte d' ElRey como duvidosa: e dizem, que reynando o Cardeal Rey, D. Sebastião veio ter ao Algarve; e se nomeia uma pessoa, que S. Alteza enviou ao Cardeal, mas que a ambição deste Principe suffocou esta noticia, bem como o mesmo vicio apagára em seu Coraçao a amizade, que devia a seu Sobrinho.

Mas seja o que for, o certo he, que mũitos embusteiros tomárão o nome de D. Sebastião, e abaixo trataremos de um, á cerca do qual não ha toda a certeza, se o era ou não. (Os mesmos Authores, e La Clede.) Mas a sua historia a pezar de quanto he maravilhosa, não o he tanto, como o que vamos referir, e vem a ser, que ha inda agora em Portugal pessoas aliàs judiciosas, que crèm, que ElRey D. Sebastião ainda he vivo, e que algum dia hade subir ao Trono Portuguez; e tal haverá, que em defeza desta opinião seja capaz de padecer o martyrio. Esta seita, ou partido (chamem-lhe como quizerem) he nomeada em Portugal a dos *Sebastianistas*, os quaes aindaque não im-

primirão

stinada imprudencia foi causa da sua perda, e da do seu Reyno, que deixou exhausto de dinheiro, de gente, e sem reputação. Com elle pereceo a maior parte da Nobreza, não havendo familia antiga, que não chorasse algum dos seus morto, ou captivo, de sorte que um Estado, que por morte d' ElRey D. João III. era objecto de admiração, e inveja, veio em breve a sêllo de espanto, e compaixão a toda a Europa. (*e*)

premirão nada a este respeito; tem escrito mũitos papeis, que se conservão, em que seus Authores fazem esforços incriveis para dar algũa força á sua opinião. (Memoires du Portugal.)

(*e*) D. Sebastião foi de boa estatura, e bem proporcionado de membros, teve os olhos azues, o semblante agradavel, e magestoso; era destro em todos os exercisios; mũi robusto, intrepido, e incapaz de temor: magnifico, liberal, affavel, mũi amante da justiça, e zeloso da Religião. A' natureza deveo todas as boas qualidades que tinha; as más á sua educação. (Faria. La Clede t. 2. f. 70.)

Teve este Principe grandes defeitos, sendo os principaes a violencia, e obstinação do seu animo. He certo, que nenhũa das relações, que delle nos ficárão, convêm com as outras nos pontos principaes. (Faria. Baena. Mendonça. Herrera.) E pintando-o os Portuguezes, e Hespanhoes mũito bem feito em sua pessoa, uns, e outros parecem confessar, que este Rey tinha alguns defeitos singulares, como erão ter a mão direita mais comprida

que

Quando a armada chegou de volta a Portugal com a triste noticia da rota de Alcacerquivir,

que a esquerda, e o hombro direito mas alto que o outro.

Não se acha informação particular de successos, que lhe acontecessem antes de passar a Africa; e todavia affirmão que tinha no corpo cicatrizes de 25 feridas notaveis. (Aventures admirables, &c.) Se seguimos a corrente dos melhores Historiadores, havemos de crer que ElRey por seu proprio conselho entrou na empreza de Africa, e foi causa da sua perda. O desejo da gloria era nelle tão violento, que nada o podia moderar; e de sorte desprezava os perigos, que na batalha de Alcacerquivir andava de armas verdes para ser mais facilmente conhecido dos seus, e do inimigo. Outros, e em particular Brantome, quizerão persuadir que ElRey passou a Africa instigado dos Jesuitas peitados por ElRey de Hespanha, para lho aconselharem: e he verdade que elles forão os Authores desta infeliz jornada, e das desgraças d' ElRey: mas não por aquelle motivo, que aponta Brantome: senão que lhe inspirárão sentimentos causadores de sua ruina sem intento de o chegarem a tão máo termo. Quando ElRey fez a primeira sortida a Africa não menos imprudente, e desesperada, que a segunda, tornou para o Reyno movido pela carta maviosa, que lhe escreveo o P. Luiz Gonsalves da Camara; e de todas as imputaçoes que se fizerão a ElRey Filipe II. esta he sem duvida a mais destituida de fundamento. (Mendonça. Baena. Faria.)

Mais natural seria dizer-se que o Papa empenhou a ElRey D. Sebastião nesta fatal jornada, enviando-lhe uma das setas com que os Infieis matárão a S. Sebastião, fazendo aquella flecha em seu animo o mesmo effeito que a

camiza

estava o Cardeal D. Henrique em Alcobaça, donde era Abbade, e os Governadores do Reyno lha escrevèrão logo, com que o Cardeal caminhou para Lisboa, e aos 22 de Agosto nos Paços do Duque de Bragança tomou o titulo de *Protector*. Mas, vindo 8 dias depois nova certa da morte d' ElRey, foi este Principe dizer Missa ao Hospital de todos os Santos, e depois acclamado Rey aos 67 annos de idade, sendo então Arcebispo de Braga, e Lisboa, Bispo de Coimbra, cujas rendas, assim como as da Abbadia d'Alcobaça disfructava, e ainda assim não era rico; porque em geral os benesses destes grandes beneficios nunca fôrão bem applicados.

ElRey D. Henrique era inimigo do fasto, sem vicios, e dotado de uma relegião sincera: antes de ser Rey, proveo sempre na educação dos mininos pobres; entendia em soccorrer, e consolar os infermos, edificar hospitaes para invalidos, dotar donzellas, que casassem, e favorecer os homens de letras. Mas com a grande mudança, que se fez no seu estado, houve tãobem algũa no seu procedimento; e viu-se que não era tão

camiza envenenada em Hercules: pois o excitou á vingança. O Papa tãobem lhe concedeo impor uma decima ao Clero, e o enviou cumprimentar por um Nuncio sobre o seu zelo da S. Fé Catholica. Mas tudo isto podia S. Santidade fazer sem intento de o induzir a perder-se, não obstante ter pertensões ao Reyno de Portugal, como El-Rey de Hespanha, e outros pertendentes.

limpo de odio como parecia; porque privou Pero d'Alcaçova dos cargos que servia, e desterrou D. Luiz da Silva com outros, que, durante o reynado de seu Sobrinho, se houverão mal a seu respeito. (*f*)

ElRey Filipe II. enviou-lhe logo D. Christovão de Moura a dar-lhe o parabem da sua elevação ao Trono, e para sondar qual era o seu animo no tocante aos direitos de successão; mas achou-o inteiramente disposto em favor de D. Catherina Duqueza de Bragança; e todavia, portando-se urbanamente com o Cardeal Rey, lhe aconselhou, que aproveitasse todos os meios de viver feliz, e contente.

Não contribuio para isto a tornada de D. Antonio Prior do Crato, que teve meio de escapar do captiveiro, dizendo a um Judeu, que era beneficiado no Reyno, e que perderia o beneficio, senão chegasse a Portugal dentro de certo tempo limitado; de sorte que o Judeu o resgatou, ou ficou por seu fiador, e D. Antonio passando a Ceuta veio de lá a Lisboa, onde se poz a tecer enredos, com que irritou ElRey seu tio, e muito mais porque este sempre formára delle máo conceito. (*g*)

A maior parte dos Portuguezes quizérão, que ElRey casasse, e instárão com S. A., que en-

(*f*) Faria e Sousa. Cabrera. Herrera. Ferreras.
(*g*) Faria e Sousa.

viasse sobre isso Embaixadores ao Papa, os quaes, depois de algũas irresoluções, chegarão a ser nomeados, mas nunca expedidos para Roma. Entretanto Filipe II. descobrio, que ElRey era mais politico do que elle cuidava, e que encarregára os seus agentes de negociarem occultamente com o S. P. Gregorio XIII.: pelo que ordenou tambem ao seu Embaixador em Roma, que estorvasse, quanto fosse possivel, o bom exito desta negociação.

S. Santidade nomeou uma Commissão de Cardeaes para examinarem o ponto, os quaes accordárão, que não convinha conceder a ElRey de Portugal a faculdade, que pedia. Mas os seus Agentes requerião com tal fervor, que em Roma houve suspeitas, se ElRey teria algum filho bastardo, que quizesse legitimar casando com a mãi. He de crer porém, que os Ministros negociavão, e requerião sem ordem d' ElRey, e por um louvavel desejo de verem a patria livre de jugo estrangeiro: mais forão inuteis todos os seus esforços, porque o Papa protestando que o negocio demandava madura deliberação, não decedio nada; e, vendendo esta fineza a ElRey de Hespanha, seu verdadeiro intento era assegurar á S. Sé as pertensões sobre a Coroa de Portugal, ou ao menos o direito de decidir a quem tocava; de sorte que para lograr o seu projecto importava tanto a elle, como a ElRey de Hes-

panha, que o de Portugal morresse sem deixar successão. (*h*)

Todos os Soberanos, por maiores, e mais prosperos que sejão, tem ainda assim alguns motivos de desgosto: mas a ElRey D. Henrique, tudo concorria para lhos dar; sem haver cousa, que o podesse consolar ou dar-lhe prazer. Porque desde o primeiro instante, em que subio ao Trono, não ouvia senão practicar sobre seu successor; e vio claramente, que tudo quanto podia pretender era ser reconhecido por unico, e supremo arbitro desta demanda. A maior parte dos Historiadores contestão, que S. Alteza o podéra ser a não lhe faltar valor, e constancia; mas se olhamos para a sua dignidade, para os annos, e circunstancias, em que se achava, não espanta, que lhe faltassem aquellas boas qualidades.

Entre um grande numero de pretensores havião 5, cujos direitos merecião attenção; e a respeito de tres delles ao menos não era facil de discernir a melhoria. Era o primeiro Ranusio Duque de Parma, cuja Mãi D. Maria fallecèra, havia perto de dous annos, e era filha primogenita do Infante D. Duarte; e seu filho o Duque argumentava disto ser elle o legitimo herdeiro da Coroa de Portugal. Vinha depois a Duqueza de Bragança, filha segunda do mesmo Infante, cujos Advogados sus-

(*h*) Os mesmos Authores. Cabrera. Mendonça.

tentavão, que não admittindo a Lei o direito de representação além do terceiro gráo, depois do ultimo possuidor, e sendo ella parenta mais chegada do Cardeal Rey, devia preferir ao Duque de Parma seu Sobrinho, que estava com o mesmo Rey em um gráo de parentesco mais remoto. E quanto a ElRey Filipe de Castella, que se achava igual com ella no gráo de parentesco, defendião, que a Duqueza tinha melhor direito por descender de varão, e ElRey de Castella por femea. Com effeito, D. Filipe II. era filho da Infanta D. Isabel, irmã do Infante D. Duarte.

O Duque de Saboia fundava a sua demanda em ser filho de D. Beatriz irmã mais moça de D. Isabel. O Prior do Crato affirmava, que o Infante D. Luiz seu pai se casára occultamente com sua mãi, e, se o podesse provar, certamente tinha mais direito á Coroa, do que qualquer dos outros. A Raynha de França Catherina de Medicis allegava, que descendia de Roberto filho d' ElRey D. Afonso III. de Portugal, e da Condeça D. Mathilde sua primeira mulher, de sorte que pelas suas razões todos os Reys de Portugal desde D. Diniz forão usurpadores, e por consequencia era-lhe devido o Sceptro Portuguez, como á ultima, e verdadeira successóra da linha legitima dos Reys de Portugal. Mas contra esta Raynha havia uma objecção bem forte; porque do testamento da Condeça Mathilde de Bolonha se mostrava, que ella não teve filhos d'ElRey D. Afonso III.

O Papa veio tãobem com suas pertensões, allegando em primeiro lugar, que a S. Sé dera, ou confirmára o titulo de Rey a D. Afonso Henriques; facto, que negavão todos os seculares Portuguezes, que bem sabião, que os seus antepassados forão, os que derão aquelle titulo, e que o comprárão á custa do seu sangue. Em segundo lugar dizia S. Santidade, que a Coroa de Portugal lhe pertencia, como espolio de um Cardeal: mas ninguem estava por este argumento, visto como esta ordem de succeder não tem lugar nas successões, ou heranças civis. Em fim ao direito mais bem fundado faltou o apoio; e, a não ser assim, viria o Duque de Parma a succeder ao Cardeal Rey. (*)

A principio teve-o a Duqueza de Bragança a seu favor; e por outra parte ou as Leis de Lamego estavão em vigor, ou todos os Reys desde D. João I. havião sido usurpadores da Coroa. ElRey Filipe II. tinha por si a força de suas armas, e os melhores Advogados; porque foi um dos Principes, que entendem, que a penna he arma tão boa ao menos, como a espada. Por onde não em-

(*) Não se entende, como vem aqui esta conclusão, vistos os fundamentos da Duqueza de Bragança; e que a Princeza, ou Infanta de Portugal, que casa com Princepe estrangeiro se exclue por esse facto, e a sua prole da successão ao Trono deste Reyno, em virtude das Cortes de Lamego. V. as Allegações por parte desta Senhora; e Faria, La Clede, Cabrera, Herrera, Ferreras, Daniel, &c.

prendeo nada sem appellar para a opinião publica, cuja approvação negociou com tal diligencia, que aconseguio; e se ella lhe não dava direito, ao menos teve a seu favor as apparencias, que era, o que elle havia mister. O Prior do Crato D. Antonio fundava-se nos direitos do sangue; mas principalmente na parcialidade do povo, e em particular dos Christãos novos. De sorte que no estado actual das cousas se dice mũi frequentemente, que o direito de dispôr do Sceptro derivado originalmente do povo, lhe estava outra vez devolvido. (*i*)

Mas o que fez augmentar o pezo da desgraça em circunstancias tão infelices, e perplexas, foi depender o seu remedio, ou allivio d' ElRey, cujas intensões crè-se, e he provavel, que fôrão boas; com quanto todos se affirmão em que S. Alteza se houve mũito mal; apartando de si pessoas de merecimento, e mũitas mais de talentos. Aquelles, de quem se servia no Ministerio, erão na verdade brandos, e moderados; mas inconvenientes ás circumstancias, e conjunctura; de sorte que em todo o seu Reynado não se fez cousa a proposito, senão abolir-se o imposto sobre o sal. Tanto he verdade, que um Rey póde ser homem de bem, sem ser bom Soberano! O que em tal caso procede mais ordinariamente de irresolução, do que de falta de capacidade. S. Alteza dese-

(*i*) Cabrera, Herrera, Ferreras.

java certamente o bem dos povos ; mas faltavão-lhe a firmeza, o valor, e industria requerida para usar dos meios mais efficaces de atalhar as desgraças, que lhes estavão eminentes.

Os Estados do Reyno supplicárão-lhe, que nomeasse o seu Successor, unindo-se a estas supplicas as do Senado de Lisboa, a que elle respondeo, que o negocio requeria mũita ponderação, e que proveria com tempo nelle. E querendo favorecer a Duqueza de Bragança, para quem propendia, animou os Doutores de Coimbra a escrevèrem a seu favor, dispondo por este modo o povo a receber bem a declaração, que havia de fazer em seu beneficio. E, se ElRey a nomeasse claramente sua Successora, se a fizesse jurar em Cortes por sua herdeira, o que facilmente conseguiria, he provavel, que todo o Reyno se unisse para a defender das armas d' ElRey de Castella ; e que se atalharião mũitos dos males, a que deo causa o procedimento contrario.

Mas o que teve El Rey indeciso, sem dar este passo, foi o receio de ver ateiada uma guerra civil entre a Duqueza de Bragança, e o Prior do Crato, que tinha por si o favor do povo. E sendo como era incapaz de tomar uma resolução valoroza, encontrando em todos os partidos iguaes difficuldades, e irresoluto no que havia de tomar, não fez mais, que metter tempo em meio, para delongar uma decisão absolutamente indispensavel á

segurança, e tranquilidade do Reyno, cuja demora não podia deixar de ser-lhe fatal.

Tal era o peior conselho, que S. Alteza podia tomar: e todavia mandou citar todos os pretensores á Coroa para virem expor a sua demanda, e direitos. Mas, como os seus annos, e infirmidades lhe não permittião as lisongeiras esperanças de viver até final decisão deste processo, resolveo nomear 5 Governadores, que por sua morte fossem depositarios da Soberania, durante o interregno, e obrigar o povo a dar-lhes juramento de fidelidade, e obediencia, que o ligaria em quanto elles axaminassem os direitos dos Pretensores, e até que julgassem definitivamente a controversia.

Todo o Mundo se espantou desta resolução; e o povo queixava-se da indecisão d' ElRey, e de tanto espaçar, quando S. Alteza via, que não devera lisongear-se de viver assás, para ver a conclusão daquelle negocio. Seus Ministros erão publicamente escarnecidos, assim como os expedientes de S. Alteza, de quem se dizia, que elle mesmo houvera de regular a successão, e nomear o herdeiro, lembrando-se do juramento, que fizéra, de conservar á Nação os seus direitos, e privilegios; e que até faltava o tempo em conjunctura tão critica, para se esperar uma convocação de Cortes, quando o negocio requeria a decisão mais breve. (*k*)

(*k*) Cabrera. Faria. La Clede. Ferreras.

ElRey persistio, ou para melhor dizer, obstinou-se na sua irresolução, e chamou as Cortes para a confirmarem. Junctarão-se com effeito os Tres Estados do Reyno em Lisboa no primeiro de Abril de 1579; e S. Alteza lhes pedio o seu conselho a beneficio da Nação: mas a penas se achárão dous Procuradores do mesmo parecer. Nesta perplexidade fallou em particular com os Principaes do Clero, da Nobreza, e do Povo, e os reduzio a não insistirem por então na nomeação do Successor, e a contentarem-se com a disposição, que elle tinha feito. Resolveo-se, que S. Alteza ouvisse as allegações dos Pretensores á Coroa, e que decidisse a controversia; mas que a sua decisão estivesse em segredo até a sua morte.

Mas, vindo ElRey a fallecer antes de dar a sua sentença, resolveo-se, que o negocio da successão fosse decidido por onze pessoas escolhidas de 24, que os Estados lhe havião de appresentar; que, durando o Interregno, devião governar o Reyno cinco Regentes eleitos por ElRey d' entre quinze, que as Cortes lhe havião de apontar, fazendo os Procuradores das Cidades, e Villas juramento de obedecer aos taes Governadores, e ao Successor, ou herdeiro designado. (*l*) Separadas assim as Cortes, mandou S. Alteza citar os pretendentes.

Fernando Farnesse Bispo de Parma appareceo,

(*l*) Herrera. Faria e Sousa.

como procurador, para sustentar os direitos do Principe Ranuzio, o qual sendo minino podera criar-se ao gosto dos Portuguezes. Viérão mais por parte do Duque de Saboia Carlos de la Rovere, e Urbano de S. Gelais Bispo de Comminges, que vinha advogar a causa de Catherina de Medicis, e foi recebido á provar a sua acção, que não pode sustentar com prova algũa. ElRey Filipe desconfiando da justiça da sua demanda, e do animo d' ElRey D. Henrique a seu respeito, não quiz comparecer, dizendo, que a Soberania dos Reys acabava com a sua morte, e que elles a não podião prorogar a Regentes; e que além disto S. Alteza não podia em sua vida julgar dos direitos de seu Successor, ou annullálos por uma sentença.

O Duque de Bragança defendeu os direitos de sua mulher; e D. Antonio os seus. Estes dous Senhores andárão brigados, e poserão toda a Corte em desordem de sorte, que ElRey mandou ao Duque, que se retirasse para as suas terras, e a D. Antonio, que se recolhesse ás do seu Priorado; mas o Duque tornou a vir allegar pessoalmente a sua justiça, favor que se não fez ao Prior do Crato.

D. Antonio queixou-se desta parcialidade; e não deixou de mandar os procuradores, e testemunhas necessarias á defeza da sua causa; mas, como as testemunhas se retractárão, ou variárão nos depoimentos, foi declarado illegitimo. Pelo-

que, em vez de se retirar para o Crato, correo todo o Reyno para grangear o povo, procedimento, com que indignou tanto ElRey seu tio, que elle publicou um edicto contra D. Antonio; confiscou-lhe os bens; e mandou-o sair de seus Estados dentro de 15 dias. (*m*) Mas D. Antonio não lhe obedeceo; antes andava a furto de lugar em lugar; e, como era bemquisto do povo, não o podérão descobrir, nem prender: pelo que foi mandado citar para comparecer ante ElRey, o que elle julgou, que lhe não convinha fazer, nem vir estar á mercê de S. Alteza.

ElRey Catholico, postoque não quiz mostrar, que defendia as suas pertensões, não deixou de mandar D. Christovão de Moura, como Embaixador ordinario; e depois o Duque de Ossuna com titulo de Embaixador Extraordinario, para olharem pelos seus interesses. (*n*) Escreveo tãobem ás principaes Cidades do Reyno, lembrando-lhes como descendia de seus antigos Reys, e os beneficios, que fizera aos Portuguezes em Africa, offerecendo-lhes accrescentamento em seus privilegios, e conceder-lhes a liberdade de tratarem nas Indias Occidentaes de Hespanha: em uma palavra, punha-lhes á vista de uma parte tudo, quanto podião esperar delle; e da outra, o que podião receiar do seu poder. Seus Embaixadores apressavão El Rey com requerimentos para designar o

(*m*) Cabrera. Ferreras t. 10. f 337.
(*n*) Herrera. Faria e Sousa. La Clede t. 2. f. 76.

herdeiro; e que não se descuidasse de pôr todos os meios de sair com sua tensão. Sobre isto servião-se do dinheiro; e com grandes sommas delle comprárão mũitas pessoas da Nobreza, e ainda fazião maiores promessas. Mas, a pezar do bom successo de suas negociações, e astucias, Filipe II. não descançou nelles; mas, ajunctando um bom exercito de Veteranos, mandou fazer levas de gente em Italia, e Allemanha, resoluto em senhorear-se de Portugal a todo custo.

O timido D. Henrique, vendo todos estes aprestos, receiou declarar a Duqueza D. Catherina sua herdeira, por entender, que ella não se achava com forças para resistir a ElRey Catholico; e menos, porque era de esperar, que a plebe, de quem o Prior do Crato era mũi valido, se declarasse por elle em guerra civil, ao mesmo tempo, que os Hespanhoes entrassem no Reyno de mão armada: e este zelo do povo a favor de D: Antonio causou-lhe tal terror, que mandou levantar duas companhias mais para guarda de sua Pessoa. O Confessor d' ElRey que era o Jesuita Leão Henriques, e tinha grande predominio em seu espirito, comprado por ElRey de Hespanha, desemparou a causa da Duqueza, que d'antes protegia, e de sorte se aproveitou dos temores de S. Alteza, que lhe persuadio, que o unico meio de evitar a ruina de Portugal era accordar-se com ElRey de Hespanha, e declarallo seu herdeiro. (*o*)

(*o*) Cabrera.

S. Alteza communicou este designio aos Embaixadores d'ElRey Catholico, e enviou secretamente a Madrid as condições deste ajustamento; uma das quaes era, que os Officios deste Reyno se não darião, senão aos seus naturaes; e ao mesmo tempo deo parte áquella Corte de como queria convocar os Tres Estados do Reyno, para obter a approvação delles. ElRey Catholico, postoque assentava, que podia fazer fundamento ás suas esperanças no Clero, e Nobres, de que a maior parte estavão peitados pelos seus Embaixadores, sabendo aliàz da aversão, que o povo tinha ao governo Castelhano, julgou impossivel alcançar-se o prasme dos Communeiros.

Peloque mandou propor, que se escrevesse ás Cidades em particular, oppondo-se inteiramente ao chamamento das Cortes; porque, como estas havião dado a ElRey o poder de nomear seu Successor, já não era necessario convocallas de novo para o mesmo effeito. Mas o Cardeal Rey nada mais macio, que a principo, ateimou em seguir os seus conselhos; e fez ajuntar as Cortes em Almeirim, onde se abrirão no Paço aos 9 de Janeiro de 1580; e communicou-lhes o projecto de fazer capitulações entre o Reyno e S. M. Catholica, como o unico meio de conservar a paz, e tranquilidade do Reyno, vistas as vantagens, que a Nação receberia das condicções, com que ElRey Catholico ìa a succeder na Coroa.

O Clero foi o primeiro, que deo a sua appro-

vação; e entre os Nobres, depois de longos debates, venceo-se tãobem por um só voto demais; o povo porém denegou-a. (p) ElRey tinha feito todas as diligencias, para se elegerem Procuradores das Cidades, quaes elle quizesse, e peitar os outros: o que tudo conseguio em Lisboa; mas o de Coimbra, e das outras Cidades fizerão o seu dever. Os Procuradores rejeitárão unanimes a convenção com Castella; e Phebo Moniz, a quem os mais seguião, conjurou a S. Alteza, que os não entregasse aos Castelhanos; e que elegesse um Successor Portuguez, fosse, quem fosse. Mas, não vindo ElRey nisto, e entendendo as Cortes, que S. Alteza se entendia com ElRey Filipe, declarárão abertamente, que elles sós tinhão o direito de elegar Soberano, quando o Trono vagasse por sua morte. (q)

E bem cedo terião occasião de o fazer, se perseverassem constantes no seu proposito, porque ElRey no meio destas disputas acabou a vida aos 31 de Janeiro, com 68 annos de idade, havendo reinado pouco mais de 17 mezes. (r) E como

(p) Faria e Sousa. Ferreras t. 10. f. 343.

(q) Faria. Ferreras t. 10. f. 343.

(r) ElRey D. Henrique parecia-se mũito com ElRey D Manuel seu pãi, porque era de estatura mediana, magro, agil, e vivo, e capaz de mũito trabalho. Sabia todas as linguas sábias, e Theologia; e tinha algũa tintura de Mathematica: era mais senhor dos seus olhos, que das suas paixões; lembrava-se das injurias para se vingar dellas, e tendo

andava então peste em Lisboa, foi seu corpo depositado em Almeirim, donde ElRey D. Filipe o mandou levar a Belém. Foi este Rey o 18º Soberano de Portugal, e 17 Rey, e o 8, e ultimo da sua familia, porque nelle acabou a linha masculina dos Reys de Portugal, que durou além de 460 annos.

ElRey D. Henrique foi pouco estimado, e a sua morte ainda menos sentida, não obstante haver feito em sua vida mũitas acções louvaveis; pois não fez senão poucas como Rey. Não perdeo nada porque fez pazes com o Xarife, e com

tendo bastante penetração para prever as desgraças, não tinha assás para descobrir o meio de as prevenir, e remediar. (Maierne, Turquet.) Morreo em fim descontente de seus Vassallos, que o não andavão menos do seu governo.

Alguns Historiadores Portuguezes fizerão reflexões supersticiosas á cerca do nome do seu primeiro Soberano, que foi o Conde D. Henrique, semelhante ao do ultimo Rey: e observárão mais que o Cardeal Rey nascèra justamente quatrocentos annos depois do Conde. Mas de que servem taes reflexões? (Faria e Sousa. Memoires du Portugal.) O que não será inutil observar he que a mãi d' ElRey D. Sebastião falleceo no mesmo anno em que o Cardeal subio ao Trono, assim como a Infanta D. Maria que lhe houvera de succeder se o vencesse em dias. (Ferreras. Turquet.) Esta Princeza com as doações de seu pai, e deixas da Raynha sua mãi ficou tão rica, que os Portuguezes nunca se resolvèrão a deixála sahir do Reyno, o que fez que ella nunca se casou; sendo certo, que se a casassem em Portugal com algum Principe do Sangue Real, evitar-se-hião as desgraças, a que a Nação ficou exposta. (Faria e Sousa.)

ellas conservou as poucas praças, que lhe restavão em Africa, alcançando com grandes despezas a liberdade dos que sobrevivèrão á batalha de Alcacere. Em fim a pobreza, e fraqueza do Reyno erão tão manifestas ao tempo da sua morte, que S. Alteza não o podia ignorar; mas não soube procurar, nem applicar-lhes os remedios necessarios; e n'uma palavra morreo inconsolavel deixando a Nação no mesmo estado.

SECÇÃO VII.

Sujeição de Portugal a ElRey Filipe II. de Castella: e historia daquelle Reyno sob o dominio dos Reys de Hespanha, até a feliz acclamação do Senhor Rey D. João IV.

Na Historia de Hespanha apontámos as acções do Duque d'Alva em Portugal, segundo o testemunho dos Escritores Hespanhoes, mas como elles não conformão em tudo com os Portuguezes, e a reducção de Portugal á obediencia de Hespanha, e a revolução que o livrou daquelle jugo, são succéssos importantes na Historia Moderna, terá o leitor razão de esperar de nós uma relação delles mais individuada. Trabalharemos pois nesta Secção por expender tão summaria, como imparcialmente o como D. Filipe II. de Castella annexou o Reyno de Portugal aos seus estados, com todas as Conquistas, que os Portuguezes tinhão no Oriente, na America, e Africa: os esforços, que o Prior do Crato fez por sustentar as suas pertenções; as maximas, que Filipe II. e seus Successores seguîrão no governo de Portugal, em quanto esteve debaixo do seu dominio; e em fim as verdadeiras causas, que obrigárão toda a Nação Portugueza a sacudir unanimemente o

que ella chamava *jugo de Castella;* e as circumstancias que concorrèrão para facilitar uma empreza tão arriscada, e a manter os Portuguezes na independencia, que gloriosamente adquirîrão com um esforço tão valoroso. Para expormos estas cousas com ordem luminosa, e conforme á traça, que damos á nossa Historia, soldaremos o fio della na morte do Cardeal Rey D. Henrique.

Morto este Soberano, entrárão a reger o Reyno os 5 Governadores, que elle nomeára, e a Duqueza de Bragança deixou os seus direitos ao arbitrio delles, instando-lhes, que dessem logo uma Sentença diffinitiva. (*s*) Escreveo-lhes tãobem elRey Filipe em defeza das suas pertensões, offerecendo de mais estar pelas condições, que o Cardeal Rey tinha proposto, e lhes enviou uma Copia do Memorial daquelle Principe. Além disto escreveo aos Fidalgos Principaes, e ás 5 Cidades mais notaveis do Reyno.

Os Governadores, de que tres erão seus parceaes, publicárão as Capitulações delRey de Castella, a saber, que juraria solemnemente guardar os foros, direitos, e privilegios dos Portuguezes: que não ajunctaria Cortes senão dentro de Portugal, e que dos negocios deste Reyno, senão poderia tratar em outra parte dos Estados de Hespanha: que o Vice-Rey de Portugal seria Portuguez, salvo se elRey nomeasse, para esse Cargo

(*s*) Faria e Sousa.

um Principe do seu Real Sangue: que todos os officios, e cargos antigos de Portugal, tanto os da Casa Real, como os demais do Reyno se conservarião no mesmo Estado; e os que respeitassem ao Governo, Justiça, Guerra, e Fazenda, não se darião senão a naturaes de Portugal, assim como só nelles se proverião as dignidades Ecclesiasticas, e as das Ordens Militares: que todo o Commercio da India, Guiné, e Brazil senão faria, salvo em navios Portuguezes: que aos Ecclesiasticos do Reyno se não levarião terças, subsidios, nem contribuição para ás cruzadas: que elRey não poderia dar Cidades, Reguengos, Jurisdicções, nem direitos Reaes senão a Portuguezes: que vagando bens da Coroa dados pelos Reys de Portugal, por morte de seus possuidores fallecidos sem successão não se devolverião para á Coroa, mas serião doados aos herdeiros mais proximos do ultimo possuidor, ou a outros Portuguezes, que por seus serviços os merecessem: que quando elRey viesse a Portugal, onde residiria o mais largo tempo, que lhe fosse possivel, não haverião outros direitos de aposentadoria, senão os que tinhão os Reys de Portugal, e não haveria a este respeito a pratica de Hespanha. Que elRey traria sempre comsigo um *Conselho chamado de Portugal*, composto de um Ecclesiastico, de um Contractador da Fazenda, um Secretario, hum Chanceler mór, dous Auditores, e quatro Escrivães todos Portuguezes, que despachassem os negocios de Portugal: que

este Reyno seria sempre distincto e separado dos mais de Hespanha, que as rendas delle se despenderião no seu interior: que todas as demandas se julgarião ahî em ultima instancia; que os Portuguezes entrarião no serviço das Casas d' ElRey e da Raynha de Castella; que se abolirião todos os direitos de entrada nas aduanas das fronteiras: que ElRey daria 300 mil crusados para resgate dos Captivos Portuguezes; e para remediar os que a peste, e outras desgraças reduzîra á indigencia. O Clero, e a Nobreza, erão pela aceitação destas condições: mas os Procuradores dos Povos rejeitavão-nas como quem entendia, que não havião de ser observadas por muito tempo. (*t*)

O Reyno de Portugal estava bem longe de poder de modo algum resistir ás armas de Filipe II: porque álèm do terrivel golpe, que recebèra dois annos antes em Africa, as secas extraordinarias tinhão consumido as novidades de fructos, e causado uma fome geral. A penuria dos viveres: os alimentos pouco saudaveis, e mercadorias infectas ateiárão a peste em Lisboa, donde se propagou por todo o Reyno. O cofre de reserva estava vasio, e quando se pedirão de emprestimo não mais que 100 mil cruzados aos mercadores, elles os não quizerão dar. Lisboa estava aberta por varias partes, e todas as fortalezas de Portugal faltas de presidios, e munições.

(*t*) Cabrera. Herrera. J. Anton. Viperani.

Mas ainda assim seria possivel defender o Reyno, se os Nobres se unissem, e o Povo se disposesse a obedecer, ou se aparecesse um Chefe capaz de guiar a uns e outros, e fazer com que a Nação obrasse com vigor, e fizesse gente para a guerra. A mayor parte dos Governadores estava vendida a elRey de Castella, ardendo em desejos de lhe trahirem a propria patria; mas não ousavão declarar-se, porque achavão, que a entrega não era tão facil como se lhes affigurou.

Todavia elles a fizerão, e o modo de a executar nada menos foi que honroso; porque andárão visitando os armazens de donde tirárão a polvora, e mandárão misturar areia na pouca, que deixavão: nomeárão um Enviado para ir pedir soccorro a elRey de França, o qual sabião, que não podia chegar a tempo; separárão as Cortes logo, que vîrão que os seus Membros querião obrar como Delegados de um Povo livre; e dando mostras de confiança despachárão para os Governos das Fronteiras os Fidalgos, que lhes éraõ suspeitos. (*x*) E exaqui como a esperança de proveitos, de que seus herdeiros nunca gozárão, os obrigava a fazer sacrificio infame da honra, da liberdade, e do bem da sua Patria.

Era quasi meado Junho, quando o Duque d'Alva entrou por ordem delRey Filipe II. em

(*z*) Faria e Sousa. Cabrera. Conestagio dell' unione del Regno di Portugallo alla Corona de Castiglia.

Portugal, na frente de 20 mil homens. Elvas, Olivença, Serpa, Moura, Portalegre, Estremoz, e outras praças, rendèrão-se sem resistencia algũa, porque havia nellas gente do partido de Castella prestes a obrigar os Governadores a darem-se aos Castelhanos. (*y*) O Povo accusava os 5 Governadores do Reyno desta culpa, e de querer entregar o Reyno a Filipe II: e D. Antonio aproveitando-se deste descontentamento geral, resolveo usar da occasião de um forte, que se havia de levantar em Santarem, para se fazer acclamar Rey de Portugal.

Effeituouse o seu projecto, declarando-se por elle a plebe, que obrigou mũitos Fidalgos a serem testemunhas desta acclamação. Mas como o Prior do Crato era falto de prudencia, ainda que o não fosse de erudições, deixouse levar tanto da ambição de reynar, que não tomou tempo para ordenar bem as suas cousas, mas fundava todas as suas esperanças em uma eleição tumultuosa, que os Nobres desaprovárão, retirandose a suas casas, e declarando-se contra elle logo que tiverão liberdade de o fazer: (*z*) e tão desemparado foi de todos, que só o acompanhava o Conde de Vimioso, apezar de ser bem quisto do povo, e ter os Religiosos tanto a seu favor, que foi acclamado em todos os lugares, que demórão ao Norte do Tejo.

(*y*) Herrera. Fr. Dias Vargas. Viperani. Campani. Ferreras.

(*z*) Faria e Sousa. Conestaggio. Mayerne Turquet.

O Prior do Crato marchou logo para Lisboa, onde foi recebido dos moradores, que ahî se achavão, porque os mercadores ricos andavão por fora fugindo da peste, e as justiças de Lisboa tãobem se retirárão, ouvindo a nova da sua chegada. (*a*) De Lisboa enviou D. Antonio o Conde de Vimioso a Setuval, que se declarou em seu favor, e os Regentes fugindo dali a toda pressa, derão sentença por Filipe II. de Castella, declarando-o Rey de Portugal conforme as leis, quando elle estava proximo a sèlo por meyo da força de suas armas. (*b*)

D. Antonio, que estava Senhor da Capital, entregouse dos arsenaes e armazens; nomeou novos Magistrados, Officiaes de Justiça, e Ministros; mas como os escolhia entre gente nova, sem experiencia, e prompta a executar rigorosamente todas as suas ordens, entrárão logo a brotar as violencias, roubos, e toda sorte de desordens. Mandou fazer grandes offerecimentos ao Duque de Bragança, ao Marquez de Villa-Real, e a outros Senhores: escreveo aos Fidalgos tãobem, mas poucos o quizerão reconhecer. (*c*) Não se desanimando porèm com estes obstaculos, para se pòr em melhores termos de defeza enviou á França o Consul dos Francezes, para lhe conduzir 10 mil homens: apoderouse das joyas da Coroa, do di-

(*a*) Cabrera. Herrera. Faria.
(*b*) Os mesmos. Campana. Ferreras.
(*c*) Conestagio, de Vargas.

nheiro do resgate dos Captivos, da prata das Igrejas, dos depositos, que havia nos Conventos, e do dinheiro das obras pias; e em fim, não se descuidou de meyo algum dos de haver ás mãos dinheiro para assoldadar gente, que o servisse. E cuidando que acharia Soldados entre a gente plebea; como vio, que a dos campos os não podia deixar para fazerem uma Campanha, nem era possivel tellos juntos por mais de um dia, armou os escravos pretos de Lisboa, e mandou publicar, que daria liberdade a todos os que tomassem armas por elle. (*d*)

Disto nascèrão logo mil desordens, porque os pretos tomavão as armas que achavão, roubavão cavallos, e lançavão mão de tudo o que lhes cumpria: e ainda assim com esta cafila de gente levantada á pressa, e mal armada, quiz D. Antonio defender a passagem do Tejo contra o Duque d'Alva.

Este General, a quem os de Setuval entregárão a Villa, e se havião rendido o Algarve com as terras, que ficão ao Sul do Tejo, marchou a passar este rio, e o travessou sem difficuldade em Cascaes, nas galés de Hespanha. Cascaes, e a fortaleza de S. Gião renderão-se-lhe: Cabeça seca ficou deserta: e o Duque endireitou para Alcantara, onde o Prior do Crato campava com a sua gente, sem Capitães, que a mandassem,

(*d*) Veperani. Ferreras.

nem Soldados que soubessem obedecer. (e) Pelo que o seu Exercito inferior ao do Duque a tantos respeitos, foi de todo desbaratado aos 25 de Agosto.

Os Hespanhoes seguirão o inimigo posto em fugida, até Lisboa, que se entregou por Capitulação, e escapou assim de ser roubada: (f) mas os arrabaldes, que erão mayores, e mais nobres, que a Cidade, com os lugares, e aldeas adjacentes forão saqueados por alguns dias, com grande desprazer d' ElRey D. Filipe, o qual dezejára que a sua tropa, levando diverso teor da de D. Antonio, lhe fizesse honra: mas em vez della teve o desgosto, que lhe causou a violencia, com que se portárão os Soldados Hespanhoes.

D. Antonio, quando os seus começárão a desbaratar-se passou a Lisboa, donde sem se deter a curar as feridas, caminhou a Santarem, e dahî a Coimbra. Aqui ajunctou outra vez 4 ou 5 mil homens, com quem foi derrotado por Sancho d'Avila, ao qual indo em caminho mandarão prestar obediencia, Coimbra, Montemor, e Aveiro. Este Capitão atravessando o Douro, se fez Senhor do Porto, donde o Prior sahio logo, e tomando a estrada de Viana, por que se vio mũi acossado de um destacamento de Caval-

(e) Faria. Campana.
(f) Conestaggio. Faria. Herrera, &c.

laria Castelhana, embarcou-se para se retirar á França.

E porque não pode sahir com vento contrario e mao tempo, os Hespanhoes lhe forão combater o navio em que estava, de sorte, que o obrigarão a disfarçar-se, e a metter-se em um esquife, no qual passou á outra margem do rio á vista do destacamento de Cavallaria, e teve a felicidade de escapar, e poder estar occulto no Reyno. Promettêraõ 80 mil cruzados a quem o entregasse, mas tudo quanto se fez pelo colherem foi baldado; passando elle mais de uma vez por entre quem o buscava para o prender, com a fortuna de não ser reconhecido. Alguns dos que o acompanhavão, e ainda criados seus, forão prezos em Lisboa, onde vinhão comprar o necessario para o seu embarque; os quaes sofrèrão morte sem descobrir o lugar, onde seu amo estava occulto.

D. Antonio andou assim em Portugal desde Outubro de 1580 até o mez de Julho do anno seguinte: foi a todos os portos por ver se podia achar embarcação em algum delles, e esteve em Lisboa ao mesmo tempo em que ahî se achou El-Rey D. Filipe; mas não podendo embarcar por serem prezos os seus criados, passou a Setuval, onde se metteo a bordo de um navio com doze amigos seus os mais fieis, e foi desembarcar a Calais. (g)

(g) Daniel. Faria. Ferreras.

Depois da sua retirada, todo o Reyno se sujeitou a ElRey de Hespanha, reconhecendo-o por Soberano; e o mesmo fizérão as praças Portuguezas de Africa, as de Guiné, do Brazil, da India Oriental, com a Ilha de S. Miguel; mas as outras ilhas tivérão a voz de D. Antonio até que forão obrigados a dar o collo ao jugo, quando virão desbaratada a Esquadra Franceza, que ia em seu soccorro. (*h*)

ElRey D. Filipe não se quiz mostrar em Portugal como conquistador, de sorte que não veio ao Reyno senão quando esteve pacifico Senhor de todo elle. Então passou a Elvas onde abolio os direitos de entrada, que pagavão todos os generos, que se sacavão de um Reyno para o outro, e montavão por anno a 150 mil cruzados: e entrou em Lisboa com uma pompa triste, e sem vivas. (*i*) Aqui mandou convocar os Tres Estados do Reyno, para se junctarem em Thomar no mez de Abril, e perante elles confirmou as Capitulações, que offerecèra, e só não quiz ratificar a promessa, que o Duque do Ossuna fez em seu nome, e era, que ElRey Catholico faria uma Lei na qual se determinasse, que quebrando S. M. as Capitulações, que jurára, os povos de Portugal ficarião soltos do juramento de fidelidade, e

(*h*) Faria. Conestaggio.

(*i*) Faria. Mayerne. Entrada de D. Filipe II. em Portugal por Isidoro Velasques. Successi di Portugalo da Ortense.

com o direito de defender á força darmas os seus privilegios, sem incorrèrem a infamia de perjuros, nem o crime de trahição.

ElRey tentou, mas com pouco succeso, fazer com que os Portuguezes gostassem do seu governo, e foi tão liberal de honras, e mercès, que os Hespanhoes dizião, que elle sobre os outros titulos porque era Rey de Portugal, accumulára o da compra. (*k*) Deste modo quiz grangear o amor dos Portuguezes á sua familia, sem o conseguir; antes deo causa a um effeito não previsto deste Principe, que sabia antever os futuros; e foi enfraquecer o seu poder; exhaurir as rendas da Coroa, e fazer de Portugal uma provincia onerosa aos outros seus Estados: e impossibilitando os seus Successores para serem igualmente liberaes, inspirou um reconhecimento momentaneo a poucos individuos, e deixou infinitos malcontentes, cujo numero engrossou com a successão dos annos.

Os Historiadores Portuguezes dizem, que ElRey fez poucas mercès á Casa de Bragança, os Hespanhoes, que fez muitas, e sobejas. Mas uns e outros contestão, que a Duqueza não ficou contente, e que o Duque, e seu filho prestárão a ElRey juramento de fidelidade.

Referem os Portuguezes que ElRey Filipe lhe promettèra o Reyno do Algarve, e faculdade de

(*k*) Campana. Cabreta. Herrera.

mandar todos os annos um navio mercante á India, mas que lhe faltou a estas promessas. Se assim he, deo ElRey forças aos direitos da Casa de Bragança, visto que tratou com ella, para lhe não fazer opposição, e faltando em lhos compensar como promettèra, deixou-os subsistir taes, e quaes erão antes da transacção. (*l*) Aqui tão-bem falhou a sua politica, porque querendo suprir com grandes distinções áquillo, com que faltou na devida compensação, distinguio muito a Casa de Bragança, confirmando-a assim no conceito que tinha da sua justiça; e o que della formavão as pessoas mais prudentes da Nação. El-Rey tinha seus designios, mas estorvarão-lhos os incidentes, e teve alias outras difficuldades, que vencer.

Os Trez Estados representárão a S. M. as circunstancias em que a Nação estava, e lhe pedirão; que mandasse seu filho para se criar em Portugal; que fizesse retirar das fortalezas e praças as guarnições Castelhanas, e Italianas, que nellas poséra: que extinguisse certos tributos; e conservasse Portugal independente de Castella; que ordenasse certas cousas a bem da administração da Justiça; dos quaes Artigos S. M. concedeo os menos importantes, e recusou satisfazer aos que erão mais. (*m*)

(*l*) Faria e Sousa. Conestaggio.
(*m*) Cabrera. Mayerne Turquet. Faria e Sousa.

Os Nobres, que nunca se havião opposto aos interesses d'ElRey Catholico, (*) tinhão para si que elle lhes não devia negar cousa algũa, e por seus deputados lhe requerèrão a jurisdicção sobre os seus Vassallos, e que os officiaes mayores do Reyno se provessem nas pessoas daquella classe sómente; que S. M. não desse Cartas de Nobreza se não por premio de grandes serviços a qual Nobreza em taes casos fosse pessoal, e vitalicia, não já hereditaria.

Estes Artigos, e outros taes forão rejeitados; pelo que os Fidalgos se arrependèrão de não terse unido para resistirem a ElRey, até que elle lhes concedesse o que pertendião. Antes de se separárem as Cortes publicou-se uma amnistia, mas tão limitada, que não merecia este nome; ficando excluidas do perdão 52 pessoas das mais distinctas, e todos os Religiosos; todos os do partido do Prior do Crato, e qualquer, que delle houvesse recebido titulo, dignidade, gratificação, ou officio; os quaes erão por esta Lei declarados incapazes de possuir os cargos que tivessem, ou entrar a servir algum; de sorte que os Portu-

(*) Por honra da innocencia devemos declarar aqui que nem todos forão infieis á Patria, e á Casa de Bragança: Manoel de Faria e Sousa traz na Europa Portugueza um Catalogo dos que a vendèrão a ElRey de Hespanha, e he bem que se conserve para distinção entre os bons, e maos.

guezes dizião, que ElRey não perdoava senão a quem lhe não errára, e andavão mũi irritados de verem fallidas as suas esperanças a este respeito.

Todas as tentativas que se fizerão para generalisar mais a amnistia forão inuteis; e ás pessoas exceptuadas nella citadas, e processadas: muitos Fidalgos, e homens d'outra sorte presos, punidos capitalmente; tratados com extremos de rigor, ou mandados levar presos a Hespanha; não se perdoando nem a mulheres cujos bens se confiscavão, sendo algũas dellas encarceradas, outras tiradas dos Conventos, e levadas a Castella. Os Religiosos, e outros Ecclesiasticos forão ainda mais maltratados, por que se deo a morte a grande numero delles, sem mencionar-mos os que morrèrão nas prisões pelo mao trato, que nellas tinhão; tanto assim que ElRey por escrupulos de consciencia alançou do Papa um breve de absolvição da morte de dous mil Religiosos, que elle mandara matar por varios modos.

Destes trazião os pescadores do Téjo mũitos cadaveres nas redes, vestidos ainda em seus habitos; e imaginando que o rio estava escomungado não querião alimentar-se do peixe, nem continuar no seu exercicio até que o Arcebispo de Lisboa respeitando á sua simplicidade, foi solemnemente ao rio, e com as Ceremonias ordinarias levantou a excomunhão, e o absolveo

della. (*) ElRey demorou-se em Portugal mais tempo do que cuidava; e quando se retirou, fez Vice-Rey delle ao Cardeal Alberto, com um Conselho composto de Portuguezes, e todas as exterioridades do poder, mas realmente sem a sua confiança, e com menos authoridade: e exaqui como desde o seu Reynado se lançárão as sementes de um desgosto universal. (*n*)

Quanto ao Prior do Crato, que fora acclamado Rey de Portugal, e assim se intitulava; á primeira retirou-se para França, onde negociava soccorros pará vir cobrar os seus Estados; e achou ali tal favor, que póde tentar uma expedição ás Ilhas Terceiras, com uma frota de 60 velas, em que levou grosso numero de gente de desembarque. Mas foi vencido dos Hespanhoes, os quaes tratárão como Corsarios a grande copia de presioneiros, que fizerão, mandando degolar os Fidalgos, e Nobres; e enforcar os de menos sorte. Todavia D. Antonio ficou Senhor de alguns lugares, mandou lavrar moeda, e fez outros actos de soberania, até que em fim se vio obrigado a

(*) Um dos Religiosos perseguidos foi o celebre Heitor Pinto, que em duas amnistias, que se publicárão ficou de fóra, tanto era o odio, que se lhe tinha, e em fim veio a fallecer em Hespanha, e cre-se que de veneno, que lhe dérão. V. as amnistias, que se publicarão então.

(*n*) Campana. Herrera. Conestaggio. Cabrera.

retirar-se, o que executou com trabalho, acolhendo-se para França. (*o*)

Dali passou a Inglaterra, onde foi bem recebido, e muitas pessoas armárão navios para andarem a corso dos Hespanhoes, com cartas de marca deste Principe. Depois quando Filipe II. arruinou as marinhas de Portugal e Hespanha para esquipar a *Armada invencivel*, a Raynha Isabel não teve difficuldade em reconhecer o Prior do Crato, e dar-lhe auxilio, enviando os Cavalheiros Norris, e Drake com uma boa armada para o restituirem ao Throno de Portugal. (*p*) Então he que D. Antonio mandou seu filho D. Christovão em refens a Muley Hamet Rey de Fez e Marrocos, que lhe havia de emprestar duzentos mil cruzados. Mas ElRey Filipe reparou este golpe, restituindo ao Mouro a praça de Arzila: de sorte que este desvio, com o máo successo da empresa contra a Corunha, e as desavenças entre Norris, e Drake, frustárão esta expedição, a qual não fundio coisa notavel, senão trazer a armada peste a Inglaterra. (*q*) Aqui se demorou D. Antonio mais algum tempo, até que entendendo, que o tinhão em pouco, voltou á França, onde cahindo em miseria veyo a morrer de idade

(*o*) Faria. Francisco Dias Vargas. Ferreras.

(*p*) Cabrera. Herreras. Cambedeni Annales Elisabeth.

(*q*) Os mesmos Authores. Faria e Sousa. e Vargas.

de 64 annos, e foi sepultado na Igreja da *Ave Maria* lavrando-se-lhe na campa um epitaphio, que lhe dá o titulo de Rey. (*r*)

Este Principe deixou varios filhos, que se reputarão bastardos por seu pai ser Cavalleiro de Malta, em cuja Ordem fizéra voto de Castidade. Até a sua morte conservou sempre grande credito em Portugal, donde se lhe enviou grosso cabedal, que elle despendeo em negociações inuteis, e emprezas estereis, para inquietar todos os Estados d' ElRey Filipe, e principalmente os das Indias, onde os Portuguezes tinhão senão mayor aversão ao jugo de Hespanha, ao menos mais manifesta, que os seus compatriotas na Europa. (*s*)

D. Antonio não foi o unico pretensor ao Reyno de Portugal. Os povos de Portugal tanto por amor a seu Principe, como em odio dos Hespanhoes, se lisongeavão sempre com a esperança de ver tornar D. Sebastião, e livrallos da sujeição a Hespanha: e tal era a sua credulidade a este respeito, que andava como em proverbio, que elles receberião um negro por D. Sebastião. Daqui se causou, que o filho de um pedreiro de Alcobaça o qual de mũi dissoluto que era se tornára hermitão, fingisse ser ElRey D. Sebastião, trazendo comsigo dois companheiros e chamando a

(*r*) Mem. d' Amelot de la Houssaye t. 1. f. 117. Mayerne Turquet. Daniel, Maseray.

(*s*) Faria e Sousa.

hum delles D. Christovão de Tavora, ao outro Bispo da Guarda. Todos estes embusteiros andárão recolhendo dinheiro pelo Reyno, e chegarião a inquietallo, se o Archiduque, prendendo-se o chamado D. Sebastião, o não mandasse açoitar pelas ruas de Lisboa, e degradar ás galés por toda a vida: e enforcar o que se dizia Bispo da Guarda. (*t*)

Passado algum tempo um Gonsalo Alvares filho de outro pedreiro entrou a intitular-se D. Sebastião, e dando palavra de casamento á filha de Pedro Afonso Almoxarife rico, a quem fez Conde de Torres Novas, ajunctou até oitocentos homens, que o seguião; e o defendèrão á custa do seu sangue, e dos que o querião prender: até que em fim se manifestou, que era um embusteiro, e elle com seu futuro sogro forão enforcados em Lisboa. (*u*)

Quasi vinte annos depois da batalha de Alcacere appareceo em Veneza um homem, que fez grande rumor; porque com o nome de D. Sebastião dava exacta noticia do que fizera, desde a funesta derrota de Africa, dizendo que salvára a vida, e liberdade occultando-se debaixo de uma barda de cadaveres; e que depois de

(*t*) La Clede t. 2. f. 170. O outro do Supplemento de Maris, refere ser o tal embusteiro filho de um Conteiro da Batalha v. pag. 527. edição de 1672, e onde diz *Conteiro* cuido se ha da ler *Couteiro*, talvez antes Canteiro.

(*u*) O mesmo Autor.

andar errante, disfarçado em Mouro, voltára com dois amigos ao Algarve, donde participou a sua chegada ao Cardeal Rey D. Henrique: e vendo que este o mandava matar, não querendo elle alterar a paz do Reyno, voltára para Africa, onde em habito de penitente peregrinou de lugar em lugar, até que passado a Sicilia, e vivendo ali retirado em um ermo, se resolveo a passar a Roma e descobrir-se ao Papa: e porque os seus criados o roubárão no caminho, tomou o de Veneza, onde chegára quasi nu, e foi reconhecido de varios Portuguezes. Mas fazendo-se queixa deste homem ao Senado, foi-lhe necessario sahir para Padua, donde o Governador o mandou despejar, obrigando-o assim a tornar a Veneza.

O Embaixador de Hespanha accusou este sujeito de imposturas, e crimes atrozes, desorte que a seu requerimento foi preso, e mettido num calhabouço, donde vinte, e outo vezes foi trazido ante o Senado, e ahî se justificou não só dos crimes, que lhe assacavão, mas deu uma conta tão circunstanciada dos diversos negocios secretos, que por seus Embaixadores tratára com a Republica, que causou grande espanto aos Juizes da Commissão, e os dispoz a não o declararem por embusteiro, movidos principalmente da sua seguridade, grande modestia, moderação, religião, e da admiravel paciencia com que supportava a sua desgraça. (*x*)

(*x*) La Clede t. 2. f. 162. &c.

O boato deste negocio derramouse por toda a Europa, e os inimigos d' Hespanha procurárão des acreditallo universalmente. Mas o Senado de Veneza não quiz discutir se aquelle homem era, ou não embusteiro, salvo se fosse requerido pelos Reys e Principes Christãos. Nestes termos o Principe de Orange enviou a Veneza D. Christovão filho do Prior do Crato, a rogar ao Senado, que averiguasse aquelle negocio tão extraordinario; e o Senado assim o executou pelo modo mais solemne, sem todavia decidir cousa algũa; senão dar liberdade ao tal D. Sebastião, e mandar-lhe, que sahisse dentro de trez dias das terras da Senhoria. (y) Os amigos desta personagem derão-lhe sahida para Padua vestindo-o de frade; e passando elle de Padua a Florença, o Grão Duque o mandou prender, e entregar ao Vice-Rey de Napoles, que então era o Conde de Lemos, ante quem o prezo compareceo, e lhe dice, que o Conde devia conhecello mũito bem, porque duas vezes o tratára como Embaixador d'ElRey Filipe seu Tio. (z)

Este homem esteve prezo mũitos annos em Napoles no Castello do Ovo, e dahi no Castello novo, onde depois da morte do Conde de Lemos sofreo todos os máos tratamentos, e em fim foi açoitado pelas ruas com pregão que o dava a co-

(y) Grinstone's continuation of. Mayerne Turquet.
(z) La Clede t. 2. f. 165.

nhecer por um embusteiro, que se intitulava D. Sebastião Rey de Portugal; ao que elle respondia "Sim eu o sou:" e quando o Porteiro dizia que era natual de Calabria, replicava elle, "Isso he falso." Passada esta afronta, foi levado como galeote a S. Lucar, em cujo Castello o tiverão presog alum tempo, e dahî conduzido ao Sertão de Castella, onde o encerrárão de sorte, que não houve mais novas delle. (*a*)

Em Lisboa forão justiçados alguns, que tentarão levantar bando por elle: mas julgou-se politica extravagante, ou antes grande erro de politica dos Hespanhoes divulgarem tanto este caso sem poderem convencer o preso de falsidade; e teve-se por grande ridicularia allegarem elles em falta de prova, para o condemnarem, que o criminado era Magico. O mais notavel he que Manoel de Faria e Sousa historiador sincero, e pontual, que falla com indignação dos outros impostores, guarda alto silencio á cerca deste homem, cujo successo extraordinario em si, e tão cosido com a Historia de Portugal julgamos mais conveniente narrar aqui antecipadamente, por evitar repetições, e para que os casos analogos servissem para se illustrarem reciprocamente. (*)

(*a*) La Clede t. 2. f. 170.

(*) Além dos referidos appareceo outro fingido D. Sebastião em Castella, que era Gabriel d' Espinosa pastelleiro do Madrigal, que tãobem foi morto por justiça.

O modo, porque se governavão as cousas de Portugal, durante o Reynado de Filipe II. foi sem duvida prejudicial á Nação, com quanto não consta, que ElRey fosse mal intencionado a respeito della, senão que se enganou. Os prodigiosos aprestos, que S. M. fez para invadir Inglaterra, empobrecèrão todos seus Estados d'Europa, e enseccárão de todo as forças de Portugal. As pretensões do Prior do Crato, e a esperança de tomar as frotas da India, exposérão os Portuguezes ás hostilidades da Nação Ingleza, e ainda que ElRey lhes desse todas as terras da Coroa, não terião os naturaes de Portugal forças bastantes a se defenderem. Daqui se originárão grandes queixas, que elles formavão do governo, posto que em parte sem fundamento.

ElRey por abrandallos pedio dinheiro emprestado aos Nobres, hypothecando-lhe a renda das Alfandegas, unico recurso, que lhe restava, e teve depois mũito más consequencias, vindo a fazer-se hereditarios os direitos assim penhorados, desorte que os negociantes ficárão opprimidos, e ElRey ficou sem nada. E faltando em fim este remedio, impoz-se sobre os navios o imposto de 3 por cento para defeza das Costas, e do Commercio, o qual se applicou por alguns annos mũi pontualmente, mas depois, confundindo-se com as rendas da Coroa, entrou misticamente para os cofres dellas, desviando-se do seu fim primario.

Pelo mesmo modo se descaminhárão das suas primitivas applicações outros ramos de contribuições, quaes erão a destinada para o reparo das fortificações cobrada com todo o rigor, ao mesmo tempo que as praças se îão derruindo, e arrasando; a que se tirava para manutenção dos lugares de Africa, cujos presidios se îão gastando, e as forças perdendo-se indefezas. Em fim no espaço de 18 annos achárão-se os Portuguezes visivelmente pobres, e toda via o reynado de Filipe II. foi sem comparação melhor, que o de seus Successores, e tanto. que depois fez saudades, e os Portuguezes se vîrão obrigados a confessar, que elle foi o menos máo dos seus tyrannos. (*b*) Triste consolação! (*c*)

(*b*) Grimstone. La Clede.

(*c*) Já noutra parte apontámos, que ElRey Filipe II. de Hespanha tratou os Portuguezes melhor do que nenhum dos seus Successores; e assim o contestão os Hespanhoes, e os Escritores de Portugal. Mas estes dizem, que ElRey obrava assim por politica, e que elle foi o verdadeiro Author dos males, que a Nação sofreo depois. Para o provarem allégão com uma Memoria, ou Regimento traçado segundo as direcções de um seu Ministro, que ElRey deixou a seu filho Filipe III., e contém maximas de estado de que elle, nem o filho, nem o neto se apartárão já mais. O certo he, que Filipe II. deixou ao seu herdeiro um testamento politico, que uns louvão, e outros reprehendem: mas he opinião geral, que este monumento ainda se conserva como Filipe II. o escreveo, e que nelle se lê a respeito de Portugal, que este Reyno era a unica Conquista, que lhe restava,

Filippe III. seu filho, e II. deste nome em Portugal reynou vinte annos, antes que viesse a

restava, de quantas emprendèra á custa de 594 milhões de cruzados despendidos em menos de 33 annos, e que ainda senão dava por seguro della. Tãobem he certo, que por fim falla ElRey de certos papeis guardados em um Escritorio, de que Christovão de Moura tinha a chave, e encarrega ao filho, que tome logo conta delles, para que não cheguem a outras mãos, e pode ser, que a Memoria de que tratamos fosse um dos taes papeis. Vamos ao que ella contém.

Começa ElRey Filipe esta instrucção dizendo, que era absolutamente necessario sojugar de todo o Reyno de Portugal, e expôem logo os grandes proes, que disso havião de resultar: e que para o conseguir em vez de opprimir os Portuguezes com impostos, e subsidios, conviria outorgarlhes todos os privilegias e mercês, que elles pedissem, darlhes pouco e pouco Juizes, e Magistrados Hespanhoes, acariar a Nobreza, trazella a Madrid, e mandalla servir em Italia, Alemanha, e Flandres.

Que depois de se grangear com estas artes o animo dos povos, seria conveniente fumentar dissensões entre as familias principaes, e ter sempre os olhos no Duque de Bragança, e nos Senhores desta Familia, espreitando azos favoraveis de ir pouco, e pouco destruindo pelos alicerces os seus privilegios, e que dada ou procurada qualquer occasião, ou pretexto, se havia de prender o Duque e a sua familia, confiscar-lhes os bens, e depois de temperar os povos com algum expediente suave e brando, se devião abolir todos os vestigios de um governo separado, e fazer de Portugal senaõ no nome, ao menos na substancia uma Provincia de Castella.

No em tanto mandava, que se desse sempre o Vice-Reynado de Portugal a algum Principe, ou Princeza da

este Reyno, e o povo por lhe mostrar o quanto a apparição de Sol contribue para dissipar os toldados nevoeiros, fez immensas despezas no seu recebimento; e toda a recompensa que por isso teve, foi dizer ElRey, que antes de entrar em Lisboa nunca formára justo conceito da sua grandeza. Este Monarcha celebrou Cortes, onde seu filho foi jurado Successor á Coroa deste Reyno, e concluido tudo quanto quiz fazer a seu beneficio, formou um errado conceito das riquezas de Portugal avaliando-as pela fastosa, e extravagante ostentação, que dellas se fez no pouco tempo que esteve em Lisboa.

E tendo-se mostrado pouco aos Portuguezes, e feito ainda menos, voltou para Hespanha; mas á hora da morte houve-se como bom Rey, mostrando muito arrependimento de não ter satisfeito, como devia, ás obrigações do seu officio. (*d*) Os Reynados de Filipe III., e Filipe IV. forão uma serie de direcções mal entendidas, e de effeitos, e successos ainda peyores, com que todos os seus

Familia Real de Hespanha, cujos Ministros sómente soubessem os segredos do Governo. Que havendo Portuguezes de quem se podesse fiar, bom seria servir-se delles, expondo-os assim ao odio de seus naturaes, com quem lhes tolherião todas as intelligencias, estorvando, que podessem nellas ter a menor utilidade. Taes erão as Lições do Salomão de Hespanha. (La Clede t. 2. f. 392. 393.)

(*d*) Cespedes Historia d' ElRey Filipe III.

Estados padecèrão mũito, e mais que todos Portugal. A perda de Ormũz no Oriente, a do Brazil na America, e o naufragio da Armada, que îa comboyar a de Goa, abatèrão os Portuguezes de sorte, que o Conde Duque se lisongeou de podellos então sojugar inteiramente. Mas nos não damos aqui senão o summario dos successos de 40 annos; porque narrallos individuadamente, seria fazer um relatorio das infracções, com que os Ministros de Hespanha violárão as Capitulações concordadas entre os Povos de Portugal, e ElRey Filipe II., as quaes erão o contracto originario, e fundamental constituição de Portugal, em quanto reconhecesse por Soberanos os Reys de Castella. O qual todavia foi tantas vezes infringido, e violado com tal despejo, que se póde dizer, que elles sobre pensado provocavão a justiça Divina, e insultavão a paciencia dos homens, em vez de se aproveitarem como podião fazer, das riquezas, valor, e poder dos Portuguezes.

Mas já que proferimos uma accusação tão grave, damo-nos por obrigados a proválla, e assim o faremos pelo modo mais claro, e conciso, que nos for possivel: e desempenhada a nossa palavra, já não causará admiração, que, (exceptos alguns Fidalgos tão viz, que se davão por contentes de ser grandes, quando os seus compatriotas gemião no abatimento) os Portuguezes todos se unissem com tanto zelo, e fizessem tão valorosos esforços, para sacudir um jugo, que já

os fizera miseraveis, e que no fim de alguns annos mais, os converteria em um bando de escravos desprezivcis. (*e*)

A base, e fundamento de seus privilegios era, que o Reyno permanecesse separado, e independente, e que por consequencia fosse Lisboa sempre a Capital onde residissem os Conselhos, e Tribunaes Superiores, de modo, que aos Portuguezes não fosse necessario viajarem fóra do Reyno, para alcançarem justiça. Mas este Artigo observou-se tão pouco tempo, que ninguem conseguia accesso, ou adiantamento, nem cumprimento de justiça sem caminhar a Madrid, que era juntamente a Capital de Castella, e a de Portugal.

As Cortes devião, segundo as convenções, ajuntar-se com frequencia ; mas no espaço de sessenta annos sós tres vezes forão convocadas, e duas dellas nos tres primeiros annos deste periodo. ElRey era obrigado a residir em Portugal o mais do tempo, que lhe fosse possivel, e todavia Filipe II. não veyo a este Reyno senão uma unica vez : Filipe III. esteve em Portugal tres mezes, e Filipe IV. nunca entrou neste Reyno ; e por todos estes tres Reynados estiverão supprimidos os Officios da Casa Real.

O Vice-Rey havia de ser Portuguez, ou um

(*e*) La Clede l. 26. Cespedes Historia de D. Filipe IV. Faria e Sousa.

Principe, ou Princeza de Sangue Real de Hespanha, mas todas as vezes, que este Cargo era provido em personagem daquella condição, um Mininistro Hespanhol tinha toda a authoridade delle, como se vio quando a Duqueza de Mantua foi Vice-Raynha assistir o Marquez de la Puebla a todos os Conselhos, e ver todos os despachos, não podendo a Duqueza fazer cousa algũa antes de o consultar.

O Conselho de Estado, que devia ser composto de Portuguezes, encheo-se logo de Hespanhoes, e tãobem forão Hespanholas, a pesar das convensões em contrario, as guarnições, e presidios das forças do Reyno. Os Corregedores havião de ser Portuguezes, mas ElRey eludio este Artigo reservando para si este officio. Só aos Portuguezes se havião de dar as Cidades, Villas, e terras da Coroa, mas o Duque de Lerma era Senhor de Béja, Serpa, e outras propriedades da Coroa, que noutro tempo forão do patrimonio dos Principes, e Infantes de Portugal.

Os Portuguezes sómente devião occupar os Cargos da Justiça, e Fazenda, e todos os mais Civîs, ou Militares; e todavia estes se davão indifferentemente aos Nacionaes, ou Estrangeiros, quando não erão vendidos aos lanços, até as Alcaidarias, e Capitanias, ou governos dos Castellos, Cidades, e Provincias. Os naturaes de Portugal estavão tão longe de serem iguaes nas esperanças de providento a outros quaesquer Estran-

geiros, que antes erão excluidos dos empregos Civis, e raras vezes conseguirão as mayores patentes militares, e se isto talvez acontecia, concorrendo algum cujo abalisado merecimento senão podesse eludir, era desviado, ou não lhe consentião o exercicio do seu cargo, como se vio no Marquez de Marialva, e outros. A fórma dos procedimentos, a Jurisdicção, os Secretarios, e os Ministros, e tudo em fim, que respeitava ao Conselho de Portugal, tomou nova fórma, desorte que de cinco pessoas que o compunhão se limitou a tres, logo a duas, e em fim parou em uma unica. (*f*)

No tocante ao Commercio Portuguez fizerão-se outras tantas mudanças, cujas consequencias forão ainda mais fataes, e principalmente ao povo em geral. Tinha-se promettido aos Portuguezes, que haveria sempre uma Armada de Guarda Costa, que protegesse a liberdade do Commercio, e que sendo necessario se esforçaria com baixeis Castelhanos, mas em vez de se lhes guardar a palavra, a frota Portugueza andou sempre occupada por outros rumos, arruinando-se no serviço de Hespanha; e quando o seu Almeirante concorria com o das Armadas Hespanholas, figurava sempre como seu subordinado.

Os Portuguezes não tinhão frotas, nem Galés, que escoltassem os seus navios mercantis, ou lhes

(*f*) La Clede ubi sup.

defendessem os Portos, e Costas do Reyno; desorte que os mares andavão qualhados de Corsarios; os Mouros fazião desembarques para roubarem, a navegação era perigosa, e o Commercio ia declinando palpavelmente. Diminuio-se o numero dos navios da India, e por 20, que dantes navegavão para lá, de que talvez se perdia um, apenas seguião alguns aquella derrota, tão mal esquipados, que de ordinario se perdia ametade, ou erão tomados pelos Piratas á entrada dos Portos: de sorte que em quanto Portugal esteve sujeito a Castella perdeo além de outros navios duzentos Galeões do mayor porte. (g)

Se em Lisboa se construîa algum baixel formoso, passavão-no logo á Esquadra Hespanhola, desgostando nisto os Portuguezes, e tirando-lhes o dezejo de lavrarem outro igual. Os Arsenaes de Portugal estavão vazios, sem Armas de sorte algũa; porque se levárão para Hespanha mais de 2 mil Canhões de bronze, e infinitos de ferro; de sorte que se virão á uma junctos na praça mayor de Sevilha duzentas peças d'artilharia, com as Armas de Portugal. Não se facultavaaos Portuguezes o trato da America, posto que lhes derão esperanças de terem parte nelle; ao mesmo tempo que se permittia aos Flamengos commerciarem nas Conquistas Portuguezas. Mas o que prova bem o pouco, que á Corte de Madrid importava o Commercio de Portugal, he, que

(g) O mesmo Autor. Cespedes.

as tregoas, que ella fez com Hollanda, não abrangião senão os Povos que demorárão dentro da Raya, que deslindava a navegação de Portugal, da de Castella; como se a sinte quizessem as gentes fazer, com que as das Conquistas de Portugal no Brazil, Guiné, e no Oriente senão aproveitassem da cessação das Hostilidades, dos Hollandezes, antes ficassem expostos por alvo dellas.

Daqui veyo poderem elles conquistar a Portugal Gale, e Columbo; expellirem os Portuguezes de Ceilão, senhoreando-se exclusivamente do trato da Canella; e assim lançarem-nos de Ternate, Tidore, e da mayor parte das Malucas, apoderou-se do monopolio do Cravo, Noz muscada, e do mais sustancial da Pimenta. Mas não ficárão aqui todas as perdas dos Portuguezes. Os Persas tomarão-lhes Ormuz; os Hollandezes o Castello da Mina, e Arguim em Guiné, Pernambuco (*) com grande parte do Brazil, e a importante Praça de Malaca, ou India Oriental; que ainda resistio 6 mezes ao inimigo. (†)

Estas perdas derão pretexto a se levantar dinheiro, para cobrar os lugares perdidos, o qual

(*) E a Bahia em 1624, que foi recuperada no 1 de Mayo de 1625. em 1630. começou a guerra Hollandeza contra Pernambuco.

(†) Note-se que o primeiro golpe que as Conquistas Portuguezas recebèrão foi ajudado a dar pelos Inglezes na tomada de Ormus em 1621.

se divertio para outros usos; e os Portuguezes virão-se a pique de uma total ruina, quando todas as Nações Europeas dantes suas amigas se lhe convertèrão em inimigas só porque elles se unîrão á Castella: circunstancia, a que os Ministros de Hespanha sómente por pundonor devião respeitar.

As rendas da Coroa, que segundo o Capitulado com Filipe II. devião-se despender em Portugal, applicavão-se ás necessidades de Castella. Vendião-se aos Castelhanos padrões de juro, cujo pagamento se assentava nos redditos de Portugal, de sorte que de 6 milhões, que erão antes da sujeição a Castella, apenas entravão nos Cofres Reaes 80 mil cruzados. O producto da imposição no sal, (creada por D. Sebastião, abolida por D. Henrique, e instaurada por Filipe II.) que excedia o valor daquelle genero, junctamente com o que davão as annatas das mercès, e assumava annuamente a 400 mil cruzados; e assim como o de todas as confiscações de mercadorias, erão divertidos de suas originaes applicações, em proveito de Castella; caminho que tãobem levavão os Subsidios da Clerisia Portugueza, e o que rendia o tributo sobre o azeite. (*h*)

O que se tirava da Carne e Vinhos, despendia-se em ornar os Paços de Buen Retiro, e o Galinero juntos a Madrid. E impondo o Senado de

(*h*) La Clede ubi sub.

Lisboa uma contribuição para se fazer um cano em beneficio dos moradores desta Capital, que os officiaes do Senado cobravão, e administravão, Filipe III. veyo a lançar mão della e depois Filipe IV. fez o mesmo por todas as Cidades do Reyno.

Cada Frequezia de Portugal era obrigada a prover de ballas os Soldados; e numa palavra os Alvitristas Castelhanos forão tão ferteis em inventar Subsidios, que só destes novos direitos se tirárão desde 1626 até 1633, trinta e dois milhões, e trezentos e trinta mil cruzados, que entrárão nos Cofres Reaes, além de outras sommas mayores, que se recebèrão desde 1633 até 1640. Os Escritores Portuguezes referem, que o Governo de Hespanha custou a Portugal no espaço, que mediou entre os annos de 1584 e 1626, para cima de cem milhões de oiro, dos quaes nem os Grandes nem o Povo recebèrão o menor proveito: e juncta esta somma, ás que depois se levárão deste Reyno, monta tudo a duzentos milhões, cuja extracção basta para exhaurir os mayores Estados, e reduzio Portugal á ultima miseria. (i)

Além dos aggravos, em que o Clero participava com o Geral da Nação, tinha esta classe outros que lhe erão privativos; porque não obstante prometter-lhe Filipe II., que não impetraria Bul-

(i) O mesmo Escritor.

las, para taixar, os Beneficios, Filipe IV. os carregou das antigas pensões, argumentando, que não faltava á sua palavra, visto que o fazia sem negociar bullas. Os Ecclesiasticos offenderão-se deste corte dado em seus privilegios, e se queixárão das pensões, com que lhes carregavão os beneficios; e de se espaçar o provimento dos Bispados, e Dignidades vagas, para ElRey, durante a vacatura, se aproveitar dos cahîdos.

Todos os officios Ecclesiasticos, e Commendas das Ordens devião-se dar aos Portuguezes, e todavia não se lhes deixavão senão as menos pingues, conferindo-se as mais grossas, e rendozas aos naturaes de Hespanha. E a este respeito junctavão-se ás do Clero as queixas dos Grandes, e da Nobreza lesados tãobem na privação dos Postos Militares, dos quaes só lhes davão os sobejos dos Castelhanos, e esses aos que seguião a Corte, e aos seus parentes; de sorte que ninguem podia esperar premio dos serviços mais assignalados; e extinguindo-se deste modo a emulação que faz obrar grandes cousas, viérão a cessar os celebres prodigios do valor Portuguez, e com elles a reputação e credito Nacional.

Mũitas das familias mais illustres deste Reyno, achavão-se em estado de indigencia por falta de empregos; e sobre isto ainda se pedia dinheiro ás que não estavão exhaustas, para as arruinnar de todo; e se o negavão erão mal tratadas do Governo. Os Morgados, jurisdicções, e bens

devolutos á Coroa, que segundo a Capitulação se havião de prover exclusivamente em Portuguezes erão-lhes denegados, só a fim de se darem a Hespanhoes, com titulos; casando junctamente as herdeiras mais ricas de Portugal com Fidalgos pobres de Hespanha, para que achassem neste Reyno as riquezas, que lhes faltavão nas suas patrias.

Nestes termos era o Governo Hespanhol universalmente detestado, porque todas as classes de pessoas se aggravavão de suas injurias, ensinando a desgraça commua a todos os homens, a ajunctar as suas queixas. A Nobreza dava-se por offendida de ver seus longos serviços tão mal recompensados, ao mesmo tempo, que erão favorecidos os Allemães, Italianos e Flamengos, a quem se conferirão honras, e até a da Ordem do Tusão, com que nunca se condecorou Portuguez algum: Via com magoa as Ordens do Reyno descahidas de seu explendor, sem se exceptuar a de Christo, tão favorecida, e enriquecida por mũitos Reys, deshonrada agora pelos individuos a que a davão; e em fim supportava com impaciencia a obrigação de mandar criar seus filhos a Castella, onde os tinha mais como refens, do que como fidalgos.

Nos Ecclesiasticos causava o mayor sentimento verem os diversos meyos, de que usárão para os despojar de seus bens, e todos os beneficios mayores em poder dos Principes de Castella, que não

fazião caso de por os pés em Portugal. Tal era o Cardeal Infante D. Fernando, que foi junctamente Prior do Crato com 25 mil cruzados de renda, e Abbade de Alcobaça, beneficio que rendia 40 mil; e talvez mais: tal foi tãobem Leopoldo filho do Archiduque de Tirol nomeado aos 3 annos de idade Bispo de Vizeu, não obstante haver-se negado o Arcebispado de Braga ao irmão do Duque de Bragança, com còr de elle não ser Doutor (*k*) em Theologia; e o peior era, que não havia methodo mais breve de ser adiantado do que o de pagar pensões aos Cortesãos.

Os Officiaes, e Soldados da India erão mal pagos, e obrigados a cedèrem sempre aos interesses dos Hespanhoes; e a gente commum além de ser carregada de tributos, e gozar a penas do beneficio das leis, via-se constrangida a servir na guerra, contra os ajustamentos mais solemnes, sendo enviados aos mais remotos confins dos Estados d' ElRey Catholico, onde sem esperança de adiantamento, não tinhão mais do que hum soldo muito tenue. (*l*)

Neste estado das cousas davão todos frequentes demonstrações de descontentamento, as quaes talvez erão patentissimas. No Reyno do Algarve houve uma sublevação, que podéra ter pessimas

(*k*) O mesmo Vertot Revolut. de Portug.
(*l*) La Clede l. c. Vertot Revol. p. 27.

consequencias se a Vice-Raynha não se portasse com vigor, e com a sua prudencia, e diligencias não socegasse os animos. Mas nem isto fez com que por ordem do Governo se não lançasse um novo tributo de 5 por cento ás terras, e mercadorias.

Quando uma Nação anda malcontente, procura naturalmente um Chefe; porque o Governo firme e seguro, facilmente apaga as sedições populares, quando as não dirige um homem habil, nem tem a mira em algum fim determinado. Assim os Portuguezes apenas se lembrárão de eleger quem os regesse, logo lhes occorreu o Duque de Bragança, (*m*) Principe que estando na flor de seus annos, era neto do Duque competidor de Filipe II, e tinha o nome de seu Avô, que foi D. João.

D. Theodosio seu pai fóra sempre mũi zeloso da patria, e tinha-se portado com grande valor, e resolução contra as primeiras injustiças dos Castelhanos, grangeando por isso o amor dos Portuguezes. Este Senhor teve da Duqueza sua mulher, filha do Duque de Feria, D. João, D. Duarte, e D. Alexandre, que sendo destinado ao serviço da Igreja morreo na flor de seus annos. (*n*) Succedeo-lhe no Ducado D. João de quem agora tratamos, o qual era casado com

(*m*) La Clede ubi sup.
(*n*) Cespedes. Vertot.

D. Luiza de Gusmão, irmãa do Duque de Medina Sidonia, cujo caracter he necessario, que demos aqui bem a conhecer.

O Duque, a juizo da Politica mais delicada, era o menos capaz de todos os homens para fazer o grande papel, que representou : era pacato, e moderado, mais deleixado, que diligente ; amante da hospitalidade, da magnificencia, e divertimentos ruraes : era o marido mais affeiçoado, o pai mais terno, o amo mais generoso, o vizinho mais sociavel, e o homem mais amavel, que vivia no mundo. A Providencia, que o destinava para ser meyo de libertar os Portuguezes opprimidos, deo-lhe as qualidades convenientes para produzir effeitos, que a Politica humana nunca poderia antever.

O teor da sua vida fazia, com que os Nobres não lhe invejassem a grandeza, que só lhe servia para fazer bem ; e o defendia das suspeitas dos Hespanhoes, que nunca cuidárão, que um homem daquelle natural podesse já mais excitar a menor revolta, senão fosse a isso constrangido ; de sorte que o tratavão com assás de melindre. A sua bondade fazia, que todos os seus Vassallos o amassem ; porque vião nelle um pai, e lhe grangeava o coração dos Povos por onde quer, que ia, inspirando-lhes geral desejo de vivèrem felices governados por um Principe tão brando, e moderado.

O Duque não ignorava os direitos, que tinha á

Corôa, nem carecia de ambição: via a miseria da patria, e compadecia-se della; discernia muito bem os intentos dos Ministros de Hespanha, e discernia-os com grande lastima. Mas sem fazer mundança alguma no seu character, nem no seu procedimento; não mostrava o menor desejo de chegar a ser mais do que era. Em fim vio-se; que a sua paciencia, attribuida por alguns a fraqueza, era effeito da prudencia mais consummada: que o seu deleixamento era refinada politica, e que os seus vagares forão os meyos mais efficazes, para effeituarem aquella unanime resolução, que o poz no Trono por um modo tão espantoso, e imprevisto. A Duqueza de Bragança tinha indole mui diversa; porque era viva, assomada, e franca, qualidades, que se acompanhavão de hum esforço varonil, e heroico; tanto assim que pôde assás com seu marido, para o fazer tomar uma resolução decisiva, e confirmállo nella. He verdade, que o Duque já estava resoluto antes de a consultar, mas a fleugma, com que elle se havia, adquirio um realce util, e agradavel com o fervor da sua consorte. (p)

Em algũas Cidades de Portugal, os rigores dos Hespanhoes havião obrigado os Povos a descobrir altamente os seus pensamentos, mas em proprio prejuizo. Taes forão os que na grande sedição de Evora nomeárão o Duque de Bragança, en-

(o) Avogrado. Luiz. de Menezes.

viando-lhe deputados, por quem lhe declarárão, que tinha a seu serviço as vidas, e bens dos naturaes daquella Cidade A isto moveo-se a mayor parte da Provincia d'Alem-Tejo; mas o Duque recusou os seus offerecimentos; pacificou os tumultuosos; e aproveitou-se do credito, que por este modo alcançou na Corte de Madrid, para prevenir a destruição dos moradores de Evora. (p)

Entre tanto o descontentamento, que se contivéra, e limitára de algum modo, começou a generalisar-se, e trocou-se por fim em desesperação. Os Hespanhoes mandárão recensear exactamente os Povos de todo o Reyno, como se tivessem intento de o dividir, e achou-se, que o numero dos Portuguezes assomava a perto de 200 mil homens capazes de tomar armas. A isto succedeo logo ordem de levantar seis mil homens de pé, e um grosso numero dos de cavallo, para marcharem contra os rebeldes de Catalunha; ordenando-se tãobem aos Fidalgos, que convocassem os seus Vassallos, e se preparassem para marchar na frente delles. (q) A mayor parte dos que obedecèrão forão presos, e naõ conseguirão a liberdade senão á custa de muito dinheiro.

Isto horrorisou os que não fôrão áquella ex-

(p) La Clede t. 2. f. 408.
(q) Cespedes. Passarello. La Clede t. 2. f. 402.

pedição, e os dispoz a arriscarem tudo, ainda que os ameaçavão com a declaração de traidores, e confiscação de todos os seus bens. O recenseamento, que se fez do Reyno, deo de si o projecto de vinte imposições, ou taxas, que se havião de pôr a uma Nação já sobrecarregada de tributos. Algũas Cartas de Miguel de Vasconcellos Secretario de Estado em Portugal, derão a conhecer aos Portuguezes o segredo dos intentos delle, e de seu amo, e apagárão de todo uns vislumbres de esperanças de melhoria, se he que a experiencia do passado ainda lhas consentia. Nestes termos era de temer uma rebellião, e os Hespanhoes sem duvida a esperavão; mas o Conde Duque tinha-se prevenido com os meyos de a suffocar, e estava resoluto em tomar della pretexto, para privar os Portuguezes daquella sombra de independencia, que ainda lhes restava. (r)

O Duque de Bragança tinha por Mordomo de sua Casa o Doutor em Leis João Pinto Ribeiro homem activo, emprendedor, de grande capacidade, que merecia e gozava de todo o credito com seu amo. João Pinto andava áquelle tempo em Lisboa, fomentando mais e mais o desgosto geral entre as pessoas de todas as sortes. Quando se achava com Fidalgos deplorava o abatimento, a que os chegárão, e em que os conservavão os Hespanhoes. Entre os Ecclesiasticos, mostran-

(r) Vittorio Siri. Cespedes. La Clede.

do-se admirado da sua sabedoria, e talentos, dava a entender que temia serem éstas prendas mais prejudiciaes, do que propicias ao seu adiantamento.

Com os Mercadores, e Cidadãos praticava sobre a decadencia do Commercio, declarando as causas della, e o como elle havia de ir descaindo cada vez mais. Deste modo grangeou pouco e pouco os zelosos do bem da patria, e entre elles o Arcebispo de Lisboa D. Rodrigo da Cunha, descendente de uma das familias mais nobres de Portugal, homem sabio, e de valor, que estava particularmente picado contra os Hespanhoes, porque a Vice-Raynha elevára á Sé Primacial de Braga D. Sebastião de Mattos e Noronha, em quem ella punha toda a sua confiança. Vivião tãobem neste tempo D. Miguel de Almeida Fidalgo de valor Romano, e tão descontente do Governo Hespanhol, que nunca ia ao Paço; D. Antão de Almada, e seu filho D. Luiz, o Monteiro-mór Francisco de Mello, e Jorge de Mello seu irmão; D. Luiz da Cunha sobrinho do Arcebispo de Lisboa, D. Pedro de Menezes, D. Rodrigo de Sá, Camaristar-mór, e outros Fidalgos, cujos officios erão titulos vãos, sem beneficio nem exercicio. (s)

João Roiz de Sá

Na primeira juncta, que elles fizerão, o primeiro ponto que se lhes offerecia logo para decidirem era saber, a quem darião o Sceptro deste

(s) Vertot. p. 4. 41. L. cit.

Reyno. Uns propunhão o Duque de Bragança, outros o Marquez de Villa-Real, e outros em fim o Duque de Aveiro, todos tres Principes do sangue dos Reys antigos de Portugal. O Arcebispo de Lisboa, ouvindo tudo o que se discorreo, explicou-se abertamente, e dice, que declarando-se elles contra o Governo Hespanhol, não podião to ar o partido da Justiça, nem evitar os reproches de rebeldes, senão acclamando o Duque de Bragança, que era o herdeiro legitimo da Coroa. Conviérão todos nisto, e o Arcebispo continuou a representar-lhes, que como esta sua empreza não era sediciosa, devião esperar, que não fosse baldada, e que toda a Nação, em cuja beneficio se commettia, a quizesse favorecer: que os Hespanhoes não tinhão grandes forças neste Reyno; e que o poder de Hespanha estava já muito somenos do que fôra; que os Hollandezes se havião pouco antes restituido á Liberdade; os Catalães ião seguindo o seu exemplo, e que os Portuguezes farião levemente outro tanto, se o amor da liberdade, ou o sentimento dos aggravos, e injurias, que se lhes fazião, os instigassem a lavar-se dos baldões com que os Infieis os ridicularizavão, dizendo, que os mesmos que se dizião Senhores do Oriente erão na propria terra (*t*) vilissimos escravos.

Todos os assistentes applaudirão este discurso,

(*t*) Avogrado D. Luis de Menezes. Passarello.

e se obrigárão a fazer da sua parte tudo quanto podessem, e arriscar todos os seus haveres na execução de um projecto tão glorioso, e por instaurarem a fórma de Governo, em que erão grandes e poderosos, cuja ruina apenas lhes deixava o nome de Nação. O Arcebispo recomendou-lhes constancia, e segredo; e que examinassem com madureza, e por miudo as difficuldades, que tinhão de vencer.

Observou-se, que os Hespanhoes, e as suas creaturas estavão de posse de todos os Cargos; que os Magistrados, Juizes, e Officiaes Civís e Militares, que tinhão algum poder, erão todos da facção Castelhana. Mas respondeo-se, que aquillo assim era na apparencia, mas que no interior podia muito bem ser o contrario, que o mayor numero sempre vence o menor, e que este dos fautores de Hespanha não era para se temer, por serem pessoas de máo animo, geralmente aborrecidas; o que na verdade assim passava á cerca de todos os da devoção dos Hespanhoes.

Allegou-se mais, que os Castelhanos tinhão presidio dos seus em tres Praças do Algarve, e na Cidade de Lisboa, e seus Contornos, com Castella, e varios fortes, com um corpo de tropa na Estremadura de Castella. A isto respondeo-se que se as forças dos Hespanhoes estivessem unidas, ou em partes donde facilmente as podessem convocar, em tal caso serião formidaveis; mas, que achando-se divididas como se achavão; sem-

pre se poderia atalhar a sua juncção; que senão se podesse sitiar, ao menos poder-se-ia bloquear uma Praça, que os presidios sem victualhas por si se entregavão e rendião: que da gente do Exercito, que andava em campo, ao menos a terça parte erão Portuguezes: que não seria difficil levantar gente, que os animasse a virem unir-se-lhes; e que neste caso não seria necessario pelejar.

Continuárão as objecções dizendo-se, que Portugal era naturalmente uma parte de Hespanha, que o cerca por tres lados por onde póde ser guerreado; e que aos seus naturaes faltavão tropas disciplinadas, e alliados. Mas respondeo-se a isto, que o mesmo era nos tempos antigos; e que por isso os Castelhanos pretendião ter direitos sobre Portugal, sem poderem nunca conquistallo, que se as forças deste Reyno se achavão diminuidas tãobem o estavão as de Castella; e que sendo os Portuguezes tão avantejados aos Catalães, tãobem aquelles se podião aventurar a fazer o que estes fizerão.

Accrescentou-se em conclusão, que se não havia de deixar passar a occasião presente: que os Castelhanos tinhão resolvido a perdição de Portugal, como se manifestava das Cartas de Miguel de Vasconcellos, escritas em Madrid, e por consequencia, que não podião levantando-se contra Castella incorrer em mayores perigos; que o mayor mal que lhes podia acontecer era acabarem as vidas: e que nestes termos tanto valia desafiar

os perigos, como esperallos cos braços cruzados, que seus inimigos nunca se virão tão enleyados como então se achavão: que como Hespanha tinha por inimigas todas as Potencias de Europa, assim Portugal as teria por amigas clara, eu encobertamente, logo que sacudisse o jugo da sua tyrannia. Em fim resumio-se tudo em que era de menor perigo, e mayor gloria adiantar aquella empreza, do que desistir della, e que elles só de seu braço devião esperar a restauração da sua liberdade.

Quando se veio a consultar João Pinto Ribeiro, empenhou se elle, sem hesitar, na conspiração, mas fez que ignorava inteiramente a vontade de seu amo. Confessava, que o Duque tinha direito á Coroa, e que sem duvida era amante da Patria; mas lembrava tãobem, que lhe faltava ambição, e que não propendia para arriscar coisa algũa por conseguir cumprimento de seus direitos, porque se contentava com os mũitos bens, que tinha, e com os meyos que elles lhe subministravão de ser benefico: mas accrescentou a isto, que se o interesse e felicidade Nacional requeressem os serviços do Duque, estava certo, que nenhum camponez arriscaria mais depressa a sua cabana, do que seu amo todo o seu grande patrimonio: em uma palavra, que o Duque não faria nada por vir a reynar, mas que se exporia a tudo por bem do Reyno: que tudo quanto elle acabava de dizer, era a chave dos procederes invariaveis do Duque até aquella hora, e que os Conjurados deverião

pôr todas as diligencias por fazello mudar de opinião, se lhes cumpria elevállo ao Throno. As ideias de João Pinto Riberio forão muito approvadas; e acordou-se, que estando as coisas a ponto, se obrigaria o Duque de Bragança a aceitar o Sceptro de Portugal.(*u*)

Já vimos noutra parte as maximas, que seguia o Conde Duque de Olivares, e os diversos expedientes a que recorreo para divertir o Duque de Bragança, e obrigallo a ir á Corte de Madrid, o qual se lá fosse sabemos pela mesma apologia de Olivares, que nunca voltaria a Portugal, de sorte que as desconfianças do Duque a este respeito nada menos erão, que mal fundadas. Mas as astucias de Olivares, apezar de sua grande politica, não só ficárão baldadas, mas forão muito uteis ao Duque de Bragança.

Porque quando elle foi nomeado General dos Exercitos, e teve ordem de visitar todas as Praças do Reyno, offereceo-se-lhe bom ensejo de o correr todo, tributando-lhe então constrangidamente grandes respeitos os seus mesmos rivaes e inimigos. He verdade, que os Governadores Hespanhoes tinhão ordens secretas para o prenderem, mas o Duque ia tãobem acompanhado, que mais facil lhe seria tomar-lhes as Praças, do que a elles prenderem-no. Até naquillo em que a prudencia humana podéra enganar-se entrou o auxilio da

(*u*) Vertot. Passarello. La Clede.

Providencia, porque a Esquadra Castelhana, que andava na Costa almiranteada por Osorio, a quem se mandára que prendesse o Duque convidando-o a jantar a bordo da sua Nau, foi sobresaltada de tão grande temporal, que muitos navios perecèrão, e o resto delles dissipou-se tãobem, livrando o Duque de um accidente bem embaraçoso.

Quando D. João chegou a Almada Castello vizinho a Lisboa, João Pinto Ribeiro persuadio-lhe, que desse audiencia a D. Antão de Almada, D. Miguel de Almeida, e Pedro de Mendonça. Ouvio-os o Duque com gosto, e ainda que lhes não respondeo decisivamente, tratou-os com tanto carinho, e deo a cada um em particular tantos agradecimentos, que elles voltárão muito satisfeitos do Duque, e embellesados com a esperança de terem hum Rey de tanta bondade.

O Duque tinha ordem de ir visitar a Vice-Rainha a Lisboa, e de lhe fallar com todo o respeito, querendo-se mostrar deste modo, que elle não era mais, que um simples vassallo, e diminuir a impressão, que o seu respeito houvesse causado no Povo. Por tanto foi o Duque ao Paço, mas acompanhado de toda a Nobreza, e concorreo tanto Povo a vèllo passar, que o Marquez de la Puebla, que governava a Vice-Rainha não se póde conter, que não dicesse a esta Princeza "o Duque não vem visitar a V. Excellencia, mas vem-lhe mostrar o respeito, que a elle se lhe deve."

E he certo, que tudo isto que se passou, nem ao Duque, nem aos seus amigos des motivo de receiarem, que a sua empreza tivesse grandes obstaculos por este lado. Para as despezas desta visita derão-se ao Duque de ajuda de custo 40 mil cruzados, e pouco despois mais dez para fazer a sua jornada a Madrid; soccorros, que vierão tanto a proposito, que poupárão ao Duque usar de meyos de levantar dinheiro, que poderião causar desconfianças ao Governo. (*x*)

Despois que os Fidalgos conjurados tiverão tudo concertado de sorte que só lhes faltava ajustar o dia, e modo de executar a empreza, mandárão ao Duque, Pedro de Mendonça, a informar-se da sua ultima resolução. O Duque hesitou, e pedio tempo para cuidar nella; ao que Mendonça lhe requereo, que não perdesse um momento, nem consultasse com seu Secretario Antonio Paes Viegas homem de recado, mas muito circumspecto. O Duque lhe não quiz prometter coisa alguma a este respeito, e despois de deliberar comsigo maduramente, mandou chamar o Secretario, e lhe descobrio todo o negocio.

Antonio Paes antes de lhe declarar o seu parecer, perguntou-lhe se no caso de todo o Reyno querer formar de si uma Republica elle Duque preferiria os interesses da Patria aos de Castella? "Sim lhe tornou o Duque, eu sacrificára os bens

(*x*) Vertot. Rev. p. 35. 68. D. Luiz de Menezes.

e a vida, ao bem de minha Patria." "Então senhor, replicou o Secretario, porque duvidaes aceitar a Coroa, que ella interessa em vos offerecer, e a que tendes legitimos direitos?" e dizendo isto ajoelhou, e lhe beijou a mão. Despois foi o Duque consultar com a Duqueza sua mulher, que havendo considerado um momento lhe disse "Senhor a morte vos espera em Madrid, e póde ser que a acheis em Lisboa; mas ali morrereis como um miseravel prisioneiro, e aqui coberto de gloria, e como Rey." "Dos males que vos podem acontecer este he o peyor, mas antes confiemos na affeição do Povo, na justiça dos vossos direitos, e no favor Divino." Antonio Paes ajoelhou outravez e beijou a mão á Duqueza; e passado isto mandou o Duque chamar a Pedro de Mendonça, e lhe disse, que certificasse aos que o enviavão, que podião estar certos da sua vontade, e que no dia aprazado se mandaria acclamar Rey de Portugal, em todas as Cidades, e Villas do seu patrimonio. (*y*)

Tudo quanto acabamos de referir succedeo nos cinco mezes ultimos do anno de 1640, e os conspirados a principio tinhão accordado, que se começasse a revolução em Março do anno seguinte, mas reflectindo depois melhor reconhecèrão, que era impossivel dilatar tão largo espaço a execução dos seus disignios. Pelo que enviárão segunda vez

(*y*) Avogrado. Vertot. La Clede.

Pedro de Mendonça a consultar o Duque, que despois mandou vir João Pinto Ribeiro, e o encarregou de dizer aos da Conjuração que estivessem promptos para o dia sabado primeiro de Dezembro, que era o que ultimamente se apontára, e que fizessem todos os esforços por ficarem senhores de Lisboa. Elles quizerão começar a empreza em Evora, mas o Duque desapprovou este projecto.

A medida que se ia approximando o dia da revolução, forão os Conjurados grangeando ao seu partido os Cidadãos principaes de Lisboa, e fizerão de seu bando um Religioso por nome Nicolao da Maya, que fez entrar na Conjuração a Camara da Capital, de sorte que o segredo deste negocio esteve confiado ao menos a quinhentas pessoas de todas as qualidades, sexos, e idades, e por isso a dilação era mais perigosa, que a execução do grande intento. Todavia sobreviérão alguns incidentes, que ião fazendo-a demorar, e certamente o fizerão, se o Duque não apressasse os Conjurados, dizendo-lhes que já não sabia inventar escusas, e que senão partia para Madrid, não tinha que esperar ficando como vassallo em Portugal.

João Pinto trabalhava por ter os Conjurados sempre bem conformes; e expoz-se a grandes perigos, com trabalho infatigavel, porque tudo estivesse prestes na hora ajustada. Fez com que muitos da Cidade despedissem os seus trabalhadores, e officiaes, com o pretexto de os não po-

derem manter segundo o Commercio ía perdido; mas na realidade para que a miseria, e fome os movesse com mais facilidade a tumultuarem. O Padre Maya da sua parte, era mũito util, para inspirar, como o fazia em termos equivocos, os sentimentos necessarios em taes occasiões. (z)

Amanheceo em fim, o dia sabado primeiro de Dezembro, e os Conjurados de manhãa mũito cedo passárão ás casas de D. Miguel de Almeida, e outros Fidalgos, onde se havião de armar; mostrando todos tal resolução, que parecião ir alcançar uma victoria já certa. Armados todos, encaminhárão-se ao Paço por diversos caminhos, e a mayor parte delles em Liteiras, por encobrirem melhor o numero, e as armas; e ali pela visinhança se apartárão em quatro bandos esperando, que dessem as 8 horas, que era o instante, aprazado para a execução do negocio. Logo que ellas soárão desparou João Pinto uma pistola; e feito este sinal, investîrão todos denodadamente ás partes, que se lhes distribuîrão. D. Miguel d'Almeida foi dar na guarda dos Tudescos, que tomados de subito, e vendo-se sem armas, se desbaratárão logo.

O Monteiro-mór, Francisco de Mello, e seu irmão, e D. Estevão da Cunha acommetterão a guarda, que estava no Forte junto ao Paço acompanhados da mayor parte dos Cidadãos, que

(z) Vertot. p. 64. La Clede p. 409.

entrárão na Conspiração, os quaes todos a investirão animosos com as espadas nas mãos. Mas nimguem se distinguio como um Sacerdote da Cidade, que com um Crucifixo em uma mão, e uma espada na outra animava os Portuguezes, e ìa ferindo nos Hespanhoes. Tudo desapparecia diante delle; de sorte que o Official Castelhano, e os Soldados se virão necessitados a entregar-se por salvarem as vidas, e acclamar como os outros "Viva o Duque de Bragança."

João Pinto, franqueada a entrada do Paço, marchou diante dos que havião de invadir o quarto de Miguel de Vasconcellos; e encontrárão no fundo da escada a Francisco Soares d'Albergaria Juiz do Civel, que vendo aquelle tumulto quiz interpor a sua autoridade para os fazer retirar. Mas ouvindo bradar de todas as partes "Viva o Duque de Bragança" e entendendo que era dever do seu cargo gritar "Viva elRei de Hespanha e Portugal" assim o executou, a custo da vida a qual perdeo de uma pistolada, que lhe deo um dos Conjurados, porque não gritasse o mesmo outra vez. Antonio Correa Official Mayor da Secretaria acudio ao arruîdo, e D. Antonio de Menezes lhe cravou o punhal no peito, e olhando o Correa para D. Antonio com ar de offendido, e de quem quizera vingar-se, lhe dice "e atreveste a matar-me" ao que D. Antonio não deo outra reposta, senão mais trez, ou quatro punhaladas que o derribarão no chão. E porque as feridas

não forão mortaes escapou dellas, e veyo pouco despois a perder a vida nas mãos de um Carrasco. Vencido este obstaculo, entrárão os Conjurados á pressa no quarto do Secretario.

Achava-se elle então com Diogo Gareez Palha Capitão de Infantaria, que vendo gente armada suspeitou, que vinhão tirar a vida a Miguel de Vasconcellos; e ainda que lhe não era obrigado, quiz generosamente defender-lhe a porta com a espada na mão, porque o Ministro tivesse tempo de se pòr em salvo. Mas sendo ferido no braço, e sobrecarregado de muitos saltou por uma janella, e teve a felicidade de não morrer. Desembargada a porta entrárão os Conjurados de roldão na Camara do Vasconcellos, e buscando-o por todos os recantos sem o acharem, ameaçárão com a morte uma sua Criada velha, a qual lhe acénou, que elle estava escondido em um armario embebido na parede, onde o achárão coberto de papéis. O grande pavor que tinha fez com que não desse palavra, e D. Rodrigo de Sá foi o primeiro, que lhe deo um tiro de pistola, e sendo despois ferido com as espadas lançárão-no os Conjurados de uma janella abaixo clamando, "Morreo o tyranno," Viva a liberbade, e D. João o IV. Rei de Portugal. (a) João Roiz de Sá

O Povo, que acudira ao Paço deo mil acclamações de prazer, vendo-o cair em terra. João

(a) Vertot. p. 76. 82. La Clede p. 412.

Pinto Ribeiro, sem perder tempo, foi ajunctar-se com os Conjurados, que havião de ir segurar a Vice-Raynha; e achou este negocio concluido, e que a felicidade do successo correspondera em tudo aos seus dezejos. Porque appresentandose á porta da Princeza, os que a havião de prender, e ameaçando-a o Povo, que lhe porião fogo se a não mandava logo abrir, a Vice-Raynha acompanhada de mũitas donzellas, e do Arcebispo de Braga, chegou á porta da sua Camara, e cuidando, que com sua presença aquietaria os Fidalgos, e enfrearia o Povo lhes dice, endireitando aos principaes Conjurados.

" Senhores, confesso-vos, que o Secretario justamente merecia o odio do Povo, e a vossa indignação pela insolencia do seu procedimento. Mas contentai-vos com lhe dares a morte, lembrando-vos, que este tumulto poderá imputar-se ao rancor do Publico contra Miguel de Vasconcellos. Se porém continuaes nesta assuada, não podereis desculpar-vos de rebeldes, e porme-heis em condição de não poder deffender-vos ante El-Rey."

D. Antonio de Menezes replicou-lhe, que tantos homens de bem não tinhão tomado armas só para matarem um miseravel, que devia morrer ás mãos do algoz; mas que se havião ajunctado para restituirem ao Duque de Bragança o Sceptro, que lhe pertencia. A Vice-Raynha quizera responder-lhe; mas D. Miguel de Almeida receyando,

que a extensão da pratica resfriasse o ardor dos Conjurados, a interrompeo dizendo, que Portugal não conhecia outro Rei, senão o Duque de Bragança: e ao mesmo tempo todos os Conjurados clamárão, " Viva D. João Rey de Portugal."

A Vice-Raynha, vendo que elles não respeitavão já nada, julgou que acharia mais obedientes os da Cidade; e como ía a descer, D. Carlos de Noronha lhe pedio, que se recolhesse á sua Camara, e que se não exposesse aos insultos de hum Povo irritado. Aqui entendeo ella que estava presa; e mũi transportada de cólera dice, " e que poderá fazer-me esse Povo?" Ao que D. Carlos lhe respondeo " Nada, Senhora, senão precipitar-vos de huma janella abaixo." O Arcebispo de Braga tremendo de raiva tomou a espada a um Soldado, e quizera ferir a D. Carlos; mas D. Miguel d' Almeida o estorvou, e lhe recomendou, que não quizesse provocar os Conjurados, de quem com grande trabalho alcançára salvar-lhe a vida; pelo que o Prelado houve de dissimular a sua paixão, esperando do decurso do tempo uma vez favoravel á sua vingança.

O resto dos Conjurados forão prender os Hespanhoes, que estavão no Paço, ou dispersos pelas guardas da Cidade; e entre elles o Marquez de la Puebla Mordomo da Vice-Rainha, D. Diogo Cárdenas Mestre de Campo General, D. Fernando de Castro Inspector da Marinha, o

Marquez Bainette Italiano, Estribeiromór da Vice-Rainha, e alguns officiaes do mar, fazendo-se tudo isto com tanto socego, como se fossem presos á ordem d' ElRei de Castella; porque não houve quem se movesse para lhes valer, nem elles estavão em termos de defender-se; porque a mayor parte forão achados na cama.

Despois Antonio de Saldanha acomponhado de muita gente do Povo foi á Casa da Supplicação, e deo parte aos Ministros da felicidade com que Portugal tinha recobrado o seu legitimo Soberano, destruindo a tyrannia de Hespanha. As suas razões forão geralmente applaudidas, e em todas as sentenças, que se tinhão lavrado em nome de ElRey de Hespanha, se trocou o nome de ElRei D. João; abolindo-se deste modo o governo estrangeiro intruso, e restituindo-se o do legitimo Soberano. (*b*)

Entre tanto andava D. Gastão Coutinho soltando das prisões todos os que a crueldade Hespanhola tinha encerrados nellas, os quaes despois de soltos formárão um corpo de Conjurados nada menos temivel, que os primeiros. No meyo de tantos gostos não andavão sem receyos João Pinto, e os principaes da Conspiração; porque os Hespanhoes ainda estavão senhores do Castello, que era porta segura por onde ElRey de Hespanha podia tornar a entrar na Cidade. Julgando pois,

(*b*) Vertot. e La Clede.

que nada tinhão feito; em quanto não tivessem aquella força á sua obediencia, entrárão á Vice-Rainha, e lhe perdirão uma ordem por escrito ao Governador, que lhe entregasse aquella Praça.

A Vice-Raynha cheia de indignação recusou satisfazer ao que lhe pedião, e D. Antão d'Almada ardendo em cólera jurou, que se S. Alteza não cumpria com a sua vontade, iria elle dali matar ás punhaladas todos os Hespanhoes, que estavão presos. Pelo que a Princeza entendendo, que o Governador faria seu dever, sem respeitar um mundado, que facilmente devia conjecturar que lhe fora extorquido, assinou-o, e fez assim que elle tivesse mûi diverso effeito, do que ella cuidava.

O Governador Hespanhol D. Luiz del Campo, homem pouco resoluto, vendo todo o Povo armado diante do Castello, ameaçando que faria pedaços a elle, e aos da guarnição, se senão entregassem logo, teve a grande ventura saîr livre a tão pouco custo, e com uma ordem, que apparantemente encobria a sua covardia: e entregou o Castello. Os conjurados seguros já de todos os lados expedirão logo Pedro de Mendonça, e o Monteiro-mór ao Duque de Bragança, a darem-lhe a boa nova, e asseverar-lhe da parte da Cidade, que para o Povo se dar por feliz só lhe faltava a presença do seu Rey: mas todavia nem todos a dezejavão.

Os Grandes do Reyno olhávão para a sua ele-

vação com inveja occulta; e os Nobres, que não forão dos Conjurados, mostravão no silencio a incerteza de seus amigos. As creaturas de Hespanha estavão na mayor consternação, e não cuidavão senão em por-se em salvo. Os amigos do Duque, que sabião mũito bem a sua tenção, proseguião no começado, e junctando-se no Paço ordenárão provisionalmente algũas coisas, e nomeárão unanimes o Arcebispo de Lisboa Presidente deste Conselho, e Tenente General por ElRey D: João: e posto que o Prelado recusou a principio o cargo por incompativel com o Caracter Episcopal, e porque o estado das coisas requeria um bom General, rendeo-se com condição de se lhe dar o Arcebispo de Braga por companheiro no despacho dos negocios. Deste modo quiz D. Rodrigo da Cunha tão habil, como astuto fazer o Arcebispo de Braga réo para com ElRei de Hespanha, se acceitasse a Commissão, ou recusando-a odiálo com ElRey de Portugal tanto, quanto o Primaz o estava já com o Povo. Bem conheceo o Primaz o laço que se lhe armava; mas como era todo da devoção de Hespanha recusou altamente ter a menor parte nas coisas do governo; de sorte que o Arcebispo de Lisboa se vio só encarregado delle, e se lhe derão por Conselheiros D. Miguel d'Almeida, e Pedro de Mendonça, e D. Antão de Almada. (*b*)

(*b*) La Clede l. c. p. 416. Vertot ubi sup. f. 88. 90. Esta revolução foi tão breve, e os seus cabeças obrárão com

O Arcebispo de Lisboa mandou logo avisos a todas as Provincias, convidando os Povos a ren-

com tanta prudencia, e valor, que á tarde já todas as loges estavão abertas, e tudo em socego. Isto mesmo fez varios effeitos, porque á tarde, quando os Conjurados forão á Sé para se cantar o *Te Deum*, não podérão persuadir o Cabido a assistir-lhe, parecendo impossivel a este corpo, que se fizesse tanto a salvo uma tão grande revolução, e o Arcebispo de Lisboa vio com desprazer, que aquella frieza poderia communicar-se a outros. Por tanto mandou, que se cantasse o *Te Deum* no dia seguinte, que era Domingo com mayor solemnidade; e ajunctando no seu Palacio toda a Nobreza que pôde, usou da sua authoridade para obrigar os Conegos e Cleresia a assistirem a esta acção de gracas, os quaes lhe obedecérão dando-se por desculpados com a sua ordem, no caso de succeder outra mudança no Governo.

Feita a acção de graças saîo o Arcebispo em procissão pelas ruas de Lisboa, levando diante a Cruz, e como chegavão defronte da Igreja de Santo Antonio de Padua, natural de Lisboa, parou o ajoelhou diante de um Crucifixo, que estava em uma charola, e pedio a Deus em altas vozes, que, se lhe era agradavel o que elles fazião, quizesse darlhes algum sinal de approvação por meyo daquella imagem. Dito isto, algũas pessoas, que estavão presentes clamárão, que a imagem fazia signal; e outros que estavão mais longe bradárão logo milagre, milagre! No fim da Procissão o Arcebispo mostrou, que o braço do Crucifixo da sua Cruz estava despregado, como para abençoar o Povo. Não se sabe, se isto foi estratagema, ou acaso; o certo he que fez abalo em todos.

Os que esperavão ainda ver restituidos os Hespanhoes, os que temião arriscar as vidas e fazendas, e aquelles mes-

der as graças a Deos, por lhes haver restituido a liberdade, com ordem aos Magistrados territo-

mos deleixados que ficárão neutraes, sairão nesta occasião, e sucederão nos clamores aos que estavão já roucos de bradar, "Viva D. João IV. Rey de Portugal, o Pai e libertador da Patria." (Portugal Restaurado.) O mesmo Arcebispo de Braga foi obrigado a fazer o que os outros fazião, e todas as paixões confundião seus effeitos entre as apparencias da alegria universal, que de ordinario causão revoluções tão maravilhosas, como esta.

Toda a margem da Cidade, que fica á borda do Téjo, estava coberta de gente, que esperava ter a satisfação de ver o seu Rey. O Arcebispo de Lisboa expedio-lhe logo correios a dizerem-lhe, que se desse pressa em caminhar, porque os seus Vassalos não se dessem por enganados nas suas esperanças. As postas encontrarão-no em meio do caminho, vestido de Caçador, com alguns dos seus amigos, caçando mũi de pousada, como quem não cuidava em nada menos do que na Coroa. Mas logo que soube do estado das coisas, caminhou com toda a diligencia para Lisboa, passou o Téjo onde tem tres leguas de largo em uma barca, saîo em terra, e quasi sem ser conhecido veyo ter ao forte (Portugal Restaurado) onde appareceo ao Arcebispo, e Principaes Officiaes do Reyno, assim como ao Povo, que estava em extase, e transportado.

Para o conservarem nestas disposições, divulgarão-se logo algũas profecias, interpretando-se contra os Hespanhoes aquellas mesmas, de que elles se aproveitárão, de sorte que o Povo tinha a ElRey D. João por mandado do Ceo. (Portugal Restaurado.) Conta-se que um Hespanhol vendo as luminarias, e festas que se fazião, dicera, que ElRey D. João era felicissimo, porque lhe não custava o Reyno mais, que uma illuminação de prazer, e que seu

amo

riaes de mandarem acclamar o Duque de Bragança Rey de Portugal, e prendorem todos o Hespanhoes, que lá achassem. Este Prelado deo tãobem a entender á Vice-Raynha, que serîa conveniente retirar-se S. Alteza do Paço para dar lugar a ElRey, e á sua Casa; e lhe mandou preparar um quarto nos Paços antigos de Xobregas, que estavão em um dos arrabaldes da Cidade. A Princeza saîo de Palacio com semblante orgulhoso, sem levar com sigo senão alguns criados, e o Arcebispo de Braga, que lhe deo mostras de devoção á sua pessoa, a risco da propria vida.

Entre tanto estava o Duque de Bragança na mayor inquietação, ignorando o geito que as coisas tomárão em Lisboa, até que vio chegarem a elle Pedro de Mendonça, e o Monteiro-mór, os quaes se lhes lançárão aos pés, e com este acatamento, acompanhado da alegria, que lhes transluzia no semblante, lhe derão a entender melhor, do que com palavras, que elle estava feito Rey

amo tinha a infelicidade de ser, ás mãos lavadas, expulso de tantas bellas Provincias: mas este homem se fallava serio, não era mais sizudo; poisque julgava ter explicado o mecanismo do Relogio, dizendo que este engenho consta de um mostrador com doze figuras, e de uma mão, que passando de uma á outra vai apontando as horas: isto assim he; mas não he tudo o que ha; porque já vimos acima a quantos hazares esteve exposta esta revolução, e que senão executou sem haverem de vencer-se mil difficuldades. Quem ler isto á primeira vez encherse-ha de admiração, mas da segunda jà não experimentará o mesmo effeito.

de Portugal. Daqui conduzio-os o novo Rey ao quarto da Duqueza, para ouvirem a narração do successo, e elles lhe derão logo o tratamento de Magestade. (*c*)

No mesmo dia foi o Duque acclamado Rey de Portugal em todas as Cidades, e Villas do seu Ducado: e Afonso de Mello o acclamou em Elvas. S. M. partio para Lisboa com a mesma equipagem, com que estava prestes para apparecer em Hespanha; indo acompanhado do Maquez de Ferreira seu parente, do Conde de Vimioso, e mũitos outros Fidalgos. A Raynha ficou em Villa-Viçosa, para com sua presença manter a Provincia na obediencia. O Povo corria em magotes á estrada por onde ElRey passava, fazendo votos em seu favor, e imprecando maldições contrã os Hespanhoes. Toda a Nobreza, os Officiaes da Coroa, e os Principaes Magistrados de Lisboa vierão a boa distancia buscallo ao caminho, e S. M. entrou na Cidade entre as acclamações do Povo transportado de prazer e alegria, e aos seis dias do mez de Dezembro. (*d*)

(*c*) Vertot l. c. f. 92. 93.
(*d*) D. Luiz de Menezes. Birago. Vertot. La Clede.

FIM DO TOMO II.

Harding and Wright, Printers,
St. John's Square, London.

001596